



**ESCOLA DAS
ADOLESCÊNCIAS**

CONSTRUIR UMA ESCOLA QUE FAÇA
MAIS SENTIDO E QUE PROMOVA
APRENDIZAGENS MAIS SIGNIFICATIVAS
PARA TODAS AS ADOLESCÊNCIAS

Guia de apoio ao desenvolvimento profissional de Coordenadores(as) Pedagógicos(as)



EIXO **DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL**



consed
Conselho Nacional de Secretários de Educação

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Ficha técnica

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO | MEC

Ministro da Educação

Camilo Sobreira de Santana

Secretário Executivo

Leonardo Barchini Rosa

Secretária de Educação Básica | SEB

Katia Helena Serafina Cruz Schweickardt

**Diretor de Políticas e Diretrizes
da Educação Integral Básica**

Alexsandro do Nascimento Santos

Coordenadora Geral de Ensino Fundamental

Tereza Santos Farias

Coordenadora de Projetos

Érika Botelho Guimarães

Técnica em Assuntos Educacionais

Ananda Carrias Lima Sousa

Analista administrativa

Letícia Ribeiro da Costa do Carmo

Técnica em Secretariado

Isaene Francisco Cordeiro dos Santos

Consultoria Especialista

Allan Greicon Macedo Lima

Livia Prado Martins

Stael Borges Campos

Victor Augusto Both Eyng

**Comitê Gestor Nacional do
Programa Escola das Adolescências (CONAPEA)****Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed)**

Vitor de Angelo - Presidente

Roseane Vasconcelos – Secretária de Estado
da Educação de Alagoas

**União Nacional dos Dirigentes
Municipais de Educação (Undime)**

Alessio Costa Lima - Presidente

José Marques Aurélio de Souza
– Dirigente Municipal de Educação de Jucás/CE
Presidente da Undime Ceará

Magda Elaine Sayão Capute
– Dirigente Municipal de Educação de Vassouras/RJ

APOIO TÉCNICO

Instituto Reúna**Diretoria Executiva**

Katia Stocco Smole

**Gerência de Desenvolvimento
e Inovação Institucional**

Priscila Santos de Oliveira

Coordenação do projeto

Dayane Costa da Silva

Mainara Guimarães

Verônica Mendonça

Pesquisa sobre Gestão Escolar

Roberta Panico

Tereza Perez

Organização do documento

Carolina Miranda

Cynthia Sanches

Leitura Crítica

Cristiane Carvalho

Mayana Hellen Nunes da Silva

PÓS-PRODUÇÃO

Revisão Textual

Raquel Saraiva

Diagramação

Felipe Uehara

Colaboradores da Rede Nacional de Articuladores do Programa Escola das Adolescências (RENAPEA)

■ UNDIME ■ CONSED

FERREIRA GOMES (AP)

- Regiane do Socorro Moreira Rodrigues
- Hildete Margarida de Souza

MOJU (PA)

- Carlos Jônatas Dias Negrão
- Adriana de Jesus Silva Sousa

PACARAIMA (RR)

- Cassandra Cezario Oliveira
- Gilvania Barbosa da Silva

BENJAMIN CONSTANT (AM)

- Odilene Bindá Bráulio
- Thayana Silva Pessoa

CRUZEIRO DO SUL (AC)

- Albertina Azevedo de Vasconcelos
- Maria das Dores Melo de Souza

CACOAL (RO)

- Silvana dos Santos Miguel Raymundo
- Elcilene Neves de Araujo Ribas

VÁRZEA GRANDE (MT)

- Paulo Sergio Chimello
- Helen Ilse Deniz Pietrowski

PONTA PORÃ (MS)

- Mirta Mabel Escovar Torraca Silva
- Jaqueline Almeida de Carvalho Dutra

RIO VERDE (GO)

- Walquiria Silva Carvalho
- Tamara Trentin

CASCAVEL (PR)

- Solange Fachin
- Ane Carolina Chimanski

NOVO HAMBURGO (RS)

- Neide Beatriz Rodrigues Vargas
- Rossana Ramos de Aguiar

JARAGUÁ DO SUL (SC)

- Gilmara Franco Ferreira da Cruz
- Fernanda Zimmermann Forster

RIO CLARO (SP)

- Danilo Soares Veloso
- Valéria Tarantello de Georgel

MARAJÁ DO SENA (MA)

- Antonio Bezerra Pessoas
- Daiane Lago Marinho Barboza

PALMAS (TO)

- Maria das Graças Alves dos Santos
- Kerley Alessandra Barbosa Reis

PORTO-PIAUI (PI)

- Juliane Lima
- Maria do Perpétuo Socorro França Costa

FORTALEZA (CE)

- Ana Márcia Maia
- Gadelha de Andrade
- Cristiano Rodrigues Rabelo

SÃO MIGUEL (RN)

- Francisco Clébio de Figueiredo
- Téogenes Maria da Silva

ESPERANÇA (PB)

- Leonardo Araújo Diniz
- Audileia Gonçalo da Silva

MACEIÓ (AL)

- Ricardo Almeida Maciel
- Fabiana Alves de Melo Dias

NOSSA SENHORA DO SOCORRO (SE)

- João Kennedy de Sá Passos
- Raiana Santos Reis

AFOGADOS DA INGAZEIRA (PE)

- Veratânia Lacerda Gomes de Moraes
- Eduardo de Santana Romão Andrade

ARATUÍPE (BA)

- Gilson Duarte Machado
- Gilbene Esquivel Souza

DISTRITO FEDERAL

- Fabiola Gonzaga de Freitas
- Beatriz Oliveira Gontijo

CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM (ES)

- Liviane Dias Freitas da Silva
- Rafaela Possato

SETE LAGOAS (MG)

- Márcia Adriana Barbosa da Veiga Valadares
- Rosely Lúcia de Lima

NITERÓI (RJ)

- Andrea Paiva de Figueiredo Pereira
- Rita de Cássia Manhães da Silva



Os municípios destacados representam as SEDUC dos técnicos da RENAPEA indicados pela UNDIME.

Sumário executivo

1 ADOLESCÊNCIAS E EQUIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Exploram-se as características e potencialidades das adolescências, integrando conhecimentos da neurociência e das ciências da aprendizagem. São discutidos os marcadores sociais da diferença que impactam os(as) adolescentes em contextos diversos, tais como condições socioeconômica, gênero, raça, sexualidade e diferentes tipos de deficiências. Destacam-se a importância da Semana da Escuta das Adolescências e de suas devolutivas para a composição de um plano de ação na unidade escolar.

2 A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA DAS ADOLESCÊNCIAS

Apresentam-se análises e recomendações sobre o trabalho da Coordenação Pedagógica nos Anos Finais, estruturadas em três dimensões: currículo e práticas pedagógicas; cultura e clima escolar; e gestão, formação e acompanhamento. Destacam-se o foco em seis prioridades: transição contínua entre etapas; clima escolar acolhedor e seguro; articulação entre escola, família e comunidade; aprendizagem e desenvolvimento integral; participação dos(as) adolescentes na vida escolar; e prevenção da violência e promoção da cultura de paz. Além disso, define-se equidade em termos de inclusão e justiça social, diferenciando-a de igualdade. Dialoga-se também sobre a perspectiva da escola como uma comunidade de aprendizagem.

3 MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO

Discute-se a importância do monitoramento e da avaliação contínuos na implementação da Política Nacional Escola das Adolescências no âmbito escolar, permitindo identificar, analisar e ajustar continuamente as estratégias adotadas para que estejam alinhadas aos objetivos de qualidade e equidade para a educação integral de todos(as) os(as) adolescentes, oferecendo devolutivas que fundamentam a tomada de decisões.

Apresentação

Prezados(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as)¹,

Este Guia se destina a você, que atua na coordenação pedagógica de uma unidade escolar pública municipal, estadual ou distrital dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Ele apresentará, em detalhes, o eixo de Desenvolvimento profissional da **Política Nacional Escola das Adolescências**.

Essa política tem como objetivo construir uma proposta para os Anos Finais do Ensino Fundamental que se conecte com as diversas formas de viver as adolescências no Brasil, promovendo um espaço acolhedor e impulsionando a qualidade social da oferta educativa, melhorando o acesso, o progresso e o desenvolvimento integral dos(as) estudantes. Essa é uma estratégia do Governo Federal de apoio técnico-pedagógico e financeiro para viabilizar o alcance das metas 2 e 7 do Plano Nacional de Educação 2014-2024, para essa etapa da Educação Básica.

Dentre os muitos desafios enfrentados nos Anos Finais, período que abrange do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, destacam-se: a responsabilidade compartilhada da oferta entre estados e municípios, o pouco conhecimento sobre as necessidades e especificidades dos(as) adolescentes (especialmente em relação ao neurodesenvolvimento), a defasagem e a desigualdade nos resultados de aprendizagem, além de questões como formação docente, alocação de matrículas e organização de uma transição eficaz e acolhedora entre os Anos Iniciais e Finais, bem como para o Ensino Médio.

Os desafios podem ser vistos como uma oportunidade para que os diferentes entes federativos colaborem entre si na redução das desigualdades educacionais, além da possibilidade de dialogar com os interesses, contextos e demandas dos(as) adolescentes; promover aprendizagens essenciais em um momento singular de desenvolvimento físico, emocional, intelectual, social e cultural; e recompor aprendizagens não consolidadas que ainda podem ser alcançadas antes da transição para o Ensino Médio, atuando para diminuir a evasão e o

¹ Neste documento, é utilizada a terminologia coordenador(a) pedagógico(a). Essa denominação e a própria configuração do trabalho (coordenação de escola, de área e de turno) varia de acordo com a rede de ensino, podendo ser pedagogo(a), orientador(a) pedagógico(a), supervisor(a) pedagógico(a), entre outros(as).

abandono escolar. Por isso, os Anos Finais merecem uma identidade própria e bem definida, além de um apoio efetivo, para que estudantes e professores(as) possam construir uma trajetória de sucesso escolar.

É nesse cenário que a Política Nacional Escola das Adolescências reúne um conjunto de estratégias que valorizam o contexto sociocultural e o momento de desenvolvimento em que os(as) estudantes dos Anos Finais se encontram. Essas estratégias focam o potencial de aprendizagem, estabelecem apoio às transições escolares e organizam formas de organizar tempos e espaços para instituir um currículo intencional, que amplia e articula diferentes experiências formativas na perspectiva dos letramentos, do desenvolvimento socioemocional e da autonomia intelectual.



CONSTRUIR UMA ESCOLA QUE FAÇA MAIS SENTIDO E QUE PROMOVA APRENDIZAGENS MAIS SIGNIFICATIVAS PARA TODAS AS ADOLESCÊNCIAS

Para construir uma escola das adolescências, a Política apresenta estratégias que valorizam a etapa de desenvolvimento dos(as) estudantes dos Anos Finais. Essas estratégias focalizam oportunidades de aprendizagem, oferecem apoio às transições escolares e reorganizam tempos e espaços para instituir um currículo que amplia os letramentos, o desenvolvimento socioemocional e a autonomia.

CENÁRIO*
Anos Finais na rede pública

+47 MIL escolas

+9 MILHÕES de estudantes

Rede Municipal	Rede Estadual
52,6%	47,2%

OBJETIVOS que queremos alcançar

ARTICULAÇÃO
de rede interfederativa que apoia as transições entre as etapas, dos Anos Iniciais para os Anos Finais, e dos Anos Finais para o Ensino Médio.

ATENDIMENTO
aos(as) estudantes, por meio do aprimoramento da governança, do desenvolvimento profissional, da organização curricular e pedagógica e do engajamento de lideranças.

ACOLHIMENTO
e o desenvolvimento socioemocional dos(as) estudantes, reconhecendo a importância do clima e da convivência escolar.

APRENDIZAGEM
para todos e todas com qualidade e equidade, assegurando trajetórias educacionais de sucesso.

APOIO TÉCNICO E FINANCEIRO
para viabilizar o alcance das metas

- Materiais e Guias
- Trilhas formativas AVAMEC
- Apoio financeiro focalizado para escolas prioritizadas (critérios socioeconômico e étnico-racial)

pne
PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

2 7

EIXOS ESTRATÉGICOS da Política

- 1 GOVERNANÇA**
Centralidade na articulação interfederativa, com foco no fortalecimento do regime de colaboração e na constituição de uma governança com olhar sobre os territórios.
- 2 DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL**
Centralidade nos processos de formação continuada de profissionais da educação, para potencializar a atuação junto aos(as) estudantes adolescentes.
- 3 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E PEDAGÓGICA**
Centralidade na organização de tempos e espaços curriculares, para potencializar o percurso formativo e a aprendizagem nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

*Fonte: Censo Escolar, 2024.

Diante desses desafios e potencialidades, a coordenação tem um papel essencial na liderança pedagógica e na articulação da rede de saberes que compõe a escola. Atuando em parceria com diferentes atores, busca garantir que todos(as) os(as) estudantes aprendam e se desenvolvam plenamente, ao mesmo tempo em que proporciona à equipe docente oportunidades de aprendizagem contínua.

A atuação da coordenação pedagógica ocorre de diversas formas: junto à direção escolar, no planejamento e acompanhamento do cotidiano escolar; na implementação do Projeto Político Pedagógico, elaborado em parceria com a comunidade escolar; na interlocução com equipes docentes e técnicos da Secretaria de Educação; na formação docente em serviço; na mediação com as famílias; e no acompanhamento das aprendizagens dos(as) estudantes.

Para fortalecer a qualidade social da oferta educativa nos Anos Finais para os(as) estudantes brasileiros(as) desta etapa, a Política Nacional Escola das Adolescências prioriza três eixos estratégicos: **Governança, Desenvolvimento profissional e Organização curricular e pedagógica**. Cada eixo conta com recursos e materiais que orientam as equipes técnicas, equipes de gestão escolar e professores(as) na implementação da proposta, conforme ilustrado a seguir.

Conheça os Guias de Apoio à Implementação

1 GOVERNANÇA



PÚBLICO-ALVO:
Secretário(a) de Educação

Destaca as características das adolescências e indica elementos importantes para a promoção da colaboração interfederativa, a fim de melhorar transições educacionais e a alocação de matrículas nos territórios.

2 DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL



PÚBLICO-ALVO:
Equipes Técnicas de Secretaria



PÚBLICO-ALVO:
Direção Escolar



PÚBLICO-ALVO:
Coordenação Pedagógica

Instrumentalizam os(as) profissionais das equipes técnicas, de gestão escolar e docentes, focando no desenvolvimento profissional e em estratégias necessárias para a implementação da Política Nacional Escola das Adolescências.

3 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E PEDAGÓGICA



PÚBLICO-ALVO:
Direção Escolar,
Coordenação Pedagógica
e Professores(as)

Recomenda inovações curriculares e a criação de comunidades de práticas nas escolas.



Cadernos de Inovação Curricular (CIC)

Orientam novas práticas nas escolas

Todos os Guias possuem uma trilha formativa no AVAMEC

Este *Guia de apoio ao desenvolvimento profissional dos(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as)* é um recurso técnico do eixo **Desenvolvimento Profissional**, voltado a instrumentalizar a liderança pedagógica da escola, tanto para o aprimoramento contínuo dos(as) próprios(as) profissionais quanto para a implementação das ações que estruturam a política no contexto escolar. Para entender melhor os 3 eixos da Política Nacional Escola das Adolescências, consulte o artigo 7º da Portaria nº 635 [aqui](#).

O eixo Desenvolvimento Profissional, cuja centralidade é apoiar os processos de formação continuada dos(as) profissionais da educação para potencializar a atuação junto aos(as) estudantes adolescentes, é composto por três guias, cada um deles direcionado a diferentes perfis de profissionais: equipes técnicas, diretores(as) escolares e coordenadores(as) pedagógicos(as).

Considerando o cenário de um Brasil diverso, com realidades regionais distintas, as atribuições e o funcionamento das Secretarias de Educação variam significativamente entre os territórios, refletindo as especificidades locais. Nesse contexto, para padronizar a comunicação, este Guia adota os seguintes termos:

- **Secretaria de Educação:** reúne o órgão central, regionais de ensino - quando houver - e escolas..
- **Equipe Técnica de Secretaria:** técnicos(as) que trabalham nas gerências executivas do órgão central da secretaria e nas regionais de ensino - quando houver.
- **Rede:** engloba a secretaria, órgão central e regionais de ensino e as escolas.
- **Diretor(a) Escolar:** liderança principal da escola.
- **Gestão Escolar:** engloba o(a) diretor(a) escolar, o(a) vice-diretor(a) e o(a) coordenador(a) pedagógico(a).
- **Lideranças educacionais:** considera os(as) secretários(as) de educação, técnicos(as) da secretaria e das regionais de ensino - quando houver - e gestores(as) escolares - diretores(as), vice-diretores(as) e coordenadores(as) pedagógicos(as).

O primeiro capítulo apresenta as principais especificidades e potencialidades das adolescências, abordando tanto aspectos relacionados à neurociência e suas interações com as ciências da aprendizagem quanto reflexões sobre os marcadores sociais da diferença que impactam os(as) adolescentes em contextos diversos, como condições socioeconômicas, gênero, raça, sexualidade e diferentes tipos de deficiência. Além disso, discute-se a importância da Semana da Escuta das Adolescências e como realizar as devolutivas.

O segundo capítulo traz reflexões e recomendações sobre como estruturar o trabalho da Coordenação Pedagógica nos Anos Finais, em alinhamento com a atuação do(a) Diretor(a) Escolar. O objetivo é organizar uma escola comprometida com a qualidade e a equidade na educação², que dialogue com os princípios explorados no primeiro capítulo. Para isso, o texto destaca três dimensões da atuação da Coordenação Pedagógica: currículo e práticas pedagógicas; cultura e clima escolar; e gestão, formação e acompanhamento. De maneira transversal a essas dimensões, apresenta-se a estrutura para a implementação da Política Nacional Escola das Adolescências nas escolas, com base em seis focos principais: transição contínua entre etapas; um clima escolar acolhedor e seguro para os(as) adolescentes; articulação entre escola, família e comunidade; aprendizagem e desenvolvimento integral para todos(as); participação dos(as) adolescentes na vida escolar; e prevenção da violência, promoção da cultura de paz e construção de uma comunidade de aprendizagem. Além disso, são discutidas ações e práticas voltadas à formação continuada na escola, ao acompanhamento da prática docente e ao desenvolvimento profissional da equipe, desenvolvimento profissional, em parceria com o(a) Diretor(a) Escolar.

Para encerrar, o terceiro capítulo propõe caminhos para o monitoramento e avaliação da implementação da Política no âmbito escolar, possibilitando a identificação, análise e ajuste contínuo das estratégias adotadas. O objetivo é

² A qualidade e a equidade na educação pública referem-se a dois pilares essenciais para garantir um sistema educacional justo e eficaz. A qualidade diz respeito ao fornecimento de ensino de alto padrão, com currículos relevantes, professores(as) bem formados(as) e recursos adequados, buscando-se, com esse conjunto, promover uma aprendizagem inclusiva, com sentido e significado, e que contribua com o desenvolvimento cidadão e crítico, o bem-estar e pertencimento dos(as) estudantes e suas comunidades. Já a equidade visa assegurar que todos(as) os(as) estudantes, independentemente de sua condição socioeconômica, raça, gênero ou localização, tenham acesso a essas oportunidades de aprendizagem, minorando desigualdades e promovendo inclusão. Juntas, qualidade e equidade são fundamentais para construir uma educação pública que transforme vidas e contribua para o desenvolvimento social.

garantir que essas estratégias estejam alinhadas aos objetivos de qualidade e equidade, promovendo o desenvolvimento integral e a aprendizagem dos(as) adolescentes.

É importante ressaltar que, considerando a diversidade presente nas redes de ensino, este documento foi desenvolvido com foco em orientação e recomendação, respeitando a autonomia, as capacidades institucionais e as experiências prévias de cada profissional e de sua rede de ensino.

A colaboração de todos os envolvidos na educação dos(as) adolescentes é fundamental para o sucesso da Política Nacional Escola das Adolescências. A garantia do direito à educação de qualidade, com uma oferta inclusiva, equitativa, sustentável e democrática para todos(as) os(as) adolescentes, depende de um esforço intencional e coletivo. Juntos, podemos construir uma escola mais acolhedora, que respeite as especificidades de cada adolescente e promova sua aprendizagem e desenvolvimento integral.

Por isso, contamos com você, Coordenador(a) Pedagógico(a), para liderar, em parceria com toda a equipe de gestão escolar, a garantia desse direito e a construção de uma Escola das Adolescências em sua unidade escolar.

Boa leitura!

OS OBJETIVOS CENTRAIS DA POLÍTICA

A Política Nacional Escola das Adolescências tem como um de seus objetivos centrais a aprendizagem para todos(as), de modo a assegurar trajetórias educacionais de sucesso. Outro objetivo central é promover, de modo intencional e estruturado, o acolhimento e o desenvolvimento socioemocional dos(as) estudantes, reconhecendo a importância do clima e da convivência escolar.



Sumário

Introdução

Os Anos Finais do Ensino Fundamental apresentam duas grandes oportunidades. A primeira diz respeito ao momento singular do desenvolvimento humano vivido pelos(as) adolescentes, que, se bem aproveitado, pode favorecer significativamente a aprendizagem e o desenvolvimento integral. A segunda envolve a criação de políticas públicas específicas que tornem a escola mais relevante e engajadora para essa faixa etária, contribuindo para a continuidade e regularidade da trajetória dos(as) estudantes.

Essa etapa de quatro anos compreende o período da adolescência, com suas especificidades, potencialidades, principais características e transformações, sendo esse o ponto de partida para a construção da Política Nacional Escola das Adolescências. Nesse contexto, cinco questões-chave se apresentam aos(às) Coordenadores(as) Pedagógicos(as):

- Quem são os(as) estudantes dos Anos Finais?
- Quais são os desafios e potencialidades vivenciados durante a adolescência?
- Qual é o papel estratégico dos(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as), como parte da equipe gestora, na garantia dos princípios norteadores da educação com equidade nos Anos Finais do Ensino Fundamental?
- Que tipos de apoio, orientação e formação a Coordenação Pedagógica pode oferecer aos(às) professores(as) dos Anos Finais?
- Quais são as dimensões que devem ser estruturadas para a implementação, monitoramento e avaliação da política?

As respostas a essas perguntas envolvem reflexões diversas, que vão desde compreender as adolescências e escutar os(as) adolescentes até aprofundar o entendimento sobre esse momento único do desenvolvimento humano. Além disso, é fundamental considerar os desafios da educação pública brasileira, cuja gestão escolar nos Anos Finais do Ensino Fundamental está dividida entre estados (47,2% das matrículas) e municípios (52,6% das matrículas)³. Portanto, abordar tais questões exige a articulação de diversos atores na construção da Escola das Adolescências, bem como, em muitos casos, a colaboração entre os entes federados.

A seguir, conheça os princípios norteadores para o desenvolvimento integral dos(as) adolescentes que orientam a Política Nacional Escola das Adolescências.

³ Fonte: Censo Escolar, 2023.

7 princípios norteadores do desenvolvimento integral dos(as) adolescentes

1 PROTAGONISMO DO(A) ESTUDANTE

Fomentar o protagonismo do(a) estudante ao trazê-lo(a) para o centro das práticas educativas, conectando-o(a) com seus anseios e estimulando sua autonomia para aprender e fazer escolhas. Reconhecer o protagonismo do(a) estudante na aprendizagem e na construção de seus projetos de vida, em uma perspectiva ética, considerando o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

2 APRENDIZAGEM PARA TODOS(AS)

Acreditar no potencial dos(as) estudantes, cultivando altas expectativas de aprendizagem e reconhecendo que todos(as) são capazes de aprender. Há comprometimento com os direitos de aprendizagem e desenvolvimento previstos na BNCC, respeitando os diversos ritmos, com uso de metodologias que valorizam as necessidades específicas de cada estudante para não deixar ninguém para trás.

3 DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

Oferecer oportunidades intencionais e articuladas ao currículo para o desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional dos(as) estudantes.

4 PERTENCIMENTO, BEM-ESTAR E SAÚDE

Instituir e fortalecer ambientes físicos e sociais seguros, saudáveis, protegidos e inclusivos. O currículo, as práticas pedagógicas e o modelo de gestão apoiam os aspectos físicos, socioemocionais e psicológicos da saúde e do bem-estar dos(as) estudantes e educadores(as), e promovem um clima escolar de acolhimento e cuidado.

5 EQUIDADE, INCLUSÃO E DIVERSIDADE

Definir e implementar práticas antirracistas, antissexistas, anticapacitistas e democráticas, com vistas à equidade e à inclusão. Garantir, por meio do reconhecimento e da valorização da diversidade, o acesso e a permanência de modo equânime, além da conclusão escolar, o fortalecimento das identidades e a promoção de um clima acolhedor para todos(as).

6 AMPLIAÇÃO DOS ESPAÇOS EDUCATIVOS

Investir na ampliação dos espaços educativos, considerando todos os espaços intra e extraescolares. Analisar, planejar e compor o projeto pedagógico escolar em integração com a comunidade na qual a escola se insere.

7 DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DA EQUIPE PEDAGÓGICA

Investir no desenvolvimento profissional de gestores(as) e professores(as), preparando-os(as) para a implementação do currículo, por meio de formação continuada centrada nos contextos de trabalho e necessidades específicas indicadas pelos(as) profissionais ou mapeadas pelas lideranças.

Para garantir a implementação da Política Nacional Escola das Adolescências de maneira a impulsionar a qualidade social da educação, melhorando o acesso, o progresso e o desenvolvimento integral dos(as) estudantes dos Anos Finais, é fundamental assegurar a **coerência pedagógica sistêmica**. Isso significa que as práticas e estratégias devem integrar, de forma orgânica, os principais elementos do processo de ensino e aprendizagem: **currículo, formação de professores(as), recursos e propostas didáticas, além das avaliações**.

A coerência pedagógica sistêmica exige um olhar atento e cuidadoso da equipe de gestão escolar sobre esses quatro elementos, que devem interagir de maneira articulada para garantir que a aprendizagem definida nos currículos aconteça, de fato, para todos(as) os(as) estudantes. Além disso, essa aprendizagem deve ocorrer em um contexto de desenvolvimento integral, seguro e alinhado ao território de origem de cada estudante. Assim, as decisões podem ser orientadas para o alcance de metas de aprendizagem, a criação de culturas colaborativas, a garantia do aprendizado, o estabelecimento de estratégias de acompanhamento e monitoramento, além da sustentabilidade financeira das ações.

Nesse contexto, os(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as), em parceria com os(as) Diretores(as), desempenham um papel estratégico e fundamental como lideranças educacionais promotoras da equidade. Por isso, este Guia propõe recomendações, ferramentas e abordagens para fomentar este trabalho nas escolas.

1



Adolescências e equidade no contexto escolar

Este capítulo apresenta as principais especificidades e potencialidades das adolescências, abordando tanto aspectos relacionados à neurociência e suas interações com as ciências da aprendizagem quanto reflexões sobre os marcadores sociais da diferença, que se manifestam de distintas formas e podem ter diversos desdobramentos, dependendo do contexto de cada adolescente.

Além disso, o capítulo destaca a importância dos resultados da Semana de Escuta das Adolescências na construção de um Plano de Ação Participativo, com potencial para transformar o ambiente escolar em um espaço de desenvolvimento integral para os(as) estudantes.

1.1 Adolescências na escola: desenvolvimento, singularidades e diversidades

Compreender a etapa da adolescência, com suas especificidades, potencialidades e transformações, é o ponto de partida para a construção da Escola das Adolescências. Reconhecer que o desenvolvimento dessa fase é marcado pela diversidade permite estabelecer relações pautadas no respeito mútuo, garantindo que as diferenças não se transformem em desigualdades ou exclusões.

Este capítulo tem como objetivo apoiar os(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as) na reflexão sobre:

- Quem são os(as) estudantes dos Anos Finais e quais desafios e potencialidades vivenciam durante a adolescência, considerando as principais características e transformações do cérebro nesse período;
- O direito dos(as) estudantes de acesso a uma educação que atenda às suas necessidades e especificidades, com uma proposta pedagógica que tenha como foco a aprendizagem e o desenvolvimento integral.

Os(as) estudantes que chegam aos Anos Finais do Ensino Fundamental vivenciam um momento singular de desenvolvimento físico, emocional, intelectual, social e cultural, pois estão em plena transição da infância para a adolescência. Essa fase, frequentemente vista apenas como uma transição da infância para a vida adulta, é, em muitos casos, tratada somente como uma ponte entre os Anos Iniciais e o Ensino Médio. A proposta da Política Nacional Escola das Adolescências é ampliar esse olhar, reconhecendo os(as) estudantes dos Anos Finais como protagonistas de uma etapa fundamental do seu desenvolvimento humano.

Os(as) estudantes dos Anos Finais: mudanças e transições

De	Para
Desenvolvimento da capacidade cognitiva de representação	Desenvolvimento da capacidade cognitiva de abstração
Corpo infantil	"Estirão" e a maturação da sexualidade
Família possui grande influência	Pares passam a ter grande influência
Relações de dependência com adultos	Relações de colaboração e autonomia com adultos
Rotinas e hábitos conhecidos	Novas rotinas e maior autogestão para lidar com as múltiplas tarefas
Menor diferenciação de componentes curriculares	Maior diferenciação de componentes curriculares
Professor(a) de referência	Diversos(as) professores(as) especialistas

Fonte: Referencial Pedagógico de Educação Integral para os Anos Finais do Ensino Fundamental (2024)

Durante a adolescência, ocorre um conjunto de mudanças no sistema neuroendócrino - responsável pelas alterações hormonais - e na forma como a sociedade percebe e se relaciona com o indivíduo. Essas transformações afetam diretamente o modo como os(as) adolescentes se comportam, convivem e aprendem.

De acordo com pesquisas recentes no campo da neurociência, a fase mais intensa do desenvolvimento cerebral humano acontece durante a adolescência, com um acentuado processo de amadurecimento que ocorre entre os 13 e 25 anos (Herculano-Houzel, 2015; Siegel, 2016; Blakemore, 2009; Steinberg, 2005). Esse período marca **o último estágio da vida em que o cérebro apresenta grande plasticidade**, como destaca o professor e psicólogo Laurence Steinberg (2005).

Compreender as características cerebrais e o desenvolvimento do cérebro durante a adolescência contribui significativamente para a melhoria do aprendizado dos(as) estudantes e para a eficácia do ensino. Por exemplo, o trabalho com as habilidades das funções executivas - como memória, autocontrole, autorregulação, autoconsciência, tomada de decisão, organização e a resolução de problemas - é extremamente importante, especialmente nos Anos Finais. Nessa fase, os(as) estudantes começam a fazer escolhas de forma mais autônoma

e são demandados(as) a assumir maiores responsabilidades em relação aos estudos e à organização pessoal, tanto na escola quanto em casa.

Qualidades (atributos) da mente adolescente		
	Por um lado...	Por outro lado...
Busca por novidade	Está aberta à mudança e vive apaixonadamente, enquanto a exploração da novidade se baseia em um fascínio pela vida e no impulso de projetar novas maneiras de fazer as coisas e de viver com um senso de aventura.	A busca por sensações e riscos que enfatizam a emoção e minimizam os perigos pode resultar em comportamentos arriscados, capazes de causar danos físicos, morais e emocionais. A impulsividade pode transformar uma ideia em ação sem a reflexão necessária sobre suas consequências.
Engajamento social	O impulso para a conexão social leva à criação de relações de apoio, que são consideradas os melhores indicadores de bem-estar, longevidade e felicidade ao longo da vida.	Adolescentes isolados dos adultos e cercados apenas por outros adolescentes têm maior probabilidade de assumir riscos. A rejeição total dos mais velhos, bem como do conhecimento e do raciocínio adultos, aumenta ainda mais esses riscos.
Aumento da intensidade emocional	A vida vivida com intensidade emocional pode ser repleta de energia e de um senso de impulso vital, resultando em exuberância e alegria por fazer parte do mundo.	A emoção intensa pode assumir o controle, levando à impulsividade, à depressão e a uma reatividade extrema, o que pode prejudicar a construção de vínculos sociais.
Exploração criativa	O raciocínio abstrato e o novo pensamento conceitual que emergem na adolescência permitem o questionamento do <i>status quo</i> , o uso de estratégias inovadoras para abordar problemas e a criação e aplicação de novas ideias.	A busca pelo sentido da vida pode levar a uma crise de identidade, à vulnerabilidade em relação à pressão dos pares e a uma perda de direção e propósito.

Fonte: Adaptado de Siegel (2016)

No âmbito psicossocial, as mudanças estão relacionadas ao desenvolvimento das relações interpessoais, à construção da identidade, à gestão das emoções e aos comportamentos sociais. A adolescência é um período em que as amizades se tornam cada vez mais importantes para o desenvolvimento social e emocional. Elas fornecem apoio, compreensão e um senso de pertencimento, complementando o suporte familiar, educacional e escolar, formando assim um sistema robusto de apoio ao desenvolvimento do indivíduo (Yang *et al.*, 2023; Zhou *et al.*, 2023).

Durante essa fase, os(as) adolescentes começam a pensar de forma mais abstrata, complexa e crítica, o que está intimamente ligado ao desenvolvimento da capacidade de perspectiva social. Eles passam a reconhecer e compreender diferentes pontos de vista e realidades, um processo que se estende até a fase adulta (Papalia, 2021; Costa, 2023).

Essas características fazem com que a forma de aprender dos(as) adolescentes seja diferente dos períodos anteriores do desenvolvimento, influenciando diretamente como eles(as) vão aprender e utilizar os conhecimentos e competências adquiridos nos estágios subsequentes de sua vida. Por isso, promover o desenvolvimento socioemocional e o fortalecimento das habilidades das funções executivas, com destaque para a metacognição e na autorregulação emocional de forma intencional e planejada na escola, é algo que deve ser transversal a todo o currículo e às diferentes áreas do conhecimento.

Embora certas características do desenvolvimento adolescente sejam consideradas universais, **é fundamental abordar o conceito no plural, por isso, fala-se em adolescências**, não considerando o(a) adolescente um sujeito genérico. Especialmente em um país continental e diverso como o Brasil, existem especificidades - histórico familiar, condições socioeconômicas, gênero, raça, sexualidade, território, entre outras - que podem afetar de maneiras distintas a forma como cada pessoa vivencia essa etapa da vida.

Os **marcadores sociais** são categorias que nos ajudam a evidenciar a construção social das diferenças encontradas entre as pessoas. A partir dessa construção, são instituídas hierarquias, assimetrias, discriminações e desigualdades. Nesse contexto, as diferenças privilegiam algumas pessoas, oferecendo-lhes uma melhor qualidade de vida em detrimento de grupos socialmente excluídos. Raça, gênero, classe, sexualidade e deficiência são algumas das categorias que marcam socialmente as experiências de vida.

Na escola e na adolescência, esses marcadores sociais da diferença se fazem presentes e podem ter diferentes desdobramentos, dependendo do contexto de cada adolescente. Um(a) único(a) estudante pode ter sua existência atravessada por mais de um marcador social, o que impacta ainda mais as oportunidades e os acessos que terá ao longo da vida. Por exemplo, uma adolescente mulher negra e um adolescente indígena com alguma deficiência podem vivenciar múltiplas situações de opressão e de dificuldade de acesso à educação de qualidade, como evidenciado nos dados apresentados a seguir.

Estudantes pretos e pardos têm duas vezes mais chances de abandonar a escola do que os estudantes brancos.

(Unicef, 2019)

Em 2023, das 9 milhões de pessoas que **não completaram o Ensino Médio no Brasil, 71,6% eram pretas e pardas.**

Entre os brancos, a porcentagem foi de 27,4%.

(PNAD contínua, 2023)

A área de exatas concentra algumas das principais desigualdade entre meninos e meninas, o que pode ser explicado pela reprodução de estereótipos de gênero na escola.

Os meninos apresentaram um desempenho 41,8 pontos maior do que as meninas em Matemática, e 24,3 pontos de vantagem em Ciências da Natureza.

(Estudo do Núcleo de Pesquisa em Desigualdades Escolares da UFMG, a partir de dados da Prova Brasil entre 2005 e 2013)

Estudantes negros no último ano do Ensino Fundamental sofrem mais violência do que estudantes brancos na mesma série.

(Loschi, 2019)

Em 2023 o Brasil possuía **1.527.794 estudantes na Educação Especial e apenas 21,5% das escolas públicas têm uma sala de recursos,**

embora 74,4% tenham matrículas na Educação Especial.

(Painel de Indicadores da Educação Especial)

82% das pessoas trans abandonam a escola entre os 14 e os 18 anos.

(Rede Nacional de Pessoas Trans, 2017)

O Brasil possui 3.466 escolas indígenas.

No entanto, **30% delas não têm energia, 63% não têm acesso à água potável,**

e apenas 10% das escolas localizadas em aldeias contam com acesso à internet.

(Censo Escolar, 2021)

Devido ao acúmulo de repetências, as taxas de evasão escolar aumentam a partir dos Anos Finais, principalmente entre os meninos. No 9º ano **as meninas passam a ser a maioria, representando 50,8% das estudantes.**

(Censo Escolar, 2019)

A escola precisa ser um espaço de acolhimento das identidades adolescentes em suas mais variadas dimensões, como gênero, sexualidade, raça, etnia, corpos, deficiências e ritmos de aprendizagem. Por isso, é responsabilidade de todos(as) os(as) profissionais da educação **promover a equidade, abordando essa temática sob a perspectiva interseccional.** Isso envolve o **desenvolvimento e incentivo de estratégias para combater as discriminações no contexto escolar.**

A interseccionalidade é um conceito criado pela pesquisadora e ativista Kimberlé Crenshaw, com o objetivo de revelar de que forma as interações e sobreposições entre os marcadores sociais aprofundam os impactos dos sistemas e dispositivos de opressão e exclusão social na vida das pessoas.

Para conhecer e compreender os termos e nomenclaturas relacionados às diversidades, recomenda-se a leitura do [Glossário da Diversidade](#), elaborado pela Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades (SAAD), órgão executivo central integrante da Administração Superior da Universidade Federal de Santa Catarina. O material abrange as diversidades de acessibilidade, étnico-raciais, gênero, equidade socioeconômica e inclusão digital.

Incluir todas as adolescências, especialmente as mais vulneráveis

Quando há obstáculos e negações ligados ao direito à educação que atingem os grupos historicamente excluídos, como estudantes negros(as), populações indígenas e comunidades tradicionais, pessoas com deficiência (PCD) e pessoas LGBTQIAPN⁴, há, como consequência, o aumento da probabilidade de os(as) estudantes não darem continuidade aos estudos.

De acordo com o Censo Escolar da Educação Básica (2023), 17% dos(as) estudantes dos Anos Finais estão em distorção idade-ano. Esse dado é relevante, pois a distorção idade-ano está frequentemente associada a maiores riscos de abandono e evasão escolar, menores taxas de conclusão e dificuldades acadêmicas. Além disso, essa distorção ocorre de forma desigual e está atrelada a marcadores de desigualdades sociais, como segregação socioespacial, raça, gênero e deficiência.

Estudos apontam que os grupos mais vulneráveis são os adolescentes do gênero masculino, indígenas, negros e com deficiência. Portanto, esse é um indicador fundamental para Coordenadores(as) Pedagógicos(as) na identificação dos(as) estudantes que precisam de apoio adicional para regularizar suas trajetórias educacionais, por meio do reconhecimento de suas dificuldades e da recomposição das aprendizagens, apoiada por um currículo diferenciado, que tenha como objetivo explícito a promoção da aprendizagem e o desenvolvimento desses(as) estudantes em defasagem idade-ano.

⁴ O movimento LGBTQIAPN+ é um movimento político e social que defende o respeito à diversidade e busca mais representatividade e a garantia de direitos para essa população. Cada letra da sigla representa um grupo de pessoas: L = Lésbicas; G = Gays; B = Bissexuais; T = Transgêneros e Travestis; Q = Queers; I = Intersexo; A = Assexuais; P = Pansexuais; N = Não-Binários. O sinal de mais (+), no final da sigla é utilizado para incluir outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo, mas que não aparecem mencionadas explicitamente na sigla.

Construir uma Escola das Adolescências demanda que as **equipes escolares adotem uma visão positiva sobre essa fase**, superando as visões estereotipadas e negativas e deixando de ver os(as) adolescentes como um problema, passando a vê-los(as) a partir de seus potenciais. Nesse sentido, um aspecto essencial é deixar de perceber o(a) adolescente como alguém incompleto(a) ou um(a) "vir-a-ser". É preciso tratá-lo(a) como um sujeito do presente, com suas demandas, desejos, interesses e conhecimentos. Como destaca Daniel Siegel (2016), **"a adolescência não é apenas uma etapa a ser superada, e sim uma etapa da vida para ser cultivada da forma certa"**.

É preciso superar o estigma sobre os adolescentes independentemente de raça, gênero ou deficiência



De

PROBLEMA

Adolescência como uma fase terrível da vida

A visão adultocêntrica, muitas vezes, refere-se ao (à) adolescente como um ser inacabado e complicado, valendo-se de adjetivos como inseguros, imaturos, preguiçosos, rebeldes, sonhadores, desligados, "do contra", entre outros. É preciso superar essas visões estigmatizadas.

O que é de fato natural da adolescência é uma série de modificações físicas, psicológicas e sociais.



É preciso superar o olhar do "aborrecente" e partir para uma perspectiva muito mais construtiva sobre as possibilidades dessa etapa.



Para

OPORTUNIDADE

Adolescência como uma fase repleta de ricas oportunidades para o desenvolvimento

Até porque, segundo a psicologia, o problema ou a solução sempre estão associados a um contexto, e o desenvolvimento dos(as) adolescentes depende da sua interação com cada ambiente específico.

Fonte: Adaptado de Projeto Faz Sentido (2016, p. 12)



Saiba mais

Para uma compreensão mais aprofundada sobre as adolescências, consulte o **Capítulo 1, 'As Adolescências'** no **Guia de Apoio às Transições e Alocações de Matrícula**, disponível [aqui](#).



1.2 Semana da Escuta das Adolescências nas Escolas: nada para os(as) adolescentes sem os(as) adolescentes

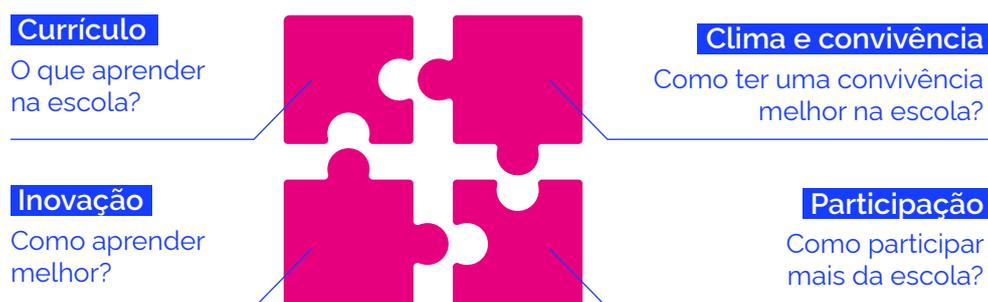
Na construção de uma Escola das Adolescências, é necessário ouvir os(as) estudantes. Mas como fazer isso de forma sistêmica e com metodologia?

Os elementos desta seção têm o objetivo de apoiar os(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as) na reflexão sobre:

- O que foi a Semana da Escuta das Adolescências nas Escolas;
- A importância do processo de escuta dos(as) adolescentes para construir uma visão mais abrangente sobre as necessidades da escola e fortalecer o planejamento das ações pedagógicas;
- Como realizar devolutivas estruturadas a partir das escutas realizadas na escola e utilizá-las para reorganizar os processos pedagógicos da unidade escolar;
- O que pode ser feito caso a escola não tenha participado da Semana da Escuta das Adolescências.

Uma escola mais acolhedora se traduz em um espaço onde os(as) adolescentes se sentem seguros(as), valorizados(as) e apoiados(as), tanto academicamente quanto emocionalmente. Isso engloba práticas pedagógicas pautadas na equidade e que celebrem a diversidade cultural, étnico-racial, de gênero e de condições corporais, promovendo uma cultura escolar de respeito mútuo, empatia, bem-estar e valorização das diferenças. Por isso, o primeiro passo para conhecer as demandas dos(as) adolescentes foi a realização da **Semana da Escuta das Adolescências nas Escolas**⁵, em maio de 2024. Mais de 20 mil escolas foram mobilizadas e mais de 2,2 milhões de estudantes foram ouvidos(as).

A escuta foi organizada em quatro eixos:



⁵ Todas as orientações, materiais, vídeos e a devolutiva podem ser acessados na página da Semana da Escuta das Adolescências.

Semana da Escuta das Adolescências nas Escolas

O que é	Para que serve	Como fazer
Mobilização nacional que envolveu redes e escolas de todo país na promoção de escutas com estudantes adolescentes dos Anos Finais do Ensino Fundamental com enfoque em quatro eixos: currículo; clima e convivência; inovação; e participação.	Para escutar o que os(as) estudantes pensam sobre a escola dos Anos Finais e o que desejam para ela.	Acessar, analisar e discutir coletivamente os relatórios com os resultados, disponíveis no site da iniciativa, bem como os materiais de orientação. Promover conversas e elaborar um plano de ação para fortalecer a escola como um espaço conectado com as adolescências.

Minha escola participou da Semana da Escuta. O que devo fazer agora?

A Coordenação Pedagógica, junto com demais profissionais da equipe gestora:

- Analisa o relatório com os resultados da escuta realizada em sua escola e/ou município, disponível na [página da Semana da Escuta das Adolescências](#);
- Apropria-se do documento [Roteiro de devolutiva para gestores de escola](#), desenvolvido para apoiar a equipe gestora com estratégias para endereçar as informações obtidas na escuta;
- Estuda o documento [Roteiro de devolutiva para professores](#), que oferece orientações para a realização de um **Fórum das Adolescências** na escola, uma abordagem deliberativa na qual os(as) estudantes conhecem os dados apresentados no relatório, e para elaborar, a partir de consensos, recomendações para tornar a escola mais acolhedora e propícia ao desenvolvimento integral;
- Estrutura um Plano de Ação participativo, com base nas recomendações feitas pelos(as) estudantes no Fórum, um instrumento essencial para a definição de metas e a priorização de ações. A elaboração desse plano apoia a reorganização dos processos pedagógicos da escola a partir dos interesses e demandas dos(as) adolescentes. O modelo para a elaboração do Plano de Ação está disponível no [Roteiro de devolutiva para gestores de escola](#).

Minha escola NÃO participou da Semana da Escuta. O que devo fazer agora?

Caso sua escola não tenha participado da Semana da Escuta das Adolescências, recomenda-se que a Coordenação Pedagógica, junto com os(as) demais profissionais da equipe gestora, acesse os dados gerais coletados pelo município⁶.

Esses dados fornecem uma visão ampla das tendências e necessidades dos(as) adolescentes da região, servindo como base para análise e planejamento local. Assim, a gestão escolar pode direcionar discussões e elaborar planos de ação efetivos, mesmo na ausência de informações específicas sobre sua escola.

Se o município da sua escola não tiver garantido uma amostra estatística adequada, os resultados podem não estar disponíveis⁷. Diante dessa situação, são sugeridas as seguintes alternativas:

- 1. Levantamento interno de dados:** realizar uma escuta interna na escola, utilizando os [roteiros e insumos](#) disponibilizados no site da Semana da Escuta das Adolescências. Esses materiais incluem dinâmicas e orientações para a realização de escuta com grupos de estudantes do 6º e 7º anos e do 8º e 9º anos. Essa ação promove uma interação significativa com os(as) estudantes e apoia a equipe de gestão escolar na identificação de necessidades específicas.
- 2. Observação e diálogo contínuo:** manter uma observação ativa do ambiente escolar e promover diálogos frequentes com professores, estudantes e famílias. Conversas informais podem revelar percepções importantes sobre as experiências dos(as) adolescentes.
- 3. Aproveitamento de outras fontes de informação:** utilizar dados de diferentes fontes, como avaliações de desempenho, relatórios, devolutivas de responsáveis e professores(as), entre outros, para identificar áreas de melhoria e necessidades específicas.

⁶ Acesse aqui os relatórios da Semana da Escuta das Adolescências nas escolas, municípios, redes estaduais e estados.

⁷ Os critérios de seleção dos municípios e escolas que receberam as devolutivas referentes à Semana da Escuta estão detalhados nesta [nota técnica](#).



Na prática 1: Implementando a Escola das Adolescências

Como sensibilizar e engajar a equipe escolar para uma compreensão acolhedora e inclusiva das adolescências?

Para apoiar esse processo, apresentamos, a seguir, uma sugestão de pauta de reunião formativa a ser conduzida junto aos(às) professores(as) e demais funcionários(as) da escola. Essa pauta pode ser articulada a outras ações do plano de formação e ser adaptada de acordo com o contexto de trabalho e as demandas formativas da equipe.

O objetivo dessa pauta é promover um diálogo sobre a visão da equipe escolar em relação aos(às) adolescentes, sensibilizando-a para a valorização das adolescências e para o potencial dos(as) estudantes.

UMA ESCOLA DAS ADOLESCÊNCIAS PAUTA FORMATIVA

Esta pauta formativa tem como objetivo trabalhar com a equipe escolar as concepções e características das adolescências, compartilhar dados sobre a Semana da Escuta das Adolescências e planejar, de forma conjunta, ações e estratégias para a implementação da Política Nacional Escola das Adolescências na unidade escolar.

Objetivos de aprendizagem do encontro

- Dialogar sobre características e potencialidades das adolescências;
- Aprofundar conhecimentos sobre quem são, o que pensam e dizem os(as) adolescentes;
- Propor caminhos para uma escola diversa, acolhedora e promotora do desenvolvimento integral dos(as) estudantes dos Anos Finais.

Materiais necessários

- *Notebook*/computador com acesso à internet (para exibição do vídeo no final), conectado a um projetor e caixa de som;
- Canetas;
- Cartolinas ou folhas de sulfite para anotações;
- Ferramentas digitais de apresentação, caso deseje elaborá-la (ex.: *Google Slides*, *Canva* ou *PowerPoint*).

Duração estimada

3 horas-aula (essa pauta pode ser desdobrada em mais de um encontro, dependendo do tempo disponível para a formação).

Preparação

Antes de realizar o encontro formativo com a equipe, compartilhe a pauta com os(as) demais profissionais da gestão escolar em uma reunião de planejamento. Esse alinhamento permitirá antecipar questões sensíveis ou desafios que possam surgir. Para este momento, utilize a rubrica "Visão das adolescências", disponível no **Apêndice 1**. Ela servirá como base para um diagnóstico, facilitando o diálogo sobre como a equipe escolar enxerga adolescências, fornecendo subsídios para o encontro formativo.

Desenvolvimento

1. Acolhimento e conhecimentos prévios (30 min)

O objetivo desta etapa é promover acolhimento, fortalecer vínculos e levantar conhecimentos prévios sobre o tema do encontro. Sugere-se iniciar com um diálogo a partir do documentário [Esquecidos! Crise nos Anos Finais do Ensino Fundamental](#), produzido pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas em Economia Social (Lepes), da Universidade de São Paulo (USP). Exiba o trecho do vídeo entre os minutos 21'43" e 24'07" e, em seguida, proponha uma discussão com as seguintes questões norteadoras:

- O que significa ser adolescente? Quais características ou comportamentos dos(as) estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental evidenciam essa fase da vida dentro da escola?
- Com base na experiência de vocês, a escola atualmente valoriza as diversas formas de ser adolescente? O(a) adolescente tem espaço para se expressar e participar ativamente durante os Anos Finais?

Mediando a conversa, incentive o grupo a refletir sobre o momento de transição vivenciado pelos(as) estudantes dessa etapa de ensino, que é repleto de transformações, dúvidas e emoções intensas. Aproveite para discutir as concepções sociais negativas que influenciam a forma como nos relacionamos com os(as) adolescentes, impedindo um olhar mais amplo para quem são, suas demandas e potencialidades.

Convide os(as) participantes a compartilharem memórias de suas próprias adolescências: o que os(as) motivava, o que os(as) entediava, quais eram seus interesses dentro e fora da escola, o que os(as) preocupava e com o que sonhavam. Em seguida, instigue-os(as) a refletirem sobre as diferenças entre suas experiências e as dos(as) adolescentes contemporâneos(as), considerando as transformações sociais, culturais e tecnológicas que ocorreram no mundo ao longo do tempo. Se as respostas indicarem que não há espaço para a expressão dos(as) adolescentes na escola, mencione que esse será o foco da discussão da reunião.

2. Foco no conteúdo (60 min)

Para ampliar o repertório da equipe escolar sobre as adolescências, apresente dados e informações relacionadas a essa fase do desenvolvimento, incluindo aspectos relacionados à neurociência e à aprendizagem, conforme descrito neste capítulo e no box *Continue sua jornada de aprendizagem*, na página 33. Aborde os marcadores sociais da diferença e como eles impactam as vivências dos(as) adolescentes, com base nas informações disponíveis na página 19, relacionando-as ao contexto da escola.

Na sequência, promova a análise do relatório dos resultados da *Semana da Escuta das Adolescências* realizada em sua escola e/ou município, disponível para consulta [aqui](#). Você pode organizar os(as) participantes em grupos, cada um responsável por um eixo temático: currículo; clima e convivência; inovação; e participação. Após as discussões, conduza uma para compartilhamento das reflexões. O produto final desse momento pode ser um mapa mental coletivo que sintetize informações, dados e ideias sobre quem são e o que pensam os(as) adolescentes da escola.

3. Aprofundando aprendizagens (60 min)

Promova um momento de construção coletiva sobre como tornar a escola mais acolhedora para as adolescências. Divida os(as) participantes em grupos para pensar em ações e estratégias, baseadas na sistematização dos dados da *Semana de Escuta das Adolescências*. Os grupos podem trabalhar questões como:

- A escola possui estratégias para acolher e integrar estudantes ingressantes no 6º ano do Ensino Fundamental?
- Os espaços escolares atendem às diferentes condições corpóreas dos(as) estudantes para a prática esportiva?
- Há ações para apoiar as famílias no acompanhamento das aprendizagens dos(as) estudantes?
- A escola oferece espaços para a expressão artística dos(as) estudantes?
- Os(as) estudantes conhecem os planos curriculares e sabem o que vão aprender?
- Existem projetos no contraturno para atender a interesses específicos dos(as) estudantes?
- Há suporte para estudantes com dificuldades em leitura e escrita?
- A escola promove eventos, como feiras de ciências, saraus e apresentações culturais, para dar visibilidade às habilidades dos(as) estudantes?

Essas reflexões devem servir de subsídio para a elaboração de estratégias que apoiem a escola no avanço dos pontos mencionados, garantindo que essa conversa não se encerre no momento formativo. Caso as respostas a algumas perguntas sejam negativas, incentive a equipe a refletir sobre o que pode ser planejado para mudar a situação. **O produto final desse momento pode ser uma lista de ações e estratégias elaboradas pelos grupos.** Posteriormente, é fundamental que essa lista seja retomada, priorizada e transformada em um plano de ação. Para priorizar as ações, recomendamos o uso da Matriz de Viabilidade e Valor (MVV), uma ferramenta que auxilia na tomada de decisões estratégicas. Consulte-a na página 79 do [Guia de apoio ao desenvolvimento profissional de Diretores\(as\) Escolares](#).

4. Sistematização (30 min)

Retome os pontos principais desta pauta formativa, destacando os registros feitos das falas dos(as) participantes. Exiba um trecho do vídeo [Uma Escola para as Adolescências](#), produzido pelo Ministério da Educação (MEC), entre os minutos 11'24" e 12'25", no qual a Secretária de Educação Básica do MEC, Katia Schweickardt, enfatiza a importância de ouvir os(as) adolescentes em suas múltiplas percepções, vivências e experiências escolares. Para finalizar, deixe claro que a escola reorganizará ações pedagógicas, de gestão e curriculares para contemplar as adolescências, promovendo maior aprendizagem e desenvolvimento integral. Reforce que essa discussão formativa sobre a visão dos(as) profissionais em relação às adolescências foi um primeiro passo essencial nessa direção.



DOCUMENTÁRIOS

- ***Esquecidos! Crise nos Anos Finais do Ensino Fundamental*** (Lepes - USP). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xt9bsLzo9dw&t=2378s>.

Sinopse: esquecidos, ignorados, negligenciados. Essas palavras ecoam quando se pensa nos Anos Finais do Ensino Fundamental no Brasil. O documentário explora os aspectos políticos, pedagógicos, sociais e emocionais que configuram o cenário atual da educação, convidando à reflexão e ao debate sobre este assunto de extrema relevância para a educação brasileira.

Por que assistir: o documentário aborda questões relacionadas à evasão, desmotivação e desigualdades, trazendo reflexões profundas para compreender as vivências dos(as) adolescentes. Ele também identifica caminhos para a construção de práticas pedagógicas mais acolhedoras e efetivas. É uma oportunidade de ampliar a compreensão sobre as adolescências e promover ações que contribuam para o engajamento e o sucesso escolar.

- ***Uma Escola para as Adolescências*** (MEC e Empresa Brasil de Comunicação (EBC), em parceria com o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) e a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZSRErlopdll>.

Sinopse: o documentário aborda os desafios enfrentados pelos(as) adolescentes dos Anos Finais do Ensino Fundamental e explora os esforços do Ministério da Educação, das redes de ensino e das escolas para superá-los. Com contribuições de educadores(as) e especialistas, o documentário destaca o processo de construção da Política Nacional Escola das Adolescências, a partir de um amplo diagnóstico nacional, a Semana da Escuta das Adolescências, enfatizando a importância de ouvir os(as) estudantes para diagnosticar problemas e construir soluções eficazes.

Por que assistir: o documentário é uma oportunidade para conhecer sobre a concepção e a construção da Política Nacional Escola das Adolescências e entender como a participação ativa dos(as) adolescentes nesse processo pode contribuir para melhorias na educação.

LIVROS E ARTIGOS

- ***O cérebro adolescente - o grande potencial, a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos*** (Daniel J. Siegel).

Resumo: o livro explora as mudanças neurológicas que ocorrem durante a adolescência, destacando o potencial, os desafios e as oportunidades únicas dessa fase da vida. O autor revela que a adolescência não é apenas uma fase de transição, mas um período essencial para o desenvolvimento da criatividade, da coragem e da busca por novas experiências. Ele desmistifica os comportamentos típicos dessa faixa etária, explicando como a remodelação neural impacta aspectos como a busca por recompensas, a intensidade emocional e a sociabilidade.

Por que ler: a obra permite enxergar a adolescência não como um período problemático, mas como uma fase de potencial criativo e transformador. Apresenta estratégias para melhor entender e lidar com esse período de transformação, destacando como ele pode se tornar uma oportunidade fundamental para o crescimento pessoal e relacional, preparando uma base sólida para a vida adulta.

- ***Adolescência através dos séculos*** (Teresa Helena Schoen-Ferreira; Maria Aznar-Farias; Edwiges Ferreira de Mattos Silves, 2010). Disponível em <https://www.scielo.br/j/ptp/a/MxhVZGYbrsWtCsN55nSXszh/>.

Resumo: as autoras discutem as mudanças nas definições culturais, sociais e científicas da adolescência, destacando como fatores históricos, econômicos e educacionais influenciaram a maneira como essa fase é compreendida. O artigo argumenta que a adolescência não é apenas um estágio biológico, mas também um fenômeno cultural, influenciado pelas condições sociais e contextos históricos.

Por que ler: para compreender a adolescência de maneira mais ampla e contextualizada. O artigo oferece uma perspectiva histórica que ajuda a desconstruir visões limitadas e naturalizadas sobre essa etapa da vida.

FILMES

- ***Divertida Mente 2*** (Pixar Animation Studios, 2024).

Sinopse: esta sequência retorna ao mundo das emoções personificadas dentro da mente da protagonista Riley, que agora enfrenta os desafios e descobertas da adolescência. Além das emoções já conhecidas, como Alegria, Tristeza, Medo, Raiva e Nojinho, novos personagens surgem para lidar com a complexidade emocional dessa nova fase da vida: Tédio, Vergonha, Inveja e Ansiedade. Enquanto Riley lida com escolhas e mudanças, suas emoções precisam se adaptar para enfrentar as novidades que surgem em sua mente.

Por que assistir: o filme é uma forma lúdica de refletir e aprender sobre o que acontece no cérebro com a chegada da adolescência, além de explorar como as emoções influenciam nossas experiências e decisões. A obra promove empatia e autoconhecimento, sendo uma excelente escolha para trabalhar em momentos formativos e em rodas de conversa com famílias, professores(as) e estudantes.

- ***Red: Crescer é uma Fera*** (Pixar Animation Studios, 2022).

Sinopse: essa animação conta a história de Mei Lee, uma adolescente de 13 anos que enfrenta mudanças no corpo, conflitos familiares e a busca pela própria identidade. A vida de Mei dá uma guinada inesperada quando ela descobre que, sempre que sente emoções intensas, se transforma em um enorme panda vermelho, uma peculiaridade ligada a uma antiga tradição familiar.

Por que assistir: esse filme pode ser um bom ponto de partida para dialogar com diferentes públicos da comunidade escolar sobre as formas como vivenciamos a adolescência, os desafios nas relações com a família e outras pessoas adultas e a construção da identidade pessoal.

2



A coordenação pedagógica na Escola das Adolescências

O capítulo apresenta reflexões e recomendações sobre como estruturar o trabalho da Coordenação Pedagógica nos Anos Finais, com o objetivo de construir uma escola comprometida com a qualidade e a equidade na educação.

Para isso, são apresentados os seis focos da gestão escolar na Escola das Adolescências, relacionando-os a orientações para liderar e organizar as rotinas nas dimensões de Currículo e Práticas Pedagógicas, Cultura e Clima Escolar, e Gestão, Formação e Acompanhamento. Também são discutidas práticas para a formação continuada, o acompanhamento docente e o desenvolvimento profissional da equipe escolar.

2.1 Gestão escolar para a equidade na Escola das Adolescências

A Escola das Adolescências demanda que toda a equipe escolar esteja comprometida com a qualidade e a equidade na educação. Cabe ao(à) Coordenador(a) Pedagógico(a), em colaboração com seus pares da gestão escolar, exercer uma liderança educacional que promova uma visão compartilhada do que é e como buscar a equidade.

Esta seção tem o objetivo de apoiar os(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as) na reflexão sobre:

- A diferença entre equidade e igualdade;
- O conceito de equidade como ela um princípio da qualidade na educação;
- A necessidade de a escola promover a equidade sob a perspectiva interseccional e de acompanhar as trajetórias educacionais no contexto da diversidade das adolescências;
- O que significa ser uma liderança comprometida com a equidade educacional.

É fundamental compreender que equidade não significa igualdade. Enquanto a igualdade busca tratar todos(as) da mesma forma, oferecendo os mesmos recursos e oportunidades, a equidade reconhece que cada grupo social possui necessidades específicas e que, por isso, garantir condições iguais não resolve ou minimiza as diferenças. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 1998) define equidade como a "ausência de diferenças evitáveis entre grupos de pessoas, definidos por critérios sociais, econômicos, demográficos ou geográficos" [grifo nosso].

EQUIDADE

=

INCLUSÃO

+

JUSTIÇA SOCIAL

Acesso de todas as pessoas aos direitos fundamentais.

Remoção dos obstáculos para que todas as pessoas, independentemente do seu contexto social, da sua identidade e características individuais, tenham acesso e possam fruir de direitos e oportunidades de forma equitativa.

Elaboração própria, a partir de: OCDE (2012); Ballarino *et al.* (2014); European Commission, EACEA, Eurydice (2020)

A Política Nacional Escola das Adolescências tem um compromisso inegociável com a equidade na educação. Nesse sentido, os(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as), em parceria com os(as) demais profissionais da gestão escolar, como lideranças educacionais, desempenham um papel estratégico para assegurar que:

- A escola seja um ambiente acolhedor e seguro, onde a diversidade seja valorizada e todos(as) os(as) estudantes se sintam respeitados(as) e apoiados(as);
- A escuta ativa e respeitosa dos(as) estudantes seja incentivada, garantindo que suas vozes sejam ouvidas e consideradas no planejamento e na implementação das ações pedagógicas;
- Todos(as) os(as) estudantes adolescentes aprendam e se desenvolvam, assegurando o pleno direito ao acesso, à participação, ao aprendizado, ao desenvolvimento integral, à progressão e à conclusão da jornada escolar na idade adequada;
- Todos(as) os(as) estudantes adolescentes, independentemente de suas condições socioeconômicas, raça, etnia, gênero ou deficiência, tenham acesso a oportunidades educacionais equânimes e de qualidade;
- Práticas pedagógicas inclusivas sejam implementadas, adaptando o ensino às necessidades individuais dos(as) estudantes, promovendo uma aprendizagem significativa e o desenvolvimento integral;
- Recursos financeiros, humanos e materiais sejam distribuídos de forma justa e eficiente, priorizando, especialmente, as necessidades dos(as) estudantes de grupos marcados pelas desigualdades sociais, como pessoas negras, indígenas, LGBTQIAPN+ e com deficiência;
- Parcerias com a comunidade e outras instituições sejam fortalecidas, ampliando as oportunidades de apoio e aprendizagem para todos(as) os(as) adolescentes;
- O monitoramento contínuo do progresso dos(as) estudantes seja realizado, identificando e intervindo precocemente em casos de distorção idade-ano, dificuldades e transtornos de aprendizagem ou outros desafios;
- O engajamento de toda a comunidade escolar seja incentivado, promovendo uma cultura de colaboração e corresponsabilidade no processo educativo;
- A formação em serviço da equipe escolar seja realizada, preparando-a para receber, acolher e engajar todas as adolescências, lidar com situações de *bullying* e violências atreladas às

diferenças, e adotar estratégias de comunicação, mediação e resolução de conflitos que respeitem as identidades dos(as) estudantes. Além disso, deve promover a compreensão de suas reações e ações a partir do conhecimento sobre as transformações pelas quais passam ao chegar à adolescência.

- As avaliações ajudem na identificação do que os(as) estudantes que ingressam nos Anos Finais já sabem e quais são as defasagens apresentadas, permitindo o planejamento de estratégias para a recomposição da aprendizagem;
- Seja realizada a coleta e análise regular de dados de aprendizagem para definir metas, estratégias e soluções práticas que enfrentem e mitiguem as desigualdades educacionais.

Liderança educacional para a equidade

No campo educacional, o conceito de liderança envolve a capacidade ou habilidade de influenciar, guiar e motivar pessoas ou grupos em direção a objetivos comuns. Isso inclui tomar decisões de maneira eficaz, inspirar relações de confiança, comunicar uma visão clara e mobilizar recursos humanos e materiais para alcançar resultados desejados. Ser uma liderança educacional comprometida com a equidade também implica trabalhar para organizar ambientes inclusivos, compreendendo que o direito à educação deve ser assegurado a cada estudante, criando condições para que todos(as) tenham acesso a oportunidades efetivas de aprendizagem e desenvolvimento integral.

São consideradas lideranças educacionais os(as) Secretários(as) de Educação, as Equipes Técnicas da Secretaria de Educação, os(as) Diretores(as) Escolares, os(as) vice-diretores(as) e os(as) coordenadores(as) pedagógicos(as).

Estratégias e ferramentas para o desenvolvimento profissional de lideranças educacionais comprometidas com a equidade

PARA IDENTIFICAR DESIGUALDADES E EXCLUSÕES

- *Teste do pescoço*
- *Reconhecendo vieses inconscientes*
- *Mapa da empatia*



PARA ORIENTAR EQUIPES ESCOLARES

- *Matriz de práticas*
- *Fortalecimento de práticas*

PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

- *Matriz de competências de lideranças educacionais (Secretários(as) de educação, equipes técnicas e gestores(as) escolares)*



Saiba mais

Conheça as estratégias e ferramentas para o desenvolvimento profissional de lideranças educacionais comprometidas com a equidade, como o Teste do Pescoço e a Matriz de Práticas. Consulte o **Capítulo 3** do **Guia de apoio ao desenvolvimento profissional de Diretores(as) Escolares**, disponível [aqui](#).



2.2 Gestão pedagógica: os(as) coordenadores(as) pedagógicos(as) na Escola das Adolescências

Os(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as) são responsáveis pelo acompanhamento das atividades pedagógicas diárias da escola, promovendo a corresponsabilização de toda a comunidade escolar pelo aprendizado e desenvolvimento integral dos(as) estudantes.

Como lideranças comprometidas com a equidade, é fundamental que cada ação planejada pela coordenação pedagógica assegure o direito de cada estudante dos Anos Finais à aprendizagem e ao desenvolvimento integral, respeitando as diretrizes da rede de ensino, o Projeto Político Pedagógico e a Política Nacional Escola das Adolescências.

Os elementos desta seção têm o objetivo de apoiar os(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as) a refletirem sobre:

- Os principais focos da gestão pedagógica necessários para implementar a Escola das Adolescências;
- A importância de construir e implementar estratégias com enfoque na transição contínua entre etapas, no clima escolar, na participação dos(as) adolescentes na vida escolar, na qualidade e equidade da aprendizagem e na articulação entre escola, família e comunidade. Além disso, destaca-se a necessidade de construir rotinas que favoreçam essas abordagens.

Para a implementação da Política Nacional Escola das Adolescências, as Equipes Técnicas das Secretarias de Educação são responsáveis por estruturar ações nas seguintes dimensões: currículo e práticas pedagógicas; cultura e clima escolar; infraestrutura; gestão, formação e acompanhamento; e financiamento e equidade. **As ações desenvolvidas nessas dimensões têm impacto direto nas atividades e rotinas das equipes escolares, bem como nos resultados de aprendizagem e desenvolvimento integral dos(as) estudantes.**



Fonte: Elaboração própria

Nesse contexto, as iniciativas ligadas à **gestão pedagógica** são o coração da escola, cabendo aos(às) diferentes profissionais que compõem a gestão escolar unir esforços para planejar, executar, monitorar e avaliar as ações. Para apoiar esse engajamento na implementação da Escola das Adolescências, as seções seguintes apresentam recomendações e orientações sobre como liderar as iniciativas e organizar rotinas relacionadas às dimensões: **Currículo e Práticas Pedagógicas**; **Cultura e Clima Escolar**; e **Gestão, Formação e Acompanhamento**. Além disso, são discutidas ações e práticas para a **formação continuada na escola** e acompanhamento docente, bem como para o próprio **estudo e desenvolvimento profissional dos(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as)**.

Esses elementos abrangem, de maneira transversal e contínua, os **seis focos estratégicos** da equipe gestora escolar para a implementação da Política na escola:

TRANSIÇÃO CONTÍNUA ENTRE ETAPAS

A estruturação e o cuidado com os anos de transição entre etapas promovem condições para assegurar a continuidade das trajetórias educacionais dos(as) adolescentes.

CLIMA ESCOLAR ACOLHEDOR E SEGURO PARA OS(AS) ADOLESCENTES

Um ambiente escolar acolhedor e seguro fortalece vínculos, promove o respeito às diversidades e apoia o desenvolvimento saudável dos(as) adolescentes.

ARTICULAÇÃO ENTRE ESCOLA, FAMÍLIA E COMUNIDADE

Parcerias entre escola, família e comunidade ampliam oportunidades de aprendizado e fortalecem o desenvolvimento integral dos(as) adolescentes.

APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL PARA TODOS E TODAS

A aprendizagem e o desenvolvimento integral para todos(as) promovem uma educação que valoriza as múltiplas dimensões do ser e assegura oportunidades equitativas para cada adolescente.

PARTICIPAÇÃO DOS(AS) ADOLESCENTES NA VIDA ESCOLAR

A participação ativa dos(as) adolescentes na vida escolar fortalece o senso de pertencimento, estimula a autonomia e promove uma escola mais democrática e inclusiva.

PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA E PROMOÇÃO DA CULTURA DE PAZ

A prevenção da violência e a promoção da cultura de paz na escola criam um ambiente de respeito mútuo, diálogo e convivência ética para todos(as).

Gestão pedagógica na Escola das Adolescências

DIMENSÃO Currículo e práticas pedagógicas

Envolve a adaptação do currículo e das práticas pedagógicas para refletir as vivências, interesses e necessidades dos(das) adolescentes, promovendo aprendizagens significativas e contextualizadas.

APRENDIZAGEM E
DESENVOLVIMENTO
INTEGRAL PARA
TODOS E TODAS

TRANSIÇÃO
CONTÍNUA
ENTRE ETAPAS

DIMENSÃO Cultura e clima escolar

Abrange a promoção de uma cultura escolar que valorize a diversidade e a inclusão, garantindo um ambiente seguro, acolhedor e estimulante para todos(as) os(as) estudantes.

CLIMA ESCOLAR
ACOLHEDOR E
SEGURO PARA OS(AS)
ADOLESCENTES

PREVENÇÃO
DA VIOLÊNCIA
E PROMOÇÃO DA
CULTURA DE PAZ

ESTUDO E
AUTODESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DO CP

Implica o investimento do(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) em sua formação contínua, visando o aprimoramento da educação e a promoção de práticas inovadoras e equitativas.

Compreende incentivar a gestão democrática e a participação ativa da comunidade escolar nas tomadas de decisão, bem como fomentar a formação contínua dos profissionais da educação.

ARTICULAÇÃO
ENTRE ESCOLA,
FAMÍLIA E
COMUNIDADE

PARTICIPAÇÃO
DOS(AS)
ADOLESCENTES
NA VIDA ESCOLAR

FORMAÇÃO
CONTINUADA
NA ESCOLA E
ACOMPANHAMENTO
DOCENTE

DIMENSÃO Gestão, formação e acompanhamento



2.3 Dimensão: Currículo e práticas pedagógicas

A Coordenação Pedagógica tem um papel fundamental na organização e adaptação do currículo para garantir que ele atenda às necessidades e características da comunidade escolar e dos(as) adolescentes, além de propor e acompanhar o uso de práticas, estruturas, espaços e tempos que qualifiquem a aprendizagem e promovam o desenvolvimento integral dos(as) estudantes.

Os elementos desta seção têm o objetivo de apoiar os(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as) a refletirem sobre seu papel:

- Na elaboração e/ou atualização do Projeto Político Pedagógico (PPP), considerando os princípios e diretrizes da política e a participação dos diversos atores escolares;
- Na implementação de um currículo integrado para as adolescências, articulando os componentes curriculares da Base Comum e da parte diversificada (os Clubes de Letramento);
- No acompanhamento das aprendizagens dos(as) estudantes, identificando necessidades específicas de aprendizagem e propondo a repriorização curricular necessária;
- Na organização dos quadros horários e na garantia de tempos e espaços que favoreçam tanto a aprendizagem quanto o desenvolvimento integral dos(as) estudantes;
- Nos processos que assegurem uma transição contínua entre etapas escolares.

Nesta política, as orientações para a organização curricular seguem as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos, as orientações de aprendizagens previstas na Base Nacional Comum Curricular e, também, no documento organizado no âmbito do *Pacto Nacional pela Recomposição das Aprendizagens*⁸, o referencial curricular reorganizado.

No entanto, há mais do que as referências legais em vista. Estamos falando de uma Escola das Adolescências, e isso significa que, desde a escuta dos(as) estudantes até a compreensão dos desafios que eles(as) enfrentam, passando pelo seu desenvolvimento socioemocional, cognitivo e social, além de seus contextos e realidades culturais e socioeconômicas, precisam

⁸ O Pacto oferece apoio técnico e financeiro para estados e municípios implementarem ações e programas com foco na melhoria dos índices de aprendizagem da educação básica, por meio da estratégia de recomposição das aprendizagens dos estudantes dessa etapa de ensino. Saiba mais na página do Ministério da Educação sobre o Pacto Nacional pela Recomposição das Aprendizagens.

ser considerados na organização da escola. Isso é essencial para que a escola seja, de fato, das adolescências, impactando não apenas *o que ensinar, como ensinar e como avaliar*, mas também os tempos, os espaços e, claro, a organização da matriz curricular.



Saiba mais

Leia mais sobre a importância do currículo e seu papel na escola, consultando o **Capítulo 2** do **Guia de recomendações curriculares e pedagógicas**, disponível [aqui](#).



Tendo isso em vista, a Política Nacional Escola das Adolescências propõe inovações curriculares e pedagógicas que demandam a compreensão e o acompanhamento sistemático da Coordenação Pedagógica, garantindo que os diferentes tempos, espaços e organizações escolares cumpram seus objetivos educativos.

2.3.1 Projeto Político Pedagógico (PPP)

As diretrizes que darão forma e viabilizarão a Escola das Adolescências precisam ser explicitadas no PPP da escola, o que exige uma ampla discussão envolvendo a comunidade escolar. Por isso, elaborar ou revisar o PPP, assim como os projetos institucionais, deve ter como base uma educação voltada para a equidade e o desenvolvimento integral de todos(as) os(as) adolescentes. Esse processo é de responsabilidade da gestão escolar, com a liderança da Direção e a parceria da Coordenação Pedagógica. Para garantir que a equidade esteja refletida no PPP, o respeito à diversidade deve ser o tema central, buscando formular um projeto com a perspectiva de uma educação voltada para o combate às desigualdades. Nesse sentido, integrar os resultados da [Semana da Escuta das Adolescências](#) a esse documento pode oferecer insumos importantes para traçar o perfil dos(as) estudantes em sua pluralidade.

O(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) tem um papel essencial nesse processo, atuando na articulação entre a prática pedagógica e as diretrizes institucionais, garantindo que o PPP atenda às necessidades e especificidades da comunidade escolar. Alguns pontos específicos da atuação do(a) Coordenador(a) incluem:

- 1. Levantamento e análise de dados pedagógicos:** organizar e interpretar informações sobre o desempenho escolar e os desafios de aprendizagem dos(as) estudantes, assegurando que esses dados orientem as metas e estratégias previstas no PPP.
- 2. Mediação entre professores(as) e equipe gestora:** articular as contribuições dos(as) professores(as) para o PPP, promovendo diálogos sobre práticas pedagógicas, metodologias inclusivas e estratégias para a promoção da equidade e do desenvolvimento integral dos(as) estudantes.
- 3. Integração dos resultados da Semana da Escuta das Adolescências:** liderar a análise dos resultados dessa iniciativa, identificando demandas formativas, acadêmicas e socioemocionais dos(as) adolescentes, e transformando-as em ações pedagógicas concretas a serem integradas ao PPP.
- 4. Promoção de espaços de formação e reflexão:** organizar momentos de formação contínua com a equipe escolar para discutir conceitos como equidade, diversidade e inclusão, alinhando a prática da escola aos princípios que orientam o PPP.
- 5. Acompanhamento contínuo da implementação:** após a aprovação do PPP, o(a) Coordenador(a) é peça-chave no monitoramento de sua aplicação no cotidiano escolar, garantindo que as ações planejadas sejam efetivamente realizadas e promovendo ajustes quando necessário.



Saiba mais

Para uma compreensão mais ampla e aprofundada da revisão do PPP à luz da Escola das Adolescências, consulte o **Capítulo 2.1** do **Guia de apoio ao desenvolvimento profissional de Diretores(as) Escolares**, disponível [aqui](#).



2.3.2 Inovações curriculares

Além dos oito componentes curriculares das áreas de conhecimento da Base Comum, a proposta curricular da Escola das Adolescências se integra ao *Pacto Nacional pela Recomposição das Aprendizagens*⁹ e conta com cadernos de apoio pedagógico para os(as) professores(as), denominados Cadernos de Inovação Curricular (CICs). Esses cadernos trazem orientações para a implementação dos **Clubes de Letramento**, que se configuram como componentes curriculares com sequências didáticas a serem utilizadas na parte diversificada do currículo dos Anos Finais.

Clubes de Letramento

Os Clubes de Letramento cumprem uma dupla função: ampliam e oportunizam a recomposição de aprendizagens prioritárias, ao mesmo tempo em que estimulam e promovem situações pedagógicas inovadoras que impulsionam a participação e autonomia dos(as) estudantes. Essa estratégia é parte integrante do eixo de *Organização Curricular e Pedagógica* da Política e leva em consideração habilidades prioritárias das áreas de conhecimento Matemático, Ciências da Natureza, Linguagens e Ciências Humanas, além das singularidades próprias das formas de vivenciar a adolescência. Assim, busca-se ampliar as perspectivas sobre o currículo e as práticas pedagógicas, influenciando de forma intencional a estruturação de um currículo voltado para as adolescências. Para apoiar a implementação e o desenvolvimento dos Clubes de Letramento, são oferecidos os Cadernos de Inovação Curricular (CIC), organizados por ano e área do conhecimento, a saber:

- Clube de Letramento Matemático – 6º ano
- Clube de Letramento Científico – 7º ano
- Clube de Letramento Literário e Corporeidade – 8º ano
- Clube de Humanidades e Cidadania – 9º ano

Saiba mais sobre os Clubes de Letramento no [Guia de Recomendações Curriculares e Pedagógicas](#).

⁹ O Pacto oferece apoio técnico e financeiro para estados e municípios implementarem ações e programas com foco na melhoria dos índices de aprendizagem da educação básica, por meio da estratégia de recomposição das aprendizagens dos estudantes dessa etapa de ensino. Saiba mais na página do Pacto Nacional pela Recomposição das Aprendizagens.

Apoio financeiro: PDDE Escola das Adolescências

A Política Nacional Escola das Adolescências disponibiliza suporte técnico e financeiro do Ministério da Educação para redes de ensino e escolas, a fim de apoiar o desenvolvimento integral dos(as) estudantes dos Anos Finais. O apoio financeiro, disponibilizado através do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) Escola das Adolescências, atua por meio de duas frentes de ação: uma focada no eixo de organização curricular e pedagógica da Política e outra voltada para ações de recomposição das aprendizagens, com auxílio do Pacto Nacional pela Recomposição das Aprendizagens.

Serão atendidas mais de 17 mil escolas, com um investimento superior a R\$ 100 milhões, para apoiar a instalação de espaços para o desenvolvimento dos Clubes de Letramento e de apoio à aprendizagem dos(as) estudantes.

Confira mais informações:

- Site PDDE Escola das Adolescências e Recomposição das Aprendizagens
- Vídeo [Adesão ao PDDE Escola das Adolescências](#)

2.3.3 Transição contínua entre etapas

O Ensino Fundamental é caracterizado por mudanças significativas na organização escolar, nas formas de ensinar e nas práticas pedagógicas. Nos Anos Iniciais, as crianças são acompanhadas por um(a) professor(a) polivalente. Já nos Anos Finais, aumenta a quantidade de professores(as), com especialistas para cada componente curricular. Isso exige que os(as) estudantes se adaptem a diferentes estilos de ensino, além de receberem uma quantidade maior de atividades, trabalhos e outras demandas escolares.

É importante considerar que, ao vivenciar as transições, os(as) estudantes podem se sentir inseguros(as), ansiosos(as) e preocupados(as). É papel da rede de ensino e das escolas acolher esses sentimentos, sem minimizá-los, e ajudar os(as) estudantes a vivenciarem as novas situações e formatos escolares. É essencial considerar a perspectiva de todos os públicos envolvidos nos processos de transição - famílias, gestores e educadores - mantendo uma comunicação assertiva antes, durante e após as mudanças.

Transição contínua entre etapas

Um planejamento cuidadoso para as transições é essencial para promover a continuidade do aprendizado e o bem-estar dos(as) estudantes. A transição bem planejada entre etapas educacionais, como dos Anos Iniciais para os Anos Finais e, posteriormente, para o Ensino Médio, é fundamental para garantir que os(as) estudantes vivenciem essa mudança de forma eficaz e acolhedora. Essa abordagem prepara os(as) adolescentes para os desafios acadêmicos e sociais que as novas etapas trazem, contribuindo para a redução do estresse e da ansiedade frequentemente associados à transição escolar. Como resultado, os(as) estudantes podem se tornar mais preparados(as) e confiantes para enfrentar os novos desafios, o que pode se refletir em menores taxas de evasão e maior sucesso escolar.

Ações que o(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) e sua equipe podem realizar:

- **Promover encontros de orientação** para estudantes que estão em transição entre diferentes etapas do ensino, como dos Anos Iniciais para os Anos Finais e dos Anos Finais para o Ensino Médio. Essas reuniões podem envolver professores(as), estudantes e suas famílias, proporcionando um ambiente colaborativo e informativo;
- **Implementar programas de mentoria** que conectem estudantes mais experientes àqueles que estão ingressando em novas etapas escolares. Essa troca de experiências pode ajudar os(as) novos(as) estudantes a melhor se adaptarem e se sentirem apoiados(as) durante o processo de transição;
- **Planejar e promover formação e acompanhamento específico para os(as) professores(as)**, abordando temáticas relacionadas às transições e discutindo estratégias para apoiar os(as) estudantes nesse momento;
- **Diagnosticar as necessidades dos(as) estudantes ingressantes a cada ano letivo**, a fim de organizar percursos de intensificação e recomposição das aprendizagens.

No apêndice [Estratégias que promovem uma boa transição entre etapas](#), ao final deste documento, são apresentadas mais sugestões de ações.

Todos(as) os(as) estudantes experimentam **diferentes transições**, de um contexto de aprendizagem para outro, em momentos-chave de sua trajetória escolar. Para que essas transições sejam vivenciadas de forma positiva, como continuidade e não como ruptura, a Política Nacional Escola das Adolescências recomenda a implementação de ações que acolham, promovam o bem-estar e o pertencimento dos(as) estudantes.

Diversos cenários de transições

ANOS
INICIAIS

ANOS
FINAIS

ENSINO
MÉDIO

Estudante



- permanece na mesma escola municipal, geralmente mudando de turno.
- permanece na rede municipal, porém muda de escola.
- muda de uma escola municipal de Anos Iniciais para uma escola estadual de Anos Finais do Ensino Fundamental.
- permanece na escola da rede estadual, geralmente com mudança de turno.
- permanece na rede estadual, porém muda para uma unidade escolar que oferta a etapa seguinte.

Estratégias que apoiam estudantes, famílias, gestores(as) e educadores(as) nas transições

PREPARAÇÃO PARA A TRANSIÇÃO

Rodas de conversa sobre a etapa seguinte

Conexões entre estudantes das escolas de origem e de destino

PARA O ACOLHIMENTO

Visita guiada

Apresentação da escola

Apresentação da equipe docente

Oficinas misturando estudantes de vários anos

Semana de acolhimento

APOIO A DOCENTES DOS ANOS DE TRANSIÇÃO

Reuniões bimestrais

Convite a especialistas

PARA FORTALECER O SENSO DE PERTENCIMENTO

Diálogos e participação

Grupos de acompanhamento de estudantes

Desenvolvimento socioemocional em círculos de discussão

Professor(a)-referência

Desenvolvimento socioemocional em círculos de discussão

PARA ESTIMULAR O PROTAGONISMO ESTUDANTIL

Grêmios estudantis e clubes

Aprendizagem baseada em projetos

Monitorias e tutorias

Conexão com o território

Festivais, eventos culturais e esportivos

APOIO INTERSETORIAL DA REDE DE PROTEÇÃO E BUSCA ATIVA ESCOLAR

Redes de apoio

Busca ativa escolar

FORTALECIMENTO DA RELAÇÃO ESCOLA/FAMÍLIA

Reuniões de acolhimento

Comunicação regular com escuta e diálogo

Workshops

Envolvimento em projetos escolares

Orientação vocacional

Feedback contínuo

2.3.4 Aprendizagem e desenvolvimento integral para todos(as)

Os(as) profissionais que compõem a Coordenação Pedagógica não precisam ser especialistas ter conhecimento aprofundado sobre cada área do conhecimento ou temática dos Clubes de Letramento. No entanto, é fundamental que tenham uma visão geral dos aspectos centrais de cada um e de suas conexões com o desenvolvimento integral dos(as) adolescentes. O papel da Coordenação Pedagógica é estimular o **diálogo** entre os(as) professores(as) e promover o planejamento conjunto, favorecendo uma **integração curricular** que ajude os(as) estudantes a compreenderem a aplicação prática do que aprendem, além de desenvolverem um pensamento mais integrado e crítico sobre o currículo.

Nesta perspectiva, cabe aos(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as) realizar o acompanhamento e oferecer apoio para:

- **A atuação docente:** por meio da formação em serviço, da observação de sala de aula com devolutivas construtivas (tema abordado mais adiante neste Guia), de reuniões individuais com os(as) professores(as) e do apoio na elaboração de planos de aula que dialoguem com as adolescências e contemplem a diversidade presente em sala de aula. Para mais orientações sobre essa prática, consulte a [rubrica acompanhamento das aulas](#) no apêndice ao final deste documento.
- **As aprendizagens dos(as) estudantes:** essa função exige que a Coordenação Pedagógica esteja aberta ao diálogo e à parceria com diferentes atores da escola, incluindo a direção, a equipe de professores(as), os(as) estudantes e suas famílias e responsáveis. É essencial que todos(as) compreendam seu papel para que os percursos de aprendizagem estejam visíveis para a comunidade e sua continuidade seja garantida. Para orientar essa atuação, consulte a [rubrica acompanhamento das aprendizagens](#) no apêndice ao final deste documento.

Processos avaliativos e instrumentos de acompanhamento das aprendizagens

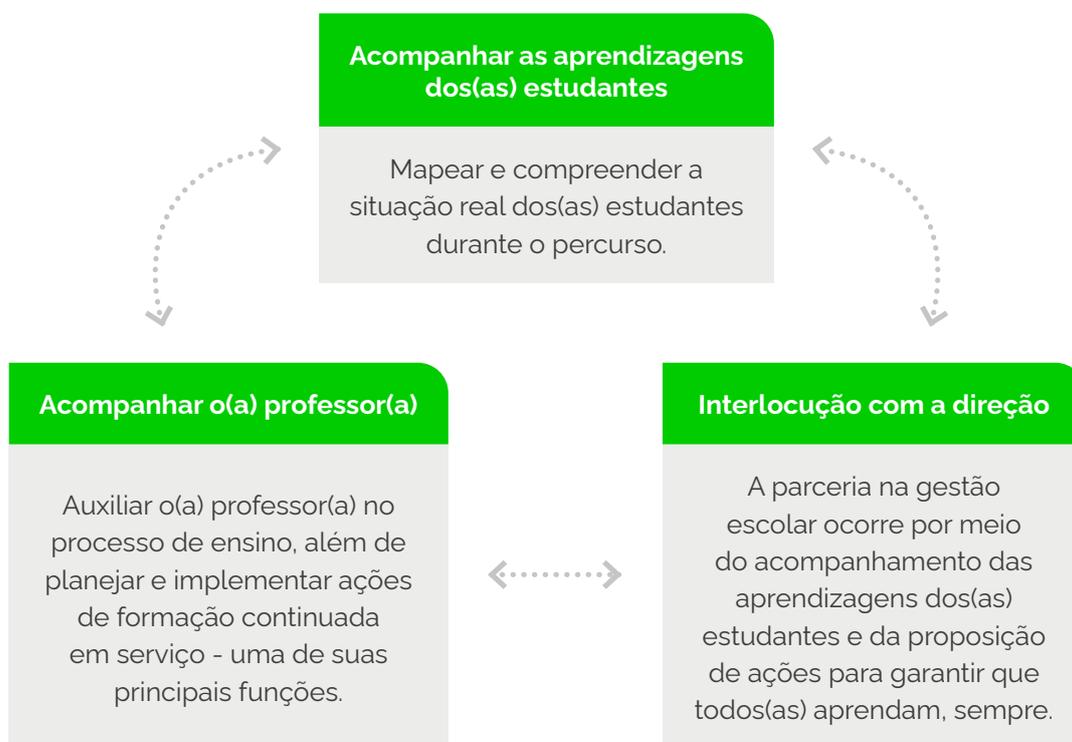
Em uma proposta de acompanhamento cujo foco é a garantia das aprendizagens, os processos avaliativos devem ser **formativos, inclusivos e menos classificatórios e seletivos**. O objetivo é possibilitar o diálogo, a autonomia e a responsabilidade coletiva, identificando como os(as) estudantes estão progredindo em relação aos objetivos pedagógicos e aos parâmetros de qualidade e equidade. Dessa forma, é possível realizar intervenções assertivas na prática pedagógica, promovendo a evolução da

aprendizagem e o avanço nas jornadas educacionais, especialmente para os(as) adolescentes em situação de maior vulnerabilidade.

O uso de **instrumentos de acompanhamento das aprendizagens** é fundamental para coletar e organizar informações que subsidiem a tomada de decisões. Cada instância - Secretaria de Educação, regionais, escola e sala de aula - deve contar com instrumentos específicos, desenvolvidos com intencionalidade bem definida. Além disso, recomenda-se que os(as) adolescentes também participem deste processo, acessando e acompanhando as informações sobre seu percurso de aprendizagem e trajetória escolar, incluindo dados de autoavaliação.

A Coordenação Pedagógica desempenha um papel fundamental na articulação de mecanismos que permitam visualizar as trajetórias individuais e coletivas dos(as) estudantes. Para isso, podem ser utilizados instrumentos construídas pelo(a) professor(a) a partir de um objeto de conhecimento, habilidade, sequência didática ou outros critérios.

Funções do uso de instrumentos de acompanhamento das aprendizagens



Fonte: Adaptado de Cedac, 2016

Aprendizagem e desenvolvimento integral para todos(as)

Promover a aprendizagem e o desenvolvimento integral significa garantir que todos(as) os(as) adolescentes tenham acesso a uma educação que atenda às suas necessidades, abrangendo seu desenvolvimento emocional, social, físico e cultural, com a oferta de oportunidades articuladas ao currículo. Como resultado, espera-se que desenvolvam não apenas habilidades cognitivas, mas também competências socioemocionais, consciência crítica e ética, capacitando-os(as) a se tornarem cidadãos(ãs) ativos(as) e responsáveis, além de promoverem seu próprio bem-estar físico e mental.

Ações que o(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) e sua equipe podem realizar:

- Cadastrar a escola na [Plataforma de Avaliação e Acompanhamento das Aprendizagens](#), que disponibiliza instrumentos de avaliação formativa do Pacto Nacional pela Recomposição das Aprendizagens, além de avaliações de Leitura, Escrita, Matemática e Ciências da Natureza, para monitorar o desenvolvimento de estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.
- Fazer o acompanhamento contínuo e sistemático das trajetórias de aprendizagem, buscando recompor e prevenir defasagens a partir de quatro eixos fundamentais: (i) reorganização curricular; (ii) escopo e sequência; (iii) material didático de apoio; e (iv) avaliações e mediações pedagógicas. Para entender como essas estratégias funcionam na prática, recomenda-se a leitura do [Guia para Implementação da Recomposição das Aprendizagens](#).
- Propor reuniões pedagógicas entre os(as) professores(as) de diferentes componentes curriculares para discutir e planejar o desenvolvimento das habilidades e dos objetos de conhecimento ao longo do ano, compartilhar metodologias e estratégias e criar projetos e situações de aprendizagem interdisciplinares. Essas reuniões podem ser realizadas entre professores(as) de uma mesma área ou de áreas do conhecimento distintas. O [Guia de Recomendações Curriculares e Pedagógicas](#) e os [Cadernos de Inovação Curricular](#) (CICs) de cada Clube de Letramento apresentam metodologias e estratégias que podem ser consultadas para auxiliar nesse planejamento.
- Realizar reuniões individuais com os(as) professores(as) para apoiar a adaptação do currículo e do planejamento conforme as necessidades das turmas e dos(as) estudantes, priorizando habilidades essenciais e que ainda não foram consolidadas. Nesse sentido, o(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) também pode atuar junto ao(à) docente para promover melhorias e ajustes

que incluam práticas pedagógicas diversificadas e conteúdos relevantes às realidades locais, culturais e sociais dos(as) adolescentes.

- Com uma periodicidade definida e combinada previamente com os(as) professores(as), o(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) pode ler os planos de ensino e alguns planos de aula dos(as) professores(as) periodicamente, verificando se contemplam a continuidade das aprendizagens, e se respondem às demandas das turmas identificadas nos processos avaliativos e promovem o desenvolvimento integral dos(as) estudantes - intelectual, socioemocional, físico e cultural. Esse acompanhamento deve assegurar uma abordagem integrada e diversificada, trabalhando conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que valorizem as potencialidades das adolescências. Para orientar essa atuação, consulte o apêndice [rubrica apoio ao planejamento de aulas](#), ao final deste documento.
- Garantir que as reuniões de Conselho de Classe (COC) sejam um espaço de construção coletiva, analisando o processo de aprendizagem dos(as) estudantes a partir do trabalho pedagógico realizado no bimestre e propondo intervenções diante do desempenho apresentado em cada componente curricular. A mediação do(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) é essencial para assegurar que todos(as) mantenham uma visão positiva e interseccional dos(as) adolescentes, com foco na equidade e no desenvolvimento integral.
- Planejar o quadro horário com foco na aprendizagem e no desenvolvimento integral dos(as) adolescentes, considerando o contexto e o perfil dos(as) estudantes da escola e baseando-se em pesquisas e evidências que apontem caminhos para uma organização eficiente e inclusiva.

2.3.5 Composição do quadro horário

Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, inicia-se a organização por componentes curriculares conduzidos por diferentes professores(as) especialistas, o que tende a fragmentar o trabalho com os objetos de conhecimento. Nesse contexto, os(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as) exercem um papel estratégico na articulação e no acompanhamento do currículo e das práticas pedagógicas em ação na escola.

É essencial que o quadro horário seja planejado considerando as características dessa etapa da vida. Na organização do tempo escolar, recomenda-se levar em conta as especificidades de cada componente curricular e o desenvolvimento físico, psíquico e social dos(as) adolescentes. Um quadro horário bem estruturado favorece a interdisciplinaridade, a integração de projetos e a criação de espaços para o desenvolvimento de diversas competências.

Nas escolas de tempo integral, destaca-se a necessidade de evitar a divisão rígida entre turno e contraturno, distribuindo os componentes curriculares da base comum e da parte diversificada de forma equilibrada ao longo do dia. Em um currículo integrado e integrador, o acesso aos conhecimentos curriculares, bem como a projetos, cultura, esporte, lazer e diferentes tecnologias, entre outras práticas e experiências, deve estar articulado e presente de forma transversal nos tempos escolares.

Quadro horário a favor das aprendizagens e desenvolvimento integral dos(as) adolescentes.

Pesquisas recentes¹⁰ fornecem evidências sobre como organizar a grade curricular e os horários da escola, considerando a relação entre os períodos do dia e o desempenho acadêmico dos(as) adolescentes. Essas descobertas podem orientar o planejamento da matriz curricular e a distribuição dos horários escolares, potencializando as oportunidades de aprendizagem. Algumas recomendações incluem:

- Estudos sobre os impactos do sono no desempenho acadêmico sugerem adiar o início das aulas pela manhã, pois o sono é essencial para o desenvolvimento físico, social e cognitivo. Observa-se que muitos(as) adolescentes não estão dormindo o suficiente, o que pode levar a diversos problemas de saúde e desenvolvimento. Embora essa mudança ainda não seja viável em muitas redes de ensino, recomenda-se que as escolas estejam atentas a este tópico, orientando estudantes e famílias sobre a importância do sono;
- Alternar componentes que exigem foco prolongado, como Matemática ou Língua Portuguesa, com aulas mais práticas pode contribuir para manter os(as) estudantes engajados(as) e aprendendo ao longo do dia;

¹⁰ Saiba mais em: CASTELLANOS, D. (2023); IGLESIA, H. (2018); POPE, N. G. (2016); WILLIAMS, K. M. & SHAPIRO, T. M. (2018).

- Exercícios físicos, como os realizados na Educação Física, podem melhorar o funcionamento cognitivo. O planejamento pode ser intencional para que essas atividades ocorram antes das aulas de componentes que exigem maior concentração;
- Organizar horários em bloco ou aulas duplas reduz a fragmentação e permite o planejamento de situações de aprendizagem mais extensas e complexas;
- Distribuir componentes que envolvam criatividade e expressão, como Artes e Educação Física, após o intervalo ou no período da tarde pode ser benéfico, pois esses são momentos em que a concentração intensa já não é tão alta e há um aproveitamento da energia renovada após a pausa;
- Planejar pausas curtas entre componentes curriculares, especialmente aqueles que exigem esforço cognitivo intenso, como Matemática, permite que os(as) estudantes descansem a mente entre uma aula e outra;
- Utilizar os últimos períodos para atividades de consolidação ou revisão de conteúdos pode ser útil, pois essas tarefas demandam menos energia criativa e favorecem um foco mais reflexivo.



Na prática 2: Implementando a Escola das Adolescências

Como fazer a gestão do currículo e o acompanhamento das aprendizagens?

Para apoiar esse processo, apresentamos a seguir duas sugestões de instrumentos de coleta de dados que auxiliam no acompanhamento das aprendizagens dos(as) adolescentes. Esses instrumentos organizam as informações, documentam o processo e oferecem um panorama das aprendizagens e das ações realizadas para apoiar os(as) estudantes. O primeiro instrumento é um registro individual, preenchido pelo(a) professor(a) sobre cada estudante. O segundo é um consolidado dos dados por turma, que pode ser preenchido pelo(a) professor(a) em parceria com o(a) Coordenador(a) Pedagógico(a).

Para os(as) estudantes que necessitam de intervenções mais estruturadas, como apontado pelo Conselho de Classe, é essencial que o preenchimento individual seja contínuo e detalhado. Esse registro deve destacar avanços, dificuldades, as estratégias utilizadas e intervenções definidas. Como Coordenador(a) Pedagógico(a), promova momentos de análise coletiva desses registros a fim de planejar ações pedagógicas que atendam às necessidades identificadas.

Os instrumentos são flexíveis e adaptáveis às necessidades da escola, do currículo e da equipe pedagógica. Além disso, podem ser digitalizados para facilitar o registro, a análise e o compartilhamento das informações entre os(as) professores(as) e a equipe gestora.

INSTRUMENTO DE ACOMPANHAMENTO DAS APRENDIZAGENS CONSOLIDADO POR TURMA

Ano/turma:

Quantidade de estudantes na turma:

Componente curricular:

Nome do(a) professor(a) responsável:

Objetivos de aprendizagem

Listagem dos objetivos ou habilidades previstas no currículo para o período (bimestre, trimestre, semestre etc.).

Visão geral da turma

Quantidade ou porcentagem de estudantes por nível de domínio dos objetivos de aprendizagem, tais como:

- 56% - Plenamente atingido.
- 32% - Parcialmente atingido.
- 12% - Não atingido.

Representação gráfica dos dados (gráficos de barras ou pizza para facilitar a visualização).

Indicadores por objetivo de aprendizagem

Cada objetivo listado individualmente, com a quantidade ou porcentagem de estudantes que estão em cada nível, tais como:

- Domínio total.
- Domínio parcial.
- Em desenvolvimento.
- Não alcançado.

Com foco na gestão para a equidade, pode ser realizada também uma análise por subgrupos, como gênero, raça e estudantes com deficiência, para identificação de possíveis desigualdades dentro da turma.

Identificação de tendências, padrões e desafios

Observações sobre padrões na aprendizagem da turma, tais como:

- Objetivos mais desafiadores.
- Áreas de maior avanço na aprendizagem.
- Diferenças significativas entre subgrupos de estudantes.

Levantar causas possíveis para os desafios encontrados (baseadas em dados ou observações).

Observações gerais

Espaço aberto para registrar observações adicionais sobre o estudante, tais como:

- Aspectos socioemocionais que possam influenciar a aprendizagem.
- Conflitos ou situações específicas vivenciados pela turma.
- Progressos não mensuráveis em atividades avaliativas formais.

Intervenções e encaminhamentos

Análise de ações pedagógicas já realizadas pelo(a) professor(a) no período (ex.: estratégias de diferenciação, projetos).

Sugestões de intervenções futuras para o(a) professor(a) e equipe pedagógica, tais como:

- Uso de novas estratégias e metodologias, priorização de habilidades e ajustes no planejamento do próximo período.
- Recursos adicionais ou formações necessárias para apoiar o(a) professor(a).

INSTRUMENTO DE ACOMPANHAMENTO DAS APRENDIZAGENS INDIVIDUAL

Nome do(a) estudante:
 Ano/turma:
 Componente curricular:
 Nome do(a) professor(a) responsável:
 Período (bimestre/trimestre/semestre):

Objetivos de aprendizagem	Listagem dos objetivos ou habilidades previstos no currículo para o período (bimestre, trimestre, semestre etc.).
Indicadores de desempenho	<p>Critérios para avaliar a aprendizagem do(a) estudante em relação aos objetivos de aprendizagem, tais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Domínio total. ■ Domínio parcial. ■ Em desenvolvimento. ■ Não alcançado.
Evidências de aprendizagem	<p>Evidências observáveis da aprendizagem do(a) estudante, incluindo:</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Desempenho em atividades avaliativas. ■ Participação em projetos e atividades. ■ Observação de engajamento nas aulas.
Intervenções realizadas	<p>Descrever ações de intervenção pedagógica já realizadas, tais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Atendimento individualizado. ■ Uso de estratégias de diferenciação pedagógica. ■ Reunião com a família.
Observações gerais	<p>Espaço aberto para registrar observações adicionais sobre o(a) estudante, tais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Aspectos socioemocionais que possam influenciar a aprendizagem. ■ Dificuldades específicas. ■ Progressos não mensuráveis em atividades avaliativas formais.
Plano de ação	<p>Propostas de encaminhamentos para fortalecer as aprendizagens do(a) estudante, tais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Estratégias de recomposição das aprendizagens. ■ Sugestões de estratégias de estudo para o próximo período escolar.

2.4 Dimensão: Cultura e clima escolar

A Política Nacional Escola das Adolescências destaca a importância de uma escola mais acolhedora, na qual os(as) estudantes se sintam seguros(as) e valorizados(as), e haja espaço e intencionalidade no desenvolvimento socioemocional, reconhecendo também a importância do clima e da convivência escolar.

Os elementos desta seção pretendem apoiar os(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as) a refletirem sobre:

- A importância de a escola ser um espaço acolhedor, seguro e de valorização das diversidades;
- A participação dos(as) estudantes na vida escolar;
- Seu papel na promoção de um ambiente educacional baseado no respeito mútuo e na resolução de conflitos de maneira justa para o coletivo.

A implementação da Política Nacional Escola das Adolescências pressupõe o fortalecimento de um ambiente efetivamente promotor do desenvolvimento integral e da construção de uma cultura de paz, cuidando do clima, das interações e relações que se estabelecem no ambiente escolar, promovendo o acolhimento, a participação e a valorização dos(as) estudantes¹¹.

Cada espaço escolar – salas de aula, corredores, quadras, bibliotecas, áreas externas – pode ser planejado e utilizado intencionalmente para estimular aprendizagens, convivências e interações positivas. Além de atender às necessidades funcionais, esses espaços precisam refletir os valores e princípios que orientam a educação da escola, promovendo acessibilidade, inclusão, diversidade e criatividade. Quando concebidos como ambientes educadores, os espaços escolares deixam de ser meros suportes físicos, tornando-se também estímulos para a curiosidade, o senso de pertencimento e a expressão dos(as) estudantes. Dessa forma, contribuem para potencializar suas experiências de aprendizagem e convivência.

É possível que os(as) adolescentes encontrem, nas famílias ou em outros espaços sociais, adultos que, diante dos desafios de convivência, adotem posturas de silenciamento ou

¹¹ A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) X, no Art. 12, estabelece como incumbência dos estabelecimentos de ensino: "IX - promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (bullying), no âmbito das escolas; e X - estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas.

de moralização¹², discutam contradições, injustiças e violências que passam a observar ou vivenciar, além de compartilhar suas questões, anseios e sentimentos.

Na escola, é fundamental que os(as) estudantes sejam acolhidos(as) em suas diversas formas de ser e estar no mundo, tendo a oportunidade de viver relações sociais saudáveis. Neste sentido, é preciso garantir que momentos de escuta, como rodas de conversa e encontros individuais entre a Coordenação e o(a) estudante, não sejam transformados em espaços de reprimendas ou julgamentos. Ao contrário, eles devem estar dedicados à valorização e compreensão das perspectivas dos(as) estudantes e à construção conjunta de soluções para os desafios de convivência ou aprendizagem. Quando bem conduzidos, esses espaços fortalecem os vínculos, promovem a confiança e criam oportunidades para o desenvolvimento de competências como a empatia, a autorreflexão e o diálogo respeitoso.

Organização dos espaços físicos

Todos **os espaços físicos da escola influenciam os processos de ensino e aprendizagem, além de impactarem o clima escolar**. Por isso, devem ser pensados e organizados levando em consideração a faixa etária, as demandas e os interesses dos(as) estudantes, com o objetivo de promover a aprendizagem, a convivência, a resolução de conflitos e a expressão das culturas adolescentes. Com o apoio do(a) Diretor(a) e da Secretaria de Educação, o(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) pode propor ações e mudanças nos espaços da escola, de diferentes tamanhos e níveis de complexidade, que exijam mais ou menos recursos, envolvendo também os(as) estudantes nas propostas.

2.4.1 Clima escolar acolhedor e seguro para os(as) adolescentes

A Política Nacional Escola das Adolescências estimula que a equipe escolar apoie os(as) adolescentes em seu desenvolvimento, abordando, com base em conhecimentos científicos e práticas pedagógicas cotidianas, questões sociais que impactam a maneira como eles(as) veem a si mesmos(as) e aos outros. Nesse contexto, é importante refletir sobre a convivência e o clima escolar:

¹² Abordagem que reduz conflitos e questões pessoais dos(as) adolescentes a julgamentos de certo ou errado com base em normas morais rígidas e inflexíveis, sem considerar os contextos individuais e as experiências das pessoas envolvidas, muitas vezes ignorando a complexidade das situações e promovendo culpabilização e vergonha.

- Os(as) adolescentes se sentem respeitados(as) na escola?
- Reconhecem, neste espaço, oportunidades educativas que ampliam suas visões de mundo?
- Sentem-se acolhidos(as) e respeitados(as) em sua forma de ser e estar no mundo?
- Os espaços são pensados de maneira a acolher as interações em grupos?
- Há abertura da equipe de gestão escolar e dos(as) professores(as) para escutá-los(as) de forma ativa e genuína, suas dúvidas, interesses e demandas?

Esses questionamentos são importantes para diagnosticar o clima escolar. A partir das respostas, é preciso planejar ações que fomentem permanentemente um clima acolhedor e seguro para todos(as) os(as) adolescentes. Nas páginas seguintes, apresentamos algumas possibilidades de ação.

Mais uma vez, é importante reforçar que, apesar de ser uma fase do desenvolvimento que afeta todos os seres humanos, a adolescência é vivenciada de maneiras diferentes por grupos oriundos de diferentes contextos sociais, econômicos e culturais. Em razão das desigualdades com base em gênero, raça, etnia, classe, sexualidade, deficiência e outros marcadores sociais, meninas, pessoas negras, indígenas, pessoas pobres, pessoas LGBTQIA+ e pessoas com deficiência enfrentam maiores desafios para estabelecer interações sociais positivas. Esses grupos também estão mais expostos a violências como racismo, LGBTQIA+fobia, *bullying* e *cyberbullying*.

É fundamental cultivar, entre os(as) adolescentes, a percepção de que são agentes importantes na garantia da segurança e do bem-estar de seus pares. Muitas vezes, situações de *bullying* e *cyberbullying* são identificadas inicialmente pelos(as) próprios(as) estudantes e não chegam ao conhecimento das pessoas adultas da escola ou da família. Por isso, cultivar uma cultura de cuidado mútuo e solidariedade é essencial para que os(as) adolescentes saibam como agir diante dessas situações, especialmente a partir de conhecimentos derivados de protocolos de ação pactuados com a comunidade escolar.

A atuação do(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) precisa considerar as múltiplas adolescências e criar espaço para que a escola não afaste ou ignore as diferentes realidades e vivências. A observação das interações, que no cotidiano escolar é um compromisso da gestão, deve buscar compreender como a convivência se materializa e quais condições precisam ser melhoradas para garantir acolhimento e respeito às diferenças.

Pensar e agir para a equidade na educação exige o enfrentamento à naturalização das desigualdades e reflexão sobre as crenças e atitudes que moldam nossa forma de ver, pensar e agir no mundo. Essa não é uma tarefa fácil e demanda atenção e intencionalidade.

Neste sentido, é importante que os(as) Coordenadores(as) observem também as trajetórias escolares que não acontecem com a linearidade prevista ou que são interrompidas por algum motivo. A distorção idade-ano e o abandono escolar podem ser fruto de fatores diversos, inclusive externos à escola. Por isso, é importante considerar os aspectos individuais, familiares e sociais¹³.

Para influenciar a permanência dos(as) adolescentes na escola, é necessário compreender quais são os diversos obstáculos que esses sujeitos podem vir a enfrentar, entendendo que a escola é direito de todos(as) e um fator de proteção para as adolescências. A Coordenação Pedagógica desempenha um papel estratégico ao planejar ações para garantir que a escola seja efetivamente um lugar de proteção e garantia de direitos. Por isso, deve trabalhar de forma articulada com a direção escolar, implementando as seguintes ações:

- **Mapear uma rede de proteção intersetorial** (saúde, assistência social, educação, cultura, esporte etc.) para garantir o acesso e permanência na escola e proteção para todos(as) os(as) adolescentes.
 - **Como fazer:** identifique e estabeleça relações com os serviços disponíveis no território (postos de saúde, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Organizações Não-Governamentais (ONGs), programas culturais e esportivos), promovendo reuniões com representantes dessas instituições para apresentar a escola, entender os serviços oferecidos e alinhar estratégias conjuntas; crie e divulgue na escola um guia de recursos dessa rede, contendo contatos e explicações sobre os serviços disponíveis; capacite a equipe escolar para identificar situações de vulnerabilidade e acionar os serviços apropriados.
- **Promover a parceria com familiares e responsáveis**, de forma a fortalecer os vínculos entre escola e estudantes.
 - **Como fazer:** realize encontros regulares com familiares e responsáveis, em formatos diversos (reuniões temáticas, rodas de conversa, oficinas práticas etc.) para discutir assuntos de interesse da comunidade escolar; utilize canais de comunicação acessíveis (aplicativos de mensagens, folhetos, reuniões presenciais e outros) para compartilhar informações e

¹³ Para mais informações a respeito da importância do monitoramento da permanência das crianças desde que entram no sistema educacional até sua conclusão na educação, consulte o [Indicador de Trajetórias Educacionais](#).

acolher dúvidas ou sugestões; envolva as famílias em atividades escolares, como projetos pedagógicos, eventos culturais ou ações de voluntariado; ofereça formação ou encontros sobre temas relevantes, como adolescência, saúde mental e convivência familiar, na perspectiva de que as famílias e responsáveis atuem não apenas diante de problemas escolares dos(as) estudantes, mas enquanto agentes de transformação da realidade escolar.

- **Promover a parceria com os(as) estudantes** de forma a fortalecer os vínculos entre eles(as) a escola e entre eles(as) mesmos(as) no combate à violência escolar.
 - **Como fazer:** forme grupos ou comitês de estudantes para dialogar sobre o clima escolar e propor soluções para problemas identificados, incluindo a violência; desenvolva campanhas de conscientização lideradas pelos(as) estudantes, abordando temas como *bullying*, respeito às diversidades e empatia; realize oficinas ou projetos sobre resolução de conflitos, comunicação assertiva e trabalho em equipe; incentive a criação de espaços de escuta (físicos ou virtuais), onde os(as) estudantes possam relatar anonimamente situações de violência.

- **Fomentar a inclusão efetiva de cada adolescente** na comunidade escolar, com políticas educacionais e práticas pedagógicas que fortaleçam elementos de proteção.
 - **Como fazer:** promova diagnósticos participativos para entender o perfil da comunidade escolar, incluindo interesses, necessidades e vulnerabilidades dos(as) adolescentes; planeje ações pedagógicas e projetos interdisciplinares que abordem questões como diversidade, equidade e pertencimento; crie grupos de acolhimento, como tutorias e mentorias por pares; garanta adaptações curriculares e acessibilidade para estudantes com deficiência.

- **Trabalhar pelo rompimento dos ciclos de violências** que são reconhecidas, produzidas ou se manifestam na escola e que precisam ser denunciadas e enfrentadas.
 - **Como fazer:** implemente programas de mediação de conflitos envolvendo equipes especializadas, professores(as) e estudantes; realize formações continuadas com a equipe escolar para identificar e intervir em casos de violência; estabeleça parcerias com especialistas ou organizações que possam auxiliar em intervenções e formações, como psicólogos(as), advogados(as) ou ativistas de direitos humanos; crie protocolos para identificar, denunciar e acompanhar casos de violência, incluindo a orientação aos(as) estudantes e às famílias sobre como agir; promova rodas de conversa e debates sobre as raízes das violências (como desigualdades sociais e preconceitos) para sensibilizar a comunidade escolar.

Na adolescência, as contradições não passam despercebidas - os(as) adolescentes deixam de aceitar, por exemplo, que a escola imponha apenas deveres, e passam a reivindicar ou sentir a necessidade de discutir também seus direitos. Além disso, começam a questionar a validade das regras. Caso percebam que estão desamparados para discutir esses processos, tendem a se afastar da escola ou permanecer nela com dificuldade de encontrar sentido nas dinâmicas estabelecidas ali. Por isso, para apoiar o desenvolvimento de habilidades relacionadas à convivência, é fundamental construir espaços de escuta e participação dos(as) estudantes na elaboração de regras e combinados que dão contorno à vida escolar, como o Regimento Escolar.

Clima escolar acolhedor e seguro para os(as) adolescentes

Criar um ambiente escolar acolhedor e seguro é fundamental para promover o desenvolvimento integral, o bem-estar e o engajamento de todos(as) os(as) estudantes. Essa abordagem resulta na formação de uma cultura de paz, respeito mútuo e valorização da diversidade, contribuindo para a redução de conflitos e para a construção de relacionamentos saudáveis entre a gestão escolar, estudantes, professores(as) e demais membros da comunidade escolar. Assim, fomentar a inclusão e o bem-estar se torna uma prioridade.

Ações que o(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) e sua equipe podem realizar:

- Reavaliar os processos de gestão de conflitos atualmente implementados pela escola (como entre estudantes, ou entre estudantes e professores(as)), garantindo que sua abordagem e encaminhamentos sejam não violentos, dialógicos e sensíveis às especificidades das adolescências e ao respeito às identidades. O objetivo é promover diálogos pedagógicos que estejam alinhados à etapa de desenvolvimento dos(as) adolescentes.
- Estabelecer ou fortalecer Conselhos Estudantis, Grêmios e Comitês¹⁴ que permitam aos(as) estudantes participarem das decisões e regras escolares, além de promover assembleias escolares onde possam discutir temas relevantes para a escola e para a comunidade;
- Fomentar a criação de grupos de apoio e Clubes, onde os(as) estudantes possam compartilhar interesses comuns, como artes, esportes ou causas sociais, e sentir-se parte de uma comunidade;

¹⁴ Confira alguns dos guias disponíveis com dicas práticas de como construir e fomentar os Grêmios escolares e orientar a participação dos(as) estudantes na escola: [Projeto Euetu - Grêmios e Coletivos Estudantis](#) e [Guia Grêmio em Forma](#).

- Diversidade cultural, de gênero, territorial, de pessoas com deficiência, envolvendo professores(as) de diversas áreas;
- Organizar oficinas, palestras, rodas de conversa e campanhas de sensibilização sobre *bullying*, *cyberbullying* e os tipos de preconceitos, envolvendo os(as) adolescentes em atividades que promovam o respeito mútuo, por meio da utilização de estratégias metodológicas como vídeos, teatro, debates etc.;
- Implementar um programa de tutoria entre professores e estudantes, uma abordagem de apoio personalizado para promover o desenvolvimento acadêmico e socioemocional dos(as) estudantes;
- Adaptar pátios e áreas externas para promover atividades físicas e momentos de socialização, como jogos de tabuleiro gigantes, hortas comunitárias ou áreas com bancos em formatos que facilitem rodas de conversa, assembleias e debates;
- Permitir que as quadras esportivas fiquem abertas e disponíveis nos horários de intervalo para que os(as) adolescentes se movimentem, joguem e pratiquem atividades físicas;
- Transformar um dos espaços da escola em sala de descanso e convivência, com mobiliário adequado e regras e combinados de uso estabelecidos coletivamente. Essa ação beneficiará especialmente estudantes de tempo integral, que terão mais oportunidades para relaxar, ler ou conversar durante os intervalos;
- Criar ambientes de aprendizagem com formatos diversificados, que incentivem diferentes abordagens educacionais - incluindo trabalhos em grupo colaborativos e oportunidades para estudos individuais - a fim de atender às necessidades de aprendizagem de todos(as) os(as) estudantes. Esses ambientes podem ser usados livremente, nos intervalos ou no contraturno, para atividades colaborativas e de iniciativa dos(as) estudantes, e também nas aulas dos diferentes componentes curriculares;
- Garantir tempo e oportunidades para a participação dos(as) professores(as) e estudantes em decisões relacionadas ao currículo e aos espaços escolares. Pode ser oportunizado, por exemplo, que participem da definição de temas de projetos anuais e do/da ano/série que estão cursando e da construção de ambientes que atendam às demandas e oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento¹⁵.

¹⁵ Veja mais dicas de como realizar este movimento na escola no artigo [Como estimular a participação dos adolescentes na escola](#), da plataforma Porvir.

2.4.2 Prevenção da violência e promoção da cultura de paz

A coordenação pedagógica desempenha um papel central na prevenção da violência e na promoção de uma cultura de paz nos Anos Finais do Ensino Fundamental, especialmente em um momento em que os desafios e conflitos tendem a se intensificar. A cultura do diálogo e da resolução não-violenta de conflitos deve ser construída continuamente.

A comunidade escolar deve tratar do problema da violência criando um ambiente que a desestime. A valorização de uma cultura de não-violência promove a resolução de conflitos a partir da escuta sensível e da promoção do diálogo, ao invés de recorrer à repressão ou à banalização e naturalização das "pequenas" violências do cotidiano. Diretores(as) e Coordenadores(as) Pedagógicos podem articular parcerias com profissionais especializados, bem como com as famílias e responsáveis, criando uma rede de apoio que contribua para um ambiente escolar seguro, que desestime a violência, oriente as pessoas agressoras para evitar reincidência e acolha as vítimas de agressões.

Além disso, a coordenação pedagógica pode implementar projetos e práticas educativas que estimulem o interesse e o protagonismo dos(as) estudantes, promovendo reflexões e valores como cooperação e empatia, que podem reduzir a incidência de comportamentos violentos e preparar os(as) adolescentes para resolverem os problemas de forma construtiva, tanto na escola quanto fora dela.

Prevenção da violência e promoção da cultura de paz

A prevenção da violência e a promoção de uma cultura de paz têm como objetivo estimular valores, atitudes e comportamentos baseados na não-violência, no diálogo e na justiça social, além de reduzir comportamentos agressivos nas escolas, promovendo um ambiente educacional fundamentado no respeito mútuo e na resolução de conflitos. Para isso, é fundamental que os(as) estudantes sejam incentivados a manter um diálogo aberto e constante com os(as) professores(as) e a gestão escolar sobre suas vulnerabilidades emocionais.

Dessa forma, é possível identificar, acolher e acompanhar os casos de maior vulnerabilidade social e psicológica, realizando os encaminhamentos necessários aos órgãos e profissionais especializados(as). Ações nesse sentido podem resultar na construção de uma comunidade escolar mais harmoniosa e segura, onde todos(as) se sentem valorizados(as) e protegidos(as).

**Ações que o(a)
Coordenador(a)
Pedagógico(a)
e sua equipe
podem realizar:**

- Diagnosticar as práticas que a escola já adota em relação à promoção de uma cultura de paz, identificando o que tem funcionado e o que pode ser aprimorado, além de conduzir uma pesquisa de avaliação do clima escolar. Para isso, você pode usar como referência o [Manual de orientação para a aplicação dos questionários que avaliam o clima escolar](#), da Faculdade de Educação da Unicamp.
- Possibilitar a formação continuada de profissionais da educação para combater múltiplas violências e identificar sinais de aproximação de estudantes a grupos extremistas que promovem essas práticas e disseminam o ódio;
- Formar a comunidade educacional sobre como lidar com desastres ou traumas¹⁶;
- Explicitar para todas as pessoas envolvidas que o objetivo é a prevenção de um incidente violento, não a punição, incentivando o diálogo contínuo.
- Capacitar estudantes e professores(as) para atuarem como mediadores(as) de conflitos, ensinando técnicas de resolução pacífica de problemas, como a abordagem sugerida pela especialista Telma Vinha no artigo [Uma preciosa ferramenta para enfrentar conflitos](#);
- Promover estratégias metodológicas que estimulem os(as) estudantes a refletirem sobre suas atitudes e comportamentos, fomentando o autoconhecimento e a responsabilidade social, como, por exemplo, projetos de intervenção social na comunidade e atividades com análises de atitudes de personagens ou figuras reais, incentivando os(as) estudantes a refletirem sobre o que fariam no lugar dessas pessoas e como essas ações se conectam a suas vidas;
- Planejar e implementar atividades em parceria com os profissionais da saúde e da assistência social do território, como palestras e oficinas, abordando temas como comunicação não-violenta, direitos humanos e cidadania, educação emocional, saúde mental, entre outros;
- Estabelecer protocolos claros para o tratamento de casos de violência, incluindo sanções, acompanhamento psicológico e apoio às vítimas;
- A Lei 13.431, de 2017, garante a escuta especializada de crianças e adolescentes vítimas ou testemunhas de violência, com o objetivo de garantir um ambiente acolhedor, livre de intimidações, que evite a revitimização e minimize os desconfortos ao compartilhar um relato

¹⁶ Conheça alguns caminhos na publicação do Unicef Brasil, Como falar com crianças e adolescentes durante e após desastres?.

de violência. O encaminhamento para serviços com profissionais que estejam capacitados para realizar esse tipo de escuta deve ser feito quando houver suspeita e/ou confirmação de situações de violência e risco à vida do(a) estudante. Você pode entender melhor sobre como e quando notificar um serviço no documento sobre o [Pacto Nacional pela Escuta Protegida](#), que organiza fluxos de ações para esse tipo de situação¹⁷.

- No documento [Recomendações para Proteção e Segurança no Ambiente Escolar](#), publicado pelo MEC em 2023, são apresentadas mais sugestões de ações. Veja também a série de vídeos disponível no YouTube, promovida pelo MEC em 2024, [Ciclo de diálogos - Justiça Restaurativa nas Escolas](#).
- Para conhecer mais a respeito de estratégias e denúncias para casos de violência, você pode consultar algum dos materiais sugeridos abaixo:
- [Guia escolar: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes](#) (MEC, 2004).
- [A educação que protege](#) (Unicef, 2021).
- Curso [Comunidade Escolar na prevenção e resposta às violências contra crianças e adolescentes](#) (Unicef, 2023).



Continue sua jornada de aprendizagem

CURSO

- [Acolhimento e clima escolar](#) (Fundação Itaú, em parceria com a Comunidade Educativa - Cedac, atual Roda Educativa, 2023).

Resumo: o curso, composto por sete módulos, busca apoiar o planejamento de atuação que considere como premissas o acolhimento da comunidade escolar e a necessidade permanente de cuidado do clima escolar como um dos fatores centrais para a aprendizagem dos(as) estudantes.

¹⁷ O Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação e Economia Social (Lepes) da USP tem desenvolvido um projeto que tem como pilares a transformação do ambiente escolar por meio da escuta ativa, matriciamento e implementação de estratégias socioemocionais. O programa acontece a partir de prática intersetoriais, com ações coletivas e individuais com o objetivo de promover o bem-estar mental dos(as) estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, estabelecendo a escola como um lugar de acolhimento e segurança para os(as) adolescentes. Para saber mais sobre essa experiência, visite o site do programa [Eu posso te ouvir](#).

Por que fazer: embora o curso seja voltado para técnicos(as) de secretaria e dirigentes, traz importantes informações e aprendizagens para profissionais da gestão escolar, como a compreensão de conceitos-chave dentro do tema de acolhimento e clima escolar e a ampliação de repertório sobre mecanismos de escuta, como consultas e pesquisas.

ARTIGO

- [**Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores**](#) (Telma Vinha e Luciene Regina Paulino Tognetta, 2009).

Resumo: a partir de pesquisas que investigaram se o ambiente escolar influencia o desenvolvimento moral dos(as) estudantes e a maneira com que eles(as) se relacionam e resolvem seus conflitos interpessoais, o artigo propõe uma reflexão, fundamentada na teoria construtivista, sobre a forma como os conflitos têm sido resolvidos na escola em duas perspectivas (tradicional e construtivista) e uma análise das consequências desses na formação moral dos(as) estudantes.

Por que ler: para refletir e analisar os resultados e impactos dos principais processos utilizados para intervir nas situações de conflitos interpessoais na escola, buscando a autonomia e a autorregulação dos(as) estudantes.

VIDEOCONFERÊNCIA

- [**Videoconferência Escutar e acolher na Escola das Adolescências**](#) (Undime, com apoio do MEC e do Consed, 2024).

Resumo: uma conversa entre diferentes profissionais, colocando como foco a escuta e o acolhimento dos(as) adolescentes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, a fim de promover o protagonismo, o desenvolvimento e a aprendizagem.

Por que assistir: a adolescência é um período crítico de desenvolvimento, em que os(as) estudantes enfrentam desafios emocionais, sociais e educacionais. Entender como escutá-los(as) e acolhê-los(as) no ambiente escolar, a partir de diferentes perspectivas, é essencial para promover uma educação integral. Trechos da videoconferência podem ser utilizados em formações com a equipe escolar.

2.5 Dimensão: Gestão, formação e acompanhamento

Ser Coordenador(a) Pedagógico(a) na Escola das Adolescências envolve incentivar e promover, junto a seus pares, a gestão democrática e a participação ativa da comunidade escolar nas tomadas de decisão, além de fomentar a formação contínua da equipe.

Os elementos desta seção têm o objetivo de apoiar os(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as) na reflexão sobre:

- A promoção da gestão democrática, com foco na participação dos(as) estudantes e na articulação entre escola, família e comunidade;
- A importância de construir uma comunidade de aprendizagem na escola;
- O papel da Coordenação como liderança pedagógica na formação continuada da equipe escolar.

Promover um ambiente que valorize o protagonismo dos(as) estudantes e que esteja alinhado a práticas educativas que favoreçam o desenvolvimento integral dos(as) adolescentes inclui a implementação de **estratégias de gestão democrática**. Isso envolve estimular a participação ativa de toda a comunidade escolar nas decisões e realizar ações que contribuam para o sucesso educacional dos(as) estudantes (Perrenoud, 1999; Lück, 2010).

Para que a equipe diretiva fortaleça a gestão democrática na comunidade escolar, é essencial:

- Estabelecer relações de confiança e estreitar laços com a comunidade;
- Incentivar o diálogo, a transparência e a colaboração entre todos os membros da comunidade escolar;
- Envolver a comunidade escolar nas tomadas de decisão;
- Promover um clima escolar acolhedor e seguro para os(as) adolescentes, bem como para familiares e responsáveis;
- Priorizar o enfoque no trabalho pedagógico;
- Construir objetivos comuns e desenvolver pessoas.

Neste processo, é fundamental lembrar da importância de organizar a participação da comunidade escolar na atualização do **Projeto Político Pedagógico (PPP)**, considerando os princípios e diretrizes que orientam a construção dessa escola. O PPP deve levar em conta as especificidades dos(as) estudantes adolescentes, as necessidades e os desafios locais, bem como o perfil dos(as) docentes e demais profissionais da escola.

2.5.1 Participação dos(as) adolescentes na vida escolar

Um dos principais caminhos para garantir a escuta efetiva dos(as) estudantes no cotidiano da escola - tanto como ferramenta para o planejamento de ações quanto para a promoção do senso de pertencimento e coletividade - é assegurar e apoiar instâncias de participação ativa. Os(as) adolescentes tendem a atribuir maior significado à aprendizagem e às propostas educacionais quando estas resultam da troca, participação e engajamento.

Assegurar e incentivar a criação e manutenção do **Grêmio Estudantil** é uma das estratégias mais eficazes para fortalecer o diálogo democrático com os(as) adolescentes e a prática da escuta ativa de suas ideias, anseios e propostas. Esse espaço funciona como um exercício de cidadania, convivência, aprendizagem e comprometimento, permitindo que os(as) estudantes proponham e realizem melhorias para a escola e a comunidade, organizem eventos e dialoguem com a gestão em diferentes instâncias.

Para promover esta participação, a Coordenação Pedagógica pode:

- 1. Orientar e apoiar a organização:** auxiliar os(as) estudantes na compreensão dos objetivos e as responsabilidades de um Grêmio Estudantil, orientando a criação de estatutos, regulamentos e cargos; organizar as primeiras reuniões com os(as) estudantes interessados(as), explicando os processos de formação, eleição e funcionamento do Grêmio¹⁸.
- 2. Promover a liderança e a autonomia:** incentivar os(as) estudantes a tomar decisões e liderar projetos, oferecendo formações sobre liderança, gestão de conflitos e comunicação, fortalecendo essas competências nos membros do Grêmio.

¹⁸ Confira algumas dicas e materiais de apoio para a criação de Grêmios escolares na seção 2.4.1 Clima escolar acolhedor e seguro para os(as) adolescentes.

- 3. Facilitar o processo eleitoral:** ajudar na garantia de que o processo de eleição do Grêmio seja justo, organizado e participativo, promovendo a inscrição de chapas e a criação de uma comissão eleitoral composta por estudantes e professores(as).
- 4. Incentivar a participação de toda a comunidade escolar:** mediar momentos em que o Grêmio apresente suas propostas e atividades à comunidade escolar, incentivando a participação e contribuição de todos(as).
- 5. Orientar para o planejamento de atividades:** apoiar o Grêmio na elaboração de planos de ação e no desenvolvimento de projetos, auxiliando na estruturação de atividades culturais, esportivas, sociais ou de conscientização que beneficiem a comunidade escolar.
- 6. Acompanhar e dar devolutivas:** realizar reuniões regulares com o Grêmio para discutir o andamento das atividades, avaliar o impacto das ações realizadas e fornecer devolutivas que auxiliem os(as) adolescentes a enfrentar desafios e aprimorar sua participação.
- 7. Mediar a relação com a gestão escolar:** atuar como um elo entre o Grêmio e a gestão escolar, facilitando a comunicação e auxiliando na resolução de questões que exijam recursos, infraestrutura ou autorizações para a realização de projetos e atividades.

Outro espaço essencial de escuta e diálogo é a **assembleia escolar**, que tem o potencial de fortalecer a escola como um ambiente de aprendizagens e experiências para além dos objetos de conhecimentos. Os(as) estudantes são convidados(as) a refletir coletivamente sobre questões em pauta na escola e na sociedade como um todo, compartilhando pontos de vista, ouvindo as opiniões dos(as) colegas, analisando situações e decidindo conjuntamente sobre assuntos de interesse da comunidade escolar.

Para que esses espaços de troca façam parte da cultura institucional, é necessário garantir tempos, locais adequados e uma periodicidade regular e previamente combinada para que as pautas sejam planejadas e discutidas entre os(as) estudantes. Por exemplo, as assembleias escolares podem ser programadas no calendário escolar para ocorrerem mensalmente, com organização estruturada em conjunto com a equipe docente e com os(as) adolescentes.

Participação dos(as) adolescentes na vida escolar

Para assegurar a participação dos(as) adolescentes na vida escolar, é fundamental promover seu protagonismo, colocando-os(as) no centro das práticas educativas. Isso envolve sua inclusão nas decisões e atividades da escola, bem como a conexão com seus interesses e aspirações. É essencial que suas opiniões e sugestões sejam valorizadas e consideradas, ao mesmo tempo em que se estimula a autonomia para aprender e fazer escolhas. Como resultado, os(as) adolescentes tornam-se mais engajados(as) e motivados(as), contribuindo para a criação de um clima escolar positivo e colaborativo. Algumas estratégias para fortalecer essa participação incluem:

Ações que o(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) e sua equipe podem realizar:

- Estabelecer ou fortalecer Conselhos Estudantis e Comitês, permitindo que os(as) estudantes participem das decisões escolares. Além disso, promover assembleias escolares onde possam discutir temas relevantes para a escola e a comunidade;
- Criar um canal de comunicação direta entre os(as) estudantes e a equipe de gestão escolar, possibilitando o envio de sugestões, reclamações e colaborações na busca por soluções para diferentes desafios;
- Envolver os(as) estudantes ativamente nos processos de mediação de conflito, por meio da criação de um programa de formação de estudantes mediadores(as), tornando-os referências nesse tema dentro da escola;
- Incentivar projetos e ações liderados pelos(as) estudantes, e que envolvendo a comunidade local. Nessa fase, os(as) adolescentes já são capazes de participar - com a mediação de adultos - de iniciativas que envolvem criação, planejamento, execução e avaliação de soluções para questões sociais, comunitárias e escolares.

2.5.2 Articulação entre escola, família e comunidade

Durante a adolescência, a relação dos(as) estudantes com a família passa por transformações e desafios. Nessa fase, o(a) adolescente tende a se diferenciar de pais, mães e demais responsáveis, buscando **construir sua identidade** e se aproximar de grupos de amigos e pessoas da mesma faixa etária. Esse processo pode gerar um aumento das resistências e dos conflitos entre pessoas adultas e adolescentes, além de uma busca por mais **autonomia e independência**. Nesse contexto, o **diálogo entre escola e família** torna-se uma prioridade para a equipe gestora e os(as) professores(as)¹⁹.

¹⁹ Para aprofundar as reflexões sobre a relação da escola com as famílias dos(as) estudantes sugerimos a leitura da publicação [Diálogo escola-família: Parceria para a aprendizagem e o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens](#).

A Coordenação Pedagógica desempenha um papel fundamental na articulação com as famílias e responsáveis. Isso ocorre por meio da mobilização, da informação e da construção de uma parceria alinhada aos objetivos da escola e acolhedora para essas famílias. Ouvir esses atores sociais contribui para a construção de uma perspectiva ampliada sobre as vivências dos(as) adolescentes e os possíveis desafios que enfrentam, favorecendo uma atuação mais assertiva da equipe escolar e por trajetórias de aprendizagem mais lineares, prevenindo situações que possam levar à evasão e ao abandono escolar. Nesse sentido, **recomenda-se que a atuação das famílias e responsáveis seja considerada não apenas como uma resposta a problemas escolares, mas como uma participação ativa e contínua no processo educativo dos(as) estudantes.** Sua participação é fundamental para a construção coletiva, o estabelecimento de parcerias, o apoio, a ampliação do repertório e o reconhecimento dos(as) estudantes.

Articulação entre escola, família e comunidade

A articulação entre escola, família e comunidade pressupõe a existência de canais efetivos de comunicação, participação, colaboração e cocriação, que fortaleçam o relacionamento e a ação sinérgica de todas as pessoas envolvidas em prol de uma educação de qualidade com equidade. Dessa forma, espera-se alcançar a melhoria no desempenho acadêmico dos(as) estudantes, o aumento da frequência escolar, um maior senso de responsabilidade compartilhada na educação dos(as) adolescentes e o desenvolvimento social e emocional dos(as) estudantes, que passam a se sentir mais seguros(as), confiantes, apoiados(as) e motivados(as) a aprender e pertencentes ao ambiente escolar. Algumas estratégias para fortalecer essa articulação incluem:

Ações que o(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) e sua equipe podem realizar:

- Organizar reuniões regulares que não sejam apenas informativas, mas participativas, permitindo que famílias e responsáveis contribuam com ideias, expressem preocupações e se envolvam nos projetos da escola. Esses encontros podem incluir atividades de integração, como oficinas temáticas ou rodas de conversa;
- Criar comitês ou conselhos escolares que incluam membros da comunidade, familiares, estudantes e profissionais da escola, colaborando na tomada de decisões e no planejamento de atividades que beneficiem toda a comunidade escolar;

- Desenvolver um portfólio digital, por exemplo, para documentar e divulgar projetos escolares, conquistas dos(as) estudantes e eventos. Esse recurso permite que famílias, responsáveis e a comunidade acompanhem, de forma acessível, o que está acontecendo na escola e fortalece o sentimento de pertencimento;
- Incentivar a participação das famílias em projetos pedagógicos, especialmente em atividades que valorizem o conhecimento comunitário e familiar. Isso pode incluir a colaboração em iniciativas como projetos sobre a história local, o meio ambiente ou a economia familiar;
- Aplicar questionários ou pesquisas de opinião regularmente para entender as expectativas, necessidades e sugestões de famílias e membros da comunidade. Os dados coletados podem ajudar a ajustar projetos e iniciativas, garantindo que estejam alinhados com os interesses e necessidades da comunidade;
- Criar oportunidades de voluntariado, permitindo que famílias, responsáveis e membros da comunidade colaborem no planejamento e na execução de atividades escolares;
- Organizar oficinas lideradas por profissionais - psicólogos(as), educadores(as), especialistas etc. - para famílias e responsáveis, abordando temas como apoio ao aprendizado, desenvolvimento na adolescência, técnicas de estudo e bem-estar emocional.

2.5.3 Construindo uma comunidade de aprendizagem para o desenvolvimento integral

Na perspectiva da construção de uma comunidade de aprendizagem, a escola se torna um espaço que transcende barreiras físicas e temporais, envolvendo a equipe escolar, estudantes, famílias e a comunidade em uma rede colaborativa de aprendizagem. Para os(as) adolescentes, que vivenciam uma fase importante de seu desenvolvimento, essa abordagem pode ser transformadora, integrando aprendizagens acadêmicas, socioemocionais e práticas, além de fortalecer os vínculos com a família e favorecer o senso de pertencimento em relação à escola e à comunidade.

Entre 2006 e 2011, pesquisadores do Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA), da Universidade de Barcelona, investigaram formas de participação dos familiares e da comunidade que contribuem para o sucesso acadêmico

e a convivência dos(as) estudantes - e que também impactam a superação de desigualdades e exclusões sociais²⁰. Durante a pesquisa, foram identificados cinco tipos de participação dos familiares, responsáveis e comunidade: **informativa**, **consultiva**, **decisiva**, **avaliativa** e **educativa**. Além disso, os pesquisadores analisaram quais dessas formas de participação mais contribuem para melhorias no rendimento acadêmico e na convivência dos(as) estudantes.

A conclusão dos(as) pesquisadores(as) foi que, dentre os cinco tipos de participação, os três últimos - decisiva, avaliativa e educativa - são os que geram maior probabilidade de alcançar resultados positivos em relação à aprendizagem, ao desempenho escolar e à participação das famílias e responsáveis. No entanto, essas também são as formas de participação mais desafiadoras, exigindo um compromisso maior e um trabalho intencional das equipes gestoras e docentes para obter alcançar resultados significativos.

Tipos de participação dos familiares e da comunidade	
Informativa	<ul style="list-style-type: none"> ■ Familiares e responsáveis são informados sobre decisões já tomadas, atividades e funcionamento da escola. ■ Familiares e responsáveis não participam das decisões escolares. ■ As reuniões com os familiares e responsáveis têm o objetivo de informá-los sobre essas decisões.
Consultiva	<ul style="list-style-type: none"> ■ Familiares e responsáveis têm um impacto limitado na tomada de decisões. ■ A participação ocorre por meio de consultas às famílias e aos(as) responsáveis. ■ Familiares e responsáveis participam por meio de entidades estatutárias da escola, como Conselhos.
Decisória	<ul style="list-style-type: none"> ■ Membros da comunidade participam dos processos de tomada de decisão, atuando como o representantes nos espaços deliberativos da escola. ■ Familiares e membros da comunidade monitoram a prestação de contas da escola em relação aos seus resultados educacionais.

²⁰ Conheça o [projeto de pesquisa Includ-ED](#) e suas descobertas e resultados.

Avaliativa	<ul style="list-style-type: none"> ■ Familiares e membros da comunidade contribuem para os processos de aprendizagem dos(as) estudantes, auxiliando na avaliação do progresso escolar. ■ Familiares e membros da comunidade participam da avaliação dos programas e do currículo da escola.
Educativa	<ul style="list-style-type: none"> ■ Familiares e membros da comunidade se envolvem em atividades de aprendizagem dos(as) estudantes, tanto durante o horário regular de aula quanto fora dele. ■ Familiares e membros da comunidade participam de programas educacionais que atendem às suas necessidades.

Fonte: Adaptado de Universidade de Barcelona (2009).

Nesta perspectiva, vale destacar que, além de participar das decisões e avaliações sobre as ações e projetos escolares, as famílias e a comunidade podem encontrar na Escola das Adolescências um espaço de formação e aprendizagem, ao participarem de palestras, oficinas, cursos e grupos de estudos que atendem às suas demandas e necessidades de formação. Nesse processo, elas atuam como compartilhadoras de seus saberes e como aprendizes. Isso se aplica tanto em relação a temas relacionados às adolescências e ao momento em que os(as) estudantes estão vivenciando quanto ao acesso desses familiares e membros da comunidade a conhecimentos acadêmicos e técnicos que poderão contribuir com seu desenvolvimento pessoal e profissional, como aulas de alfabetização de adultos(as), letramento matemático, educação financeira, cursos técnicos específicos, entre outros.

Assim, em escolas que se veem e se constroem como comunidades de aprendizagem, as práticas desenvolvidas têm como premissa que todos(as) são responsáveis por ensinar e aprender, e a troca de conhecimentos e experiências ocorre de forma colaborativa e inclusiva, seja entre a própria equipe escolar, entre professores(as) e estudantes, entre escola e famílias etc.

Neste cenário, embora a equipe de gestão escolar tenha um papel essencial enquanto liderança pedagógica da escola, é imprescindível que todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades de falar e de serem ouvidas nos diferentes espaços de interação, decisão e formação, em uma abordagem que valoriza a escuta ativa, o respeito às diferentes perspectivas e a construção coletiva de soluções.

Promover a escola como comunidade de aprendizagem exige uma visão ampla e um compromisso constante com o desenvolvimento de todas as pessoas que fazem parte das dinâmicas, do cotidiano e do entorno escolar. O papel do(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) é ser o fio condutor que conecta pessoas, ideias e ações, sempre com a intencionalidade de construir um ambiente onde os(as) adolescentes possam se desenvolver de forma integral. É uma tarefa desafiadora, mas que pode transformar a escola em um verdadeiro espaço de inovação e pertencimento.

Para a construção de uma comunidade de aprendizagem na escola, os(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as), em parceria com os(as) demais profissionais da gestão escolar e professores(as), podem:

- Planejar atividades que envolvam a comunidade local, conectando o currículo escolar com a vida cotidiana, como projetos de ação comunitária (como hortas coletivas, campanhas de conscientização ou oficinas culturais). Além do vínculo entre a escola e o entorno, essas experiências oferecem aos(as) adolescentes oportunidades de se perceberem como agentes em seu contexto social, desenvolvendo senso de responsabilidade e pertencimento.
- Buscar parcerias com diferentes atores da comunidade (instituições locais, organizações da sociedade civil, empresas, universidades etc.) para oferecer cursos, palestras e oficinas sobre temas diversificados, ampliando o repertório cultural e formativo dos(as) adolescentes, familiares e responsáveis.
- Fomentar a criação de grupos de estudos intergeracionais, como clubes de leitura ou grupos focados em temas pertinentes para a comunidade. Esse pode ser um excelente caminho para integrar saberes e construir pontes entre os(as) adolescentes e adultos(as) da escola, da família e do entorno.
- Organizar oficinas de formação para famílias e responsáveis, que os ajudem a compreender os desafios e potenciais da adolescência. Essas ações permitem que as famílias participem ativamente do processo educativo, contribuindo para o desenvolvimento integral dos(as) estudantes.



Na prática 3: Implementando a Escola das Adolescências

Como envolver as famílias e demais responsáveis na Escola das Adolescências?

Para conhecer as demandas, bem como os saberes e talentos dos(as) familiares e responsáveis pelos(as) estudantes, que podem contribuir com ações educativas na escola, você encontra, a seguir, a sugestão de um instrumento para levantamento dessas informações. Este documento deve ser preenchido no primeiro mês de aulas, para diagnóstico, podendo ser replicado em outros momentos, conforme o planejamento da gestão escolar. Os resultados consolidados desse levantamento poderão orientar o planejamento das ações e atividades ao longo do ano. O questionário abaixo é uma sugestão, podendo ser adaptado com a incorporação ou exclusão de elementos específicos, de acordo com o contexto e realidade local. Ele pode ser transformado em um formulário a ser preenchido *on-line* para facilitar a sistematização das respostas e a devolutiva para as famílias. A disponibilização de um formulário *on-line* deve ser considerada com base na familiarização da comunidade escolar com ferramentas digitais e no acesso à internet. Caso contrário, também pode ser aplicado de forma analógica, a partir da sua impressão e preenchimento manual pelas pessoas participantes. É importante também considerar o apoio no preenchimento, como, por exemplo, a pessoas não alfabetizadas.

QUESTIONÁRIO: PARTICIPAÇÃO EDUCATIVA DAS FAMÍLIAS

Prezada família,

Queremos construir juntos(as) uma escola mais acolhedora, colaborativa e que reflita as necessidades e talentos da nossa comunidade. Este questionário nos ajudará a conhecer melhor seus interesses, habilidades e como podemos trabalhar em parceria para a aprendizagem de todos(as).

Agradecemos sua participação!

Informações gerais

Nome da pessoa responsável: _____

Relação com o(a) estudante(s) (pai, mãe, avô/avó, outro): _____

Nome do(a) estudante: _____

Contato (telefone ou e-mail): _____

Sua participação atual

1. Você costuma participar das ações e atividades da escola?

- Participo de muitas ações e atividades da escola.
- Participo de poucas ações e atividades da escola.
- Não costumo participar das ações e atividades da escola.

2. O que te motiva a participar das ações e atividades da escola?

- Interesse em acompanhar a educação e o desenvolvimento do(a) estudante pelo(a) qual sou responsável.
- Desejo de contribuir para a comunidade escolar.
- Identificação com as propostas e valores da escola.
- Curiosidade sobre o que é trabalhado na escola.
- Outros: _____

3. O que dificulta sua participação nas ações e atividades da escola? (marque todos que se aplicam)

- Falta de tempo devido ao trabalho ou outras responsabilidades.
- Falta de informação ou comunicação sobre as atividades.
- Desconhecimento de como posso contribuir ou participar.
- Dificuldade de acesso (localização, transporte, acessibilidade etc.).
- Outros: _____

Seus interesses e necessidades formativas

4. Você gostaria de participar de cursos, palestras ou oficinas na escola?

- Sim
- Não

5. Quais temas de formação ou oficinas seriam mais interessantes para você? (Marque até 3 opções)

- Alfabetização
- Matemática básica
- Tecnologias de informação e comunicação (computadores, celulares etc.)
- Saúde e bem-estar (nutrição, exercícios etc.)
- Educação financeira
- Artes e artesanato
- Outros: _____

Seus conhecimentos e habilidades

6. Você tem alguma habilidade ou conhecimento que gostaria de compartilhar com a escola?

- Sim
- Não
- Talvez

Se respondeu "Sim" ou "Talvez", por favor, nos conte um pouco mais:

7. Quais atividades você poderia ajudar a organizar ou participar? (Marque todas que se aplicam)

- Palestras sobre minha profissão ou área de conhecimento
- Oficinas ou aulas práticas (cozinha, artes, jardinagem, etc.)
- Contação de histórias ou clubes de leitura.
- Ações de manutenção e cuidado com a escola (pintura, jardinagem, etc.)
- Organização de eventos culturais ou esportivos
- Outros: _____

Sua disponibilidade para participar

8. Qual é sua disponibilidade para participar de ações na escola?

- Regularmente
- Semanalmente
- Mensalmente
- Ocasionalmente (em eventos ou ações pontuais)
- Não tenho disponibilidade no momento

9. Quais horários seriam mais adequados para participar nessas atividades?

- Manhã
- Tarde
- Noite
- Fins de semana

10. Há algo que você gostaria de sugerir ou compartilhar?

2.5.4 Formação Continuada na escola e acompanhamento docente

Uma função essencial da Coordenação Pedagógica é estabelecer **rotinas sistemáticas para o acompanhamento e a formação em serviço dos(as) professores(as)**. Isso envolve refletir sobre as práticas pedagógicas, utilizar instrumentos de registro, observar regularmente como se dão os processos de ensino e de aprendizagem e identificar pontos fortes e áreas de desenvolvimento profissional dos(as) professores(as). Essas ações devem promover espaços e oportunidades de escuta, reflexão, diálogo e compartilhamento sobre o processo de ensino e aprendizagem.

Na preparação para esta função, é importante que o(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) esteja familiarizado(a) com a **Base Nacional Comum de Formação Docente (BNC-Formação)**²¹, um documento normativo que define as competências gerais e específicas que os(as) professores(as) devem desenvolver ao longo de sua formação inicial e continuada, com o objetivo de garantir uma prática pedagógica alinhada às demandas contemporâneas da educação brasileira. Focada na integração entre teoria e prática, a BNC-Formação orienta os processos formativos para que os(as) docentes sejam capazes de promover aprendizagens significativas e inclusivas, considerando a diversidade das realidades escolares.

No trabalho do(a) Coordenador(a) Pedagógico(a), a BNC-Formação pode ser um guia estratégico na organização de formações em serviço e no acompanhamento das práticas docentes. Ao alinhar os objetivos institucionais às competências previstas pela BNC-Formação, conforme a realidade e o contexto escolares, a Coordenação Pedagógica pode planejar e executar ações que atendam às demandas específicas da equipe escolar e dos(as) estudantes, ao mesmo tempo que promovam o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras e coerentes com as diretrizes nacionais.

A seguir, você encontra dois exemplos de práticas que podem fazer parte da rotina de acompanhamento e formação em serviço dos(as) professores(as), liderada pelo(a) Coordenador(a) Pedagógico(a), além de outras possibilidades, como as reuniões individuais, agrupamentos por diferentes critérios, a leitura de planejamento e devolutivas, entre outros. Ao planejar essas ações, é importante considerar que os horários das aulas dos(as) professores(as) nem sempre permitem reuniões pedagógicas longas e com toda a equipe. Nesse contexto, os acompanhamentos individuais são imprescindíveis, assim como as jornadas pedagógicas no início de cada semestre.

²¹ BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP nº 1, de 1991. dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada).

Reuniões Pedagógicas (RP)

São encontros estruturados e recorrentes, nos quais todos(as) os(as) educadores participam para, juntos(as), compor estratégias que fortaleçam os processos de ensino e de aprendizagem na escola. Elas representam momentos para a reflexão e discussão da prática pedagógica, além de oportunidades para a formação em serviço e o estreitamento dos laços entre os(as) professores(as).

Observação de aula

Acompanhada de devolutivas estruturadas, com foco no desenvolvimento profissional docente, a observação de aula é uma importante estratégia de formação em serviço. Ela oportuniza a coleta de evidências de como se dão os processos de ensino e de aprendizagem, o que favorece a análise, problematização e o desenvolvimento das práticas pedagógicas. Consulte o apêndice que traz a [rubrica de acompanhamento das aulas](#), ao final deste documento, para orientar a sua atuação. Para contribuir com o processo, o(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) pode desempenhar um papel importante também na coleta de evidências do processo de ensino e aprendizagem, por meio do acompanhamento dos materiais pedagógicos produzidos pelos(as) estudantes, como a análise de cadernos, avaliações, produtos finais de projetos maiores, entre outros.

A implementação da Escola das Adolescências demanda um **plano de formação docente**, elaborado pelo(a) Coordenador(a), em parceria com os(as) demais profissionais da gestão escolar e com os(as) próprios(as) professores(as), a partir do acompanhamento e apoio sistemático das práticas docentes.

O plano deve ser flexível, permitindo ajustes conforme o andamento do processo formativo, o retorno dos(as) participantes e os resultados observados em suas práticas. É importante também que esse planejamento considere os resultados da Semana de Escuta das Adolescências e os mecanismos de escuta e participação internos de cada escola, a fim de responder às demandas e opiniões dos(as) estudantes. O plano deve conter:

- Um diagnóstico inicial, com o levantamento das necessidades formativas dos(as) professores(as), a identificação dos desafios pedagógicos e institucionais, e a consideração das metas do PPP da escola.
- Definição de objetivos mensuráveis.
- O conteúdo programático, com a priorização dos conteúdos conforme as necessidades levantadas.
- Estratégias, metodologias e avaliações que serão utilizadas, com enfoque em práticas colaborativas e reflexivas.
- Cronograma bem estabelecido, de forma que todos(as) possam participar.
- Critérios e instrumentos para avaliar os resultados do plano formativo.

A compreensão aprofundada do perfil da equipe docente é fundamental para que a Coordenação Pedagógica desenvolva ações formativas que realmente atendam às necessidades dos(as) professores(as) que atuam nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Cada docente traz consigo saberes, experiências e trajetórias diferentes, que influenciam suas práticas, formas de planejamento e desafios específicos. Assim, a escuta atenta aos(as) professores(as) é um dos primeiros passos para o mapeamento do perfil docente e de seus interesses de desenvolvimento, abordando questões relacionadas a aspectos como: histórico de formação e tempo de profissão, experiências que considera relevantes em sua trajetória como estudante e como professor(a); motivações que o(a) levaram a escolher a profissão docente e a permanecer nela, pontos que gostaria de aprimorar em sua prática pedagógica, entre outros.

Esse mapeamento permite identificar essas particularidades, reconhecer as potencialidades existentes e acolher as demandas individuais e coletivas. Além disso, ao estreitar os vínculos com os(as) professores(as), o(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) pode criar um ambiente de confiança e colaboração, favorecendo o engajamento nas formações e o fortalecimento do trabalho em equipe, alinhado aos objetivos pedagógicos da escola. Para isso, é preciso que o plano de formação seja apresentado de forma mobilizadora para os(as) professores(as), reforçando a importância de seu desenvolvimento profissional para a melhoria contínua da prática pedagógica.

Embora as prioridades sejam feitas a partir das demandas de cada contexto e momento da escola, é recomendado que alguns temas e abordagens essenciais sejam garantidos neste processo formativo. Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, a formação em serviço precisa considerar conhecimentos de naturezas distintas, que contemplem o que é previsto nos componentes curriculares, bem como as competências pertinentes aos processos didático-metodológicos.

Temas sugeridos para o plano de formação docente na Escola das Adolescências

Tema	O que compõe
<p>Os(as) estudantes dos Anos Finais</p>	<p>Direcionar a atenção para as características físicas, emocionais e sociais que marcam a fase da vida em que os(as) estudantes se encontram, sensibilizando e engajando a equipe docente na temática das adolescências em suas diversidades. Tornar as adolescências objeto de estudo em momentos formativos - conforme indicado na pauta formativa do Capítulo 1 - auxilia a equipe docente no planejamento e na implementação de situações de aprendizagem, aulas e projetos que contemplem diferentes âmbitos da construção das identidades, valores, potencialidades e trajetória acadêmica dos(as) estudantes.</p>

<p>Educação para a equidade</p>	<p>Refletir e discutir sobre a diferença entre igualdade e equidade, além do acolhimento e da gestão da convivência na sala de aula e na escola, com o objetivo de promover a equidade, a valorização da diversidade e a construção de um ambiente não-capacitista e inclusivo. Abordar estratégias de recomposição das aprendizagens, aprofundando a compreensão sobre por que e como retomar conhecimentos e habilidades essenciais e que não foram consolidados ou desenvolvidos. Além disso, definir planos de intervenção voltados para turmas e/ou estudantes específicos, garantindo que todos(as) os(as) adolescentes avancem em suas aprendizagens.</p>
<p>Metodologias e avaliação para a aprendizagem</p>	<p>Estabelecer as metodologias ativas e as práticas pedagógicas participativas como objeto de estudo, enfatizando a importância de uma aprendizagem ativa e significativa que potencialize as principais características, demandas e interesses dos(as) adolescentes. Destacar a relevância da avaliação formativa, do uso de diferentes instrumentos e do acompanhamento sistemático das aprendizagens. Para conhecer algumas dessas metodologias e práticas, acesse o Guia de Recomendações Curriculares e Pedagógicas e os Cadernos de Inovação Curricular (CICs) de cada Clube de Letramento, nos quais são apresentadas diversas metodologias e estratégias por área de conhecimento. Nesse contexto, é essencial refletir sobre o papel do(a) professor(a) nos Anos Finais do Ensino Fundamental, considerando os desafios, especificidades e potencialidades dessa etapa de ensino, com o objetivo de construir uma atuação docente comprometida com a aprendizagem significativa e o desenvolvimento integral dos(as) adolescentes.</p>
<p>Educação antirracista, antissexista e anticapacitista</p>	<p>Avaliar e dialogar sobre o contexto escolar e as práticas docentes, considerando uma educação voltada para relações étnico-raciais, antissexista e inclusiva, que leve em conta as diferentes condições corporais e de diferentes tipos de transtornos. É importante destacar que, para além dos momentos formativos, a educação antirracista deve permear o currículo e todas as ações da escola. Esses três aspectos exigem um trabalho intencional, sistemático e estruturado em toda a instituição.</p>
<p>Transição entre as etapas</p>	<p>Evidenciar a importância de os(as) professores(as) apoiarem os(as) estudantes nas transições entre as etapas de ensino, garantindo a continuidade de suas trajetórias educacionais. Nesse sentido, por exemplo, é fundamental que os(as) professores(as) do 6º ano adotem uma abordagem acolhedora para os(as) estudantes que estão ingressando nessa etapa, enquanto os(as) professores(as) do 9º ano estejam preparados(as) para trabalhar com as expectativas e os desafios relacionados à transição para o Ensino Médio.</p>

A formação em serviço como estratégia principal para o desenvolvimento contínuo dos(as) professores(as) é essencial para atender às especificidades de cada contexto e promover a reflexão sobre a prática e as intervenções pedagógicas cotidianas. Paralelamente, a oferta de cursos e formações em parceria com o Ministério da Educação, a Secretaria de Educação, universidades e instituições parceiras, assim como a contratação de especialistas para a realização de oficinas, o compartilhamento de webinários e o planejamento de saídas de campo com professores(as) para visitar espaços do território, entre outras modalidades, são frentes importantes de oferta formativa. Essas ações apoiam os(as) docentes na ampliação de repertórios e na aquisição de novos conhecimentos, além daqueles que já circulam na escola.

Essas oportunidades tornam-se ainda mais formativas quando a equipe docente pode compartilhar as aprendizagens construídas com seus pares, seja por meio da divulgação de textos, artigos e práticas, seja pela participação em momentos de reuniões coletivas. Esse movimento fortalece o contexto formativo da escola e complementa a atuação cotidiana da coordenação pedagógica.

Desenvolvimento profissional

Além da formação continuada na escola, estão previstos cursos de especialização e aperfeiçoamento para formação dos(as) profissionais que atuarão no programa Escola das Adolescências. Um desses cursos, por exemplo, será destinado a formadores de todos os componentes da Base Comum dos Anos Finais, em nível de especialização.

O monitoramento e a avaliação das ações formativas são fundamentais para o aprimoramento da prática docente, pois possibilitam uma reflexão crítica sobre as estratégias de ensino e aprendizagem adotadas. Acompanhando o impacto das formações, é possível identificar quais abordagens são eficazes, quais precisam ser ajustadas e quais novos conhecimentos os(as) educadores(as) ainda precisam desenvolver.

Essa prática não só contribui para o desenvolvimento profissional contínuo dos(as) professores(as), como também favorece a melhoria da qualidade da educação. Professores(as) bem preparados(as) e alinhados(as) com as necessidades dos(as) estudantes são capazes de oferecer um ensino mais envolvente e significativo. Além disso, a avaliação sistemática das ações formativas fortalece uma cultura de aprendizagem colaborativa, na qual experiências e as estratégias bem-sucedidas são compartilhadas, ao mesmo tempo

em que há espaço para discutir aquelas que não tiveram o efeito esperado, impulsionando o crescimento coletivo da equipe docente e, conseqüentemente, dos(as) estudantes.

Características das formações eficazes

O relatório técnico *Formação Continuada de Professores: contribuições da literatura baseada em evidências*²², publicado pela Fundação Carlos Chagas (2017), apresenta as **cinco principais características para uma formação eficaz**, ou seja, aquela que tem o potencial de melhorar significativamente a prática dos(as) professores(as), resultando em aprendizagem para os(as) estudantes.

1. Foco no conhecimento pedagógico do conteúdo

Envolve a compreensão de como ensinar e de como os objetos de conhecimento dos componentes curriculares estão estruturados e articulados entre si, além do conhecimento sobre como os(as) estudantes aprendem e da utilização de estratégias e didáticas eficazes de ensino e de avaliação do componente.

2. Uso de metodologias ativas de aprendizagem

Refere-se ao uso de metodologias que buscam promover a aprendizagem ativa dos(as) professores(as) como aprendizes. Pode-se propor a realização de ações como observar professores(as) especialistas e de ser observado(a) lecionando; planejar novos materiais a partir do currículo e desenvolver novos métodos de ensino para aplicação em sala de aula; revisar o trabalho dos(as) estudantes sobre os assuntos e tópicos que estão sendo tratados; coordenar discussões e realizar trabalhos escritos (Garet *et al.*, 2001). Além disso, é importante que as formações destinadas aos(as) professores(as) utilizem metodologias ativas, para que, por meio da homologia de processos²³, eles(as) vivenciem essas práticas e tenham mais subsídios para aplicá-las com os(as) estudantes.

²² MORICONI, Gabriela Miranda. Formação continuada de professores: contribuições da literatura baseada em evidências. São Paulo: FCC, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/textosfcc/issue/view/340/169>. Acesso em: 29 fev. 2024.

²³ Homologia de processos é um termo criado pelo pedagogo Donald Schön para tratar da importância de aproximar a formação vivenciada pelos(as) professores(as) à forma como se espera que eles(as) atuem em sala de aula com os(as) estudantes. Ou seja, conduzir e utilizar nas formações as estratégias e metodologias que se pretende que os(as) professores utilizem.

3. Trabalho colaborativo entre pares

O desenho da formação garante o apoio e a interação entre os(as) professores(as) participantes e entre os(as) participantes e formadores(as). Formações com enfoque colaborativo entre professores(as) facilitam a resolução de problemas comuns, promovem uma compreensão compartilhada sobre objetivos de ensino e metodologias e fortalecem a cultura profissional. Estratégias de mentoria e fortalecimento de comunidades de aprendizagem nas escolas também são indicadas.

4. Duração prolongada da formação

Recomenda-se que a formação tenha uma duração prolongada, intensiva e contínua, permitindo contato frequente com os(as) formadores(as) e *feedbacks* constantes, com vistas a promover mudanças profundas e sustentáveis nas práticas docentes. Assim, é indicado, por exemplo, que o plano de formação preveja encontros interligados, que retomem elementos discutidos anteriormente e reflitam sobre as práticas e metodologias que foram aplicadas nos intervalos entre os encontros.

5. Coerência sistêmica

É fundamental o plano de formação esteja alinhado aos objetivos curriculares, materiais didáticos e processos de avaliação, considerando a articulação com o contexto de cada rede ou escola, bem como os conhecimentos e necessidades dos(as) professores(as).

2.5.5 Estudo e autodesenvolvimento profissional do(a) Coordenador(a) Pedagógico(a)

Reconhecer e potencializar a escola como um espaço de aprendizagem para diretores(as), coordenadores(as) pedagógicos(as), professores(as), estudantes, equipes de apoio, familiares e demais membros da comunidade escolar significa, também, estabelecer um clima escolar favorável à ampliação de saberes.

Por isso, além da formação docente em serviço e do desenvolvimento de toda a equipe escolar, é preciso que o(a) que o(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) inclua em sua rotina o seu próprio aprimoramento. Isso pode ser feito por meio de um **plano pessoal de formação**, que pode contemplar:

- Temas ligados às atribuições da Coordenação Pedagógica, de acordo com a legislação e o PPP da escola;

- Estudo aprofundado sobre políticas públicas, como o Programa Nacional Escola das Adolescências;
- Ampliação de conhecimentos teóricos e práticos sobre como atuar na gestão escolar nos Anos Finais do Ensino Fundamental, com foco na equidade na educação, na gestão democrática e no uso de práticas inovadoras;
- Reflexões sobre sua identidade profissional como formador(a) de professores(as) na construção da Escola das Adolescências;
- Análise da matriz curricular adotada pela rede, considerando a gestão do currículo e as ações para o acompanhamento e apoio sistemático das práticas pedagógicas;
- Participação em ações formativas promovidas pela Secretaria de Educação, universidades ou outras instituições educacionais e de outros setores, como saúde e assistência social, a fim de ampliar conhecimentos sobre o desenvolvimento integral dos(as) adolescentes;
- Parcerias com outros(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as), para ampliar o repertório de práticas e compartilhar experiências.



Na prática 4: Implementando a Escola das Adolescências

Como aprimorar a rotina de acompanhamento e formação continuada da equipe na Escola das Adolescências?

Para auxiliar o(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) na organização e no planejamento de uma rotina estruturada para as ações de formação continuada e acompanhamento docente, promovendo práticas consistentes e alinhadas às necessidades da equipe e dos(as) estudantes, apresentamos dois instrumentos que podem ser adaptados conforme os diferentes contextos de atuação.

O primeiro é o "Modelo de organização da rotina de formação continuada e acompanhamento docente", que inclui um diagnóstico inicial, a organização da rotina e uma seção de avaliação e replanejamento. O modelo também contém um calendário preenchido como exemplo, com elementos que podem constar na rotina do(a) Coordenador(a) Pedagógico(a). No entanto, reiteramos que este é apenas um exemplo possível, sujeito a ajustes conforme a realidade da comunidade escolar.

O segundo instrumento é o "Instrumento de observação de aula", que apoia o(a) Coordenador(a) na coleta de evidências sobre práticas pedagógicas em sala,

possibilitando devolutivas construtivas e alinhadas ao desenvolvimento profissional docente. Ele abrange informações gerais, dimensões a serem observadas, espaço para registros livres e para estruturar a devolutiva. É importante que a observação de aula seja utilizada de forma colaborativa, promovendo um ambiente de apoio e troca entre a Coordenação Pedagógica e os(as) professores(as). Portanto, o primeiro passo é apresentar este instrumento a eles(as), explicitando os objetivos dessa ação.

ORGANIZAÇÃO DA ROTINA DE FORMAÇÃO CONTINUADA E ACOMPANHAMENTO DOCENTE

Diagnóstico inicial

Mapeamento do perfil docente: quantidade de professores por componente curricular e área do conhecimento; principais demandas formativas (diagnóstico inicial ou contínuo); potencialidades identificadas no grupo docente; entre outras informações levantadas. As observações de aula também ajudam a fortalecer o diagnóstico, fornecendo evidências da prática dos(as) professores(as).

Definição de prioridades: quais temas são prioritários para as formações continuadas? Exemplos: planejamento pedagógico; avaliação formativa; uso de tecnologia; metodologias ativas entre outros. Quais práticas precisam de acompanhamento mais próximo?

Ações formativas e de acompanhamento docente

Encontros formativos coletivos:

Frequência: () semanal () quinzenal () mensal

Dias e horários preferenciais: _____

Temas prioritários para os encontros: _____

Observações de aula e devolutivas individuais:

Frequência: () semanal () quinzenal () mensal

Critérios para priorização e escolha das turmas e componentes: _____

Reuniões Pedagógicas com todos(as) os(as) professores(as):

Frequência: () semanal () quinzenal () mensal

Objetivos: _____

Reuniões de alinhamento individuais com os(as) professores(as):

Frequência: () semanal () quinzenal () mensal

Objetivos: _____

Espaço para trocas entre pares:

Frequência: () semanal () quinzenal () mensal

Objetivos e formatos: _____

Desenvolvimento profissional do(a) Coordenador(a) Pedagógico(a)

Temas prioritários para o período:

Fontes de estudo:

Calendário semanal

Este calendário é um exemplo de como organizar as ações de acompanhamento e formação ao longo da semana, considerando que, além dessas atividades, o(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) tem outras responsabilidades no dia a dia escolar.

Dia	Atividade	Objetivo	Participantes	Local
Segunda-feira	Encontro com equipe de Ciências	Planejamento pedagógico	Professores(as) de Ciências	Sala da Coordenação
Terça-feira	Observação de aula - História 8º ano B	Acompanhamento de estratégias de ensino	Professor(a) de História e estudantes	Sala 12
Quarta-feira	Formação coletiva: Avaliação formativa	Ampliação de repertório e trocas sobre práticas avaliativas	Toda a equipe pedagógica	Sala de reunião
Quinta-feira	Estudo individual do(a) coordenador(a)	Atualização sobre metodologias ativas	-	Sala da Coordenação/ <i>On-line</i>
Sexta-feira	Planejamento do próximo encontro formativo	Organização e estruturação	Equipe de gestão escolar	Sala de reunião

Acompanhamento e avaliação

Monitoramento: como serão avaliados os resultados das ações de acompanhamento e formação?

Exemplos: pesquisas de satisfação docente, análise das práticas pedagógicas, resultados de aprendizagem.

Revisão de estratégias: quais ações precisam ser ajustadas? Quais novas necessidades surgiram?

INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO DE AULA

É essencial, em todas as perguntas do questionário, destacar as boas práticas já adotadas e identificar o que pode ser aprimorado, apontando caminhos possíveis. Sendo assim, essa devolutiva precisa se basear em evidências objetivas, evitando julgamentos, com o objetivo de apoiar a qualificação do trabalho realizado.

Data da observação: _____

Nome do(a) professor(a): _____

Componente curricular: _____

Turma: _____

Objetos de conhecimento e habilidades em foco na aula: _____

Planejamento e organização da aula

- A aula apresenta objetivos específicos e alinhados ao currículo?
- Os objetivos foram compartilhados com os(as) estudantes?
- As situações de aprendizagem propostas estão conectadas aos objetivos da aula? O que demonstra isso?
- Há evidências de planejamento prévio, como materiais preparados e estratégias bem definidas?

Metodologias e estratégias de ensino

- Quais metodologias foram utilizadas (expositiva, ativa, dialogada etc.)?
- Quais estratégias o(a) professor(a) utilizou para considerar os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem dos(as) estudantes?
- Quais estratégias de incentivo à participação dos(as) estudantes (perguntas, discussões, trabalhos em grupo, etc.) o(a) professor(a) utilizou?

Uso de recursos e materiais pedagógicos

- Quais recursos foram utilizados (livro didático, vídeos, materiais concretos etc.)?
- Os recursos contribuíram para facilitar a compreensão dos objetos de conhecimento? De que forma?
- Os materiais estavam acessíveis e bem planejados para a aula?
- Que momentos da aula ou relatos de estudantes evidenciam isso?

<p>Interação e mediação docente</p>	<ul style="list-style-type: none"> ■ Que tipo de perguntas o(a) professor(a) utilizou para promover a reflexão? ■ As explicações foram acessíveis aos(às) estudantes? Quais evidências há neste sentido? ■ Houve mediação de conflitos ou estímulo ao respeito mútuo em sala de aula? Quais práticas foram adotadas? ■ O(a) professor(a) ofereceu devolutivas durante as atividades, destacando avanços e pontos de melhoria? Como?
<p>Engajamento e participação dos(as) estudantes</p>	<ul style="list-style-type: none"> ■ Os(as) estudantes demonstraram interesse e envolvimento nas atividades? Quais atitudes demonstram isso? ■ Houve espaço para que apresentassem dúvidas ou contribuíssem com ideias? Como foram conduzidos? ■ As hipóteses, questionamentos, erros e contribuições dos(as) estudantes foram levadas em consideração? Como? ■ Quais as evidências de que o comportamento da turma em sala de aula é influenciado - ou não - pelas estratégias utilizadas pelo(a) professor(a)?
<p>Sistematização e avaliação</p>	<ul style="list-style-type: none"> ■ O(a) professor(a) esteve atento(a) aos(às) estudantes(as), considerando os diferentes níveis de aprendizagem? Quais as evidências nesse sentido? ■ O(a) professor(a) realizou um fechamento da aula, retomando os objetivos propostos? De que forma? ■ Houve alguma atividade de avaliação formativa (isto é, uma verificação da aprendizagem durante ou ao final da aula)? Se sim, qual? ■ Quais estratégias foram utilizadas para consolidar o aprendizado?
<p>Espaço para registro livre</p>	<p>Descreva momentos que se destacaram, desafios percebidos, práticas positivas ou outras observações relevantes, além de tópicos que podem ser discutidos na devolutiva, sempre com foco no desenvolvimento profissional e na melhoria das práticas pedagógicas.</p>

Devolutiva estruturada

1. Inicie com perguntas para coletar a visão do(a) professor(a) sobre a prática realizada e entender sua perspectiva, preparando-se para a conversa.
2. Ao apresentar sua devolutiva, comece destacando os pontos positivos da prática observada.
3. Ao abordar os pontos de desenvolvimento, lembre-se de se basear exclusivamente nas evidências observadas, e não em inferências ou julgamentos. Além disso, se houver muitos pontos de melhoria, é importante priorizar os mais relevantes. Quando muitos pontos são abordados ao mesmo tempo, pode ser mais difícil para o(a) professor(a) conseguir focar no desenvolvimento de todos simultaneamente.
4. É importante contribuir para a expansão do repertório dos(as) professores(as), apoiando-os(as) em seu processo de desenvolvimento profissional. Assim, faça sugestões sobre o que e como ele(a) pode melhorar, com indicações de referências, práticas, livros etc.
5. Uma devolutiva eficaz é finalizada com combinados claros, ou seja, com encaminhamentos definidos a partir do que foi conversado durante a reunião, estabelecendo próximos passos explícitos para uma próxima observação.
6. Não deixe de agradecer o(a) professor(a) pela disponibilidade e por tê-lo(a) recebido em sua sala.



Continue sua jornada de aprendizagem

DOCUMENTÁRIOS

- ***Pro dia nascer feliz*** (Direção: João Jardim, 2005).

Sinopse: o documentário aborda a educação no Brasil através das perspectivas de estudantes e professores(as) de diferentes contextos sociais. O filme apresenta histórias marcantes de adolescentes enfrentando os desafios da desigualdade, da violência e das expectativas sociais, destacando como essas experiências influenciam suas trajetórias educacionais e pessoais.

Por que assistir: ele oferece uma visão interessante das experiências escolares nesta fase da vida, promovendo empatia e entendimento sobre os desafios enfrentados por estudantes e professores(as). É uma obra que pode ser utilizada em momentos formativos com a equipe escolar, propondo discussões sobre o papel da escola e de todos(as) que fazem parte dela.

LIVROS, GUIAS E ARTIGOS

- ***Coordenação Pedagógica: identidade, saberes e práticas*** (Roda Educativa).

Resumo: organizado por Tereza Perez e Patrícia Diaz, o livro reúne textos que promovem uma reflexão sobre a identidade dos(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as), destacando seu papel de articulador(a) da relação que se estabelece entre o ensinar e o aprender na escola. O livro também discorre sobre as parcerias que esses(as) profissionais precisam estabelecer com a direção, a equipe docente e os outros atores da comunidade escolar.

Por que ler: é um excelente recurso para profissionais da Coordenação Pedagógica que buscam aprimorar suas práticas e compreender seu impacto no ambiente escolar. Ideal para quem deseja aprofundar sua atuação e contribuir para o desenvolvimento coletivo da equipe escolar.

- ***Formação de formadores: um território a ser explorado*** (Ecleide Cunico Furlanetto).

Resumo: o artigo estabelece um diálogo com autores(as) que investigam a formação de quem forma, explorando alguns eixos que podem contribuir para uma maior compreensão dos processos que envolvem esta temática.

Por que ler: o texto proporciona reflexões teóricas e práticas que contribuem para a qualificação dos processos formativos. Ele oferece subsídios importantes para repensar a formação de formadores(as), promovendo um olhar crítico e inovador sobre as práticas educativas.

SEMINÁRIOS E VIDEOCONFERÊNCIAS

- [**Seminário Internacional “Construindo uma escola para as adolescências”**](#) (Ministério da Educação, 2024).
- [**Videoconferência “Participar e Conviver na Escola das Adolescências”**](#) (Undime, MEC, Consed e Unicef, 2024).
- [**Videoconferência “Anos Finais do Ensino Fundamental: desafios e perspectivas”**](#) (Itaú Social, 2022).

Resumo: os eventos e videoconferências promovidos por instituições como o Ministério da Educação, Undime, Consed, Unicef e Itaú Social têm como foco a reflexão sobre a escola para os(as) estudantes adolescentes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, suas particularidades, demandas e potencialidades.

Por que assistir: oferecem reflexões fundamentadas, troca de experiências e práticas inovadoras para lidar com os desafios específicos da adolescência no contexto escolar. Assistir a essas discussões pode inspirar iniciativas que tornem a escola mais inclusiva, significativa e promotora do desenvolvimento integral dos(as) adolescentes.

3



Monitoramento e avaliação

O capítulo apresenta a importância do monitoramento e da avaliação na implementação da Política Nacional Escola das Adolescências, bem como métodos que permitem identificar, analisar e ajustar continuamente as estratégias para que estejam alinhadas aos objetivos de qualidade e equidade.

Essas práticas permitem que a Coordenação Pedagógica, em parceria com o(a) Diretor(a) Escolar, acompanhe os resultados das ações educativas, identifique áreas de melhoria e forneça devolutivas fundamentadas para a tomada de decisões.

3.1 A importância do monitoramento e da avaliação para a Política Nacional

As etapas de monitoramento e avaliação são fundamentais para a implementação das ações planejadas, a partir dos seis focos principais de atuação da gestão escolar na Escola das Adolescências. Elas permitem que a equipe de gestão escolar identifique, analise e ajuste continuamente as ações adotadas, garantindo que estejam alinhadas aos objetivos de qualidade e equidade estabelecidos.

Os elementos desta seção pretendem apoiar os(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as) a refletirem sobre:

- A importância do monitoramento e da avaliação;
- As ações necessárias para organizar os processos de monitoramento e avaliação na escola.

Para garantir que a implementação das ações planejadas a partir dos seis focos principais de atuação da gestão escolar na Escola das Adolescências seja eficaz e permaneça relevante ao longo do tempo, mesmo diante de mudanças na equipe gestora ou no corpo docente, é imprescindível estabelecer um processo contínuo de monitoramento e avaliação. Essas ações são essenciais para assegurar a consistência e o alinhamento das estratégias com os objetivos de qualidade e equidade para os Anos Finais, considerando as condições socioeconômicas, raciais, étnicas, de gênero, de deficiência e de orientação sexual de cada estudante. Trata-se de um processo contínuo que envolve planejamento, coleta, análise e interpretação de dados para acompanhar e medir os indicadores selecionados, permitindo priorizar o que precisa ser feito e aprimorado.

Os indicadores são fundamentais para a tomada de decisões, pois permitem:

- Realizar um bom diagnóstico, amparados por evidências em dados;
- Priorizar ações de forma estratégica;
- Aplicar recursos de maneira eficaz e equitativa;
- Ajustar as ações planejadas conforme o contexto escolar.

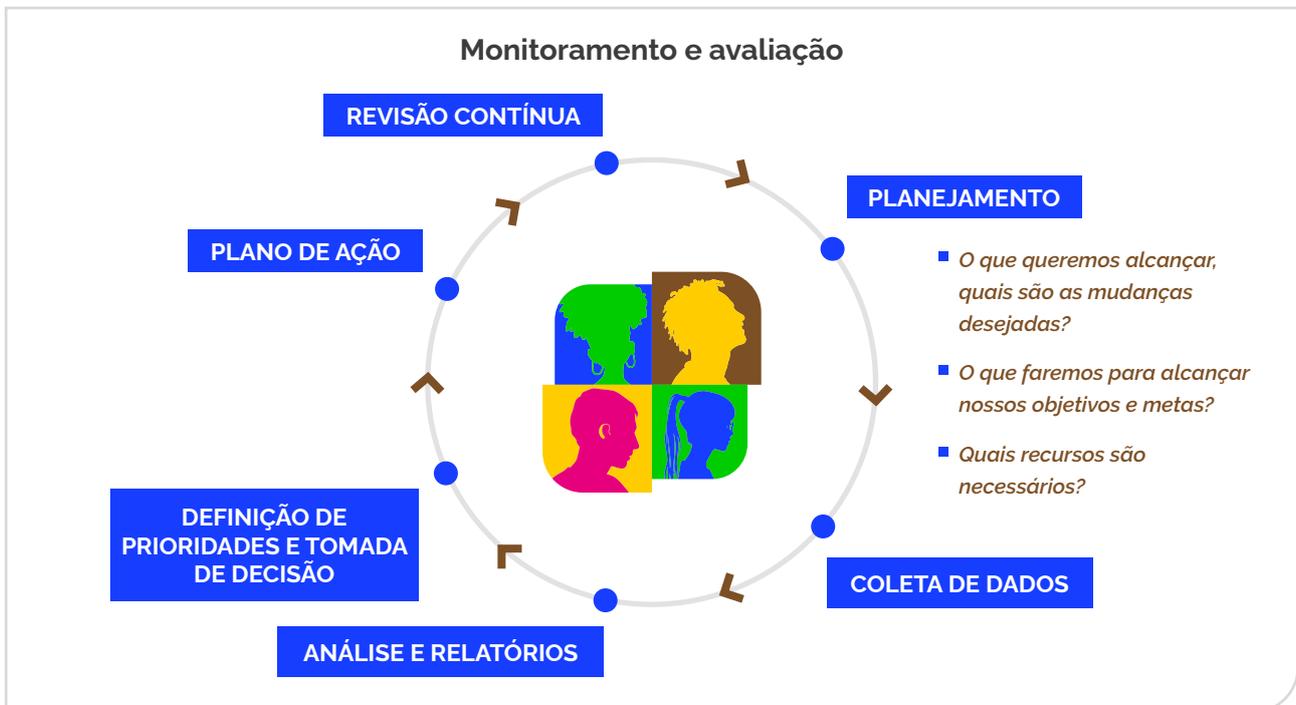
Conheça alguns indicadores importantes que podem ser adotados para cada um dos seis focos principais de atuação da gestão escolar:

Foco	Indicadores
<p>1. Transição contínua entre etapas</p>	<ul style="list-style-type: none"> ■ Percentual de estudantes participantes nas atividades de acolhimento ■ Índice de satisfação dos(as) estudantes (escala de 1 a 5) após a transição ■ Percentual de professores(as) capacitados(as) em práticas de transição escolar ■ Percentual de participação das famílias/responsáveis em reuniões de transição escolar
<p>2. Clima escolar acolhedor e seguro para os(as) adolescentes</p>	<ul style="list-style-type: none"> ■ Nível de satisfação dos(as) estudantes com a escola (escala de 1 a 5) ■ Número de atividades escolares voltadas para diversidade e inclusão ■ Número de ações educativas de combate ao preconceito e discriminação realizadas ■ Percentual de conflitos resolvidos por mediação ou conciliação
<p>3. Articulação entre escola, família e comunidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> ■ Percentual de famílias participantes em decisões escolares ■ Número de parcerias ativas com outras instituições ■ Percentual de famílias que recebem e respondem as comunicações escolares ■ Percentual de avaliações positivas da comunidade sobre a escola
<p>4. Aprendizagem e desenvolvimento integral para todos(as)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ■ Percentual de estudantes do 6º, 7º, 8º e 9º ano com evolução positiva nas médias acadêmicas ao longo do ano ■ Percentual de estudantes com distorção idade-ano do 6º, 7º, 8º e 9º ano ■ Percentual de estudantes com defasagem participando em atividades de recomposição de aprendizagens ■ Percentual de estudantes com nível adequado de aprendizagem no 9º ano em cada componente curricular ■ Percentual de estudantes que demonstram progressão em habilidades socioemocionais ■ Número de adaptações curriculares realizadas para pessoas com deficiência (PCD) ■ Taxa de evasão escolar geral e por subgrupos (renda, gênero, raça, deficiência etc.) ■ Taxa de abandono geral e por subgrupos ■ Taxa anual de reprovação geral e por subgrupos
<p>5. Participação dos(as) adolescentes na vida escolar</p>	<ul style="list-style-type: none"> ■ Percentual de estudantes engajados(as) em conselhos estudantis ■ Índice de <i>feedback</i> positivo dos(as) estudantes sobre o ambiente escolar ■ Percentual de estudantes beneficiados(as) por programas de tutoria ■ Média de projetos colaborativos desenvolvidos por estudante

Foco	Indicadores
<p>6. Prevenção da violência e promoção da cultura de paz</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Número de conflitos por ano escolar ▪ Percentual de estudantes envolvidos(as) em programas de prevenção à violência ▪ Percentual de professores(as) que participaram de formação continuada em cultura de paz ▪ Percentual de <i>feedback</i> positivo sobre as ações de promoção da paz

Além dos indicadores propostos, sugerimos que as equipes de gestão conheçam também os Indicadores da Qualidade na Educação - Ensino Fundamental²⁴ e os Indicadores de Qualidade na Educação - Relações Raciais na Escola²⁵, opções de instrumentos flexíveis que as escolas podem utilizar integralmente ou como inspiração para avaliar a qualidade da oferta educacional, considerando suas experiências locais. Cada escola tem autonomia na aplicação dos instrumentos de monitoramento e avaliação da implementação da política no ambiente escolar. No entanto, recomenda-se atenção às orientações da Secretaria de Educação.

Para organizar os processos de monitoramento e avaliação, recomendamos a execução das seguintes ações:



²⁴ O material completo pode ser acessado no documento [Indicadores da Qualidade na Educação - Ensino Fundamental](#), disponível para download no site da [Ação Educativa](#).

²⁵ O instrumento pode ser acessado no documento [Indicadores da Qualidade na Educação - Relações Raciais na Escola](#), disponível para download no site da [Ação Educativa](#).

As ações contínuas de monitoramento e avaliação são indispensáveis. É por meio delas que se torna possível compreender os resultados, identificar desafios, analisar dados e ajustar estratégias educativas, financeiras e de infraestrutura. Esses processos garantem que as ações para a implementação da Política Nacional Escola das Adolescências estejam alinhadas aos objetivos de qualidade e equidade, além de subsidiar a tomada de decisões com relatórios analíticos.

Esse trabalho é liderado pelo(a) Diretor(a) Escolar, em parceria próxima e sistemática com a Coordenação Pedagógica. Por isso, é essencial destacar que:

- O uso de ferramentas e estratégias de monitoramento e avaliação contribui para a padronização de processos, a eficiência na coleta de dados, a precisão e a confiabilidade das informações, além de otimizar a tomada de decisões.
- Cada escola possui autonomia na aplicação dos instrumentos de monitoramento e avaliação no seu contexto. No entanto, é recomendável seguir as diretrizes da Secretaria de Educação para garantir o alinhamento com as políticas educacionais.
- Para cada um dos seis principais focos de atuação da gestão escolar na implementação da Escola das Adolescências, é recomendada a definição de indicadores específicos.



Saiba mais

Conheça as estratégias e ferramentas que podem ser utilizadas para organizar o planejamento, a coleta e análise de dados, a definição de prioridades, o plano de ação e as ações para revisão contínua, no **Capítulo 4** do **Guia de apoio ao desenvolvimento profissional de Diretores(as) Escolares**, disponível [aqui](#).



3.2 Insumos para a melhoria contínua da gestão escolar

A adoção de estratégias eficazes é fundamental para a melhoria contínua da gestão escolar, permitindo que o(a) Diretor(a) Escolar e sua equipe contribuam para que a unidade de ensino alcance resultados sustentáveis e de alta qualidade em sua unidade de ensino. Com uma abordagem estratégica, a equipe gestora pode identificar pontos de melhoria, antecipar desafios e adaptar-se às mudanças no ambiente educacional.

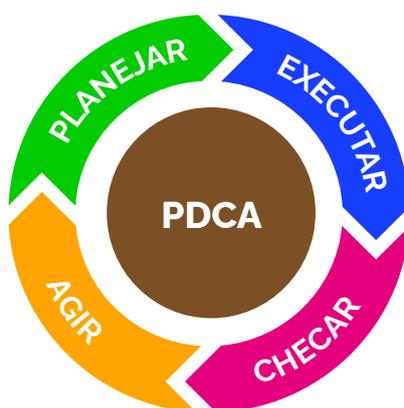
Os elementos desta seção têm como objetivo apoiar os(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as) na reflexão sobre:

- O uso da ferramenta Planejamento Estratégico para a Aprendizagem (PDCA) e da (Auto)Avaliação Escolar Participativa como meios para fortalecer melhoria contínua das práticas de gestão escolar na implementação da Escola das Adolescências.

Uma escola que valoriza as adolescências investe em práticas pedagógicas e de gestão inovadoras, promovendo a participação ativa dos(as) estudantes, o trabalho colaborativo e a reflexão crítica sobre o mundo ao seu redor. É uma escola que reconhece a importância da educação integral e se dedica ao desenvolvimento físico, cognitivo, social, emocional e cultural dos(as) adolescentes.

A seguir, são apresentadas duas possibilidades que podem contribuir para a implementação de ações de melhoria contínua na escola, aproximando-a dessa perspectiva e de uma gestão escolar mais eficaz.

1 - Planejamento Estratégico para a Aprendizagem (PDCA)



O que é	Para que serve	Como usar
Um ciclo metodológico amplamente utilizado para promover a melhoria contínua e a solução de problemas. A sigla PCDA , em inglês, significa <i>plan</i> (planejar), <i>do</i> (executar), <i>check</i> (checar), <i>act</i> (agir). Esse ciclo é repetido continuamente para garantir que as melhorias sejam sustentáveis e eficazes ao longo do tempo.	O PDCA auxilia na otimização de processos e no alcance de objetivos definidos, promovendo melhorias constantes e identificando oportunidades de inovação. Sua aplicação do PDCA em uma escola possibilita uma gestão mais eficaz, fornecendo dados concretos para a tomada de decisões, evitando retrabalho e desperdício de tempo (Shewhart, 1931).	A gestão escolar pode utilizar o PDCA como uma forma de organizar seus objetivos, ações e resultados. Em síntese: <ul style="list-style-type: none"> • Planejar: definir metas, prazos e indicadores de desempenho; • Executar: implementar o plano com a colaboração de toda a equipe escolar; • Checar: analisar os resultados, revisando e ajustando o plano conforme necessário; • Agir: corrigir falhas e estabelecer novos padrões.

Exemplo de aplicação do PDCA no contexto escolar

Incidência: aprendizagem e desenvolvimento integral para todos(as).

- **Planejar:** com o apoio da equipe escolar, a Direção Escolar e a Coordenação Pedagógica identificam que o desempenho dos(as) estudantes em Matemática está abaixo do esperado. Diante disso, definem em conjunto a meta de aumentar a média das notas em 10% ao longo do semestre e desenvolvem um plano que inclui ações de recomposição das aprendizagens, formação dos(as) professores(as) e uso de recursos didáticos adicionais.
- **Executar:** o plano é implementado, com a oferta de aulas voltadas à recomposição das aprendizagens, a formação continuada dos(as) professores(as) e a distribuição de novos materiais didáticos.
- **Verificar:** durante o semestre, as notas dos(as) estudantes são monitoradas e comparadas com as metas estabelecidas, permitindo a análise dos avanços obtidos.
- **Agir:** se a meta for alcançada, as práticas bem-sucedidas são incorporadas ao currículo. Caso contrário, os(as) profissionais da gestão escolar reavaliam o plano, identificam falhas e implementam novas estratégias para o próximo ciclo.

2 - (Auto)Avaliação Escolar Participativa

O que é	Para que serve	Como usar
É uma abordagem que envolve estudantes, professores(as), familiares e toda a comunidade escolar no processo educativo, colocando os(as) estudantes no centro do aprendizado. A participação ativa de toda a comunidade escolar enriquece o currículo formal e fortalece a avaliação participativa.	Capacitar a todos(as), especialmente os(as) estudantes, a definirem metas, refletirem sobre seu progresso e tomarem decisões sobre a avaliação, promovendo responsabilidade e autoconsciência (Luckesi, 1995). Eles(as) se sentem valorizados(as) e pertencentes quando percebem que seu ponto de vista importa na construção do cotidiano escolar.	É importante definir critérios e metas por meio de diálogo aberto com a comunidade, fornecer devolutivas regularmente e mutuamente, ajudando cada sujeito a ajustar suas estratégias de ação de acordo com suas funções e objetivos, além de revisar e alinhar o Plano de Ação continuamente, com base nas devolutivas e na autoavaliação.

Exemplo de aplicação da (Auto)Avaliação Escolar Participativa

Incidência: clima escolar acolhedor e seguro para os(as) adolescentes.

1. Planejamento:

- Uma escola decide utilizar a (Auto)Avaliação para melhorar o ambiente escolar;
- O(a) Diretor(a) Escolar e sua equipe criam uma Comissão de Avaliação composta por professores(as), estudantes, famílias e membros da comunidade, com foco na promoção de um ambiente mais acolhedor e inclusivo.

2. Coleta de dados:

- A gestão escolar aplica questionários e realiza entrevistas para entender as percepções sobre o clima escolar²⁶;
- A gestão escolar observa a dinâmica escolar e analisa dados de frequência, incidentes disciplinares, situações de violências, entre outros.

3. Análise dos resultados:

- A gestão escolar descobre que muitos(as) estudantes se sentem excluídos(as) e que há conflitos frequentes durante os intervalos;
- A gestão escolar identifica áreas de melhoria, com o fortalecimento das relações entre os(as) estudantes, maior supervisão durante os intervalos e maior apoio socioemocional.

²⁶ Conheça o *Manual de orientação para a aplicação dos questionários que avaliam o clima escolar*, produzido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (Gepem - Unesp/Unicamp), acessando [aqui](#).

4. Plano de ação:

- A gestão escolar implementa ações, como formação para educadores(as) sobre práticas de convivência, mediação de conflitos e estratégias de ensino inclusivo; realiza, com os(as) professores(as), campanhas periódicas de conscientização sobre *bullying* e *cyberbullying*, diversidade e respeito às diferenças para estudantes e famílias; e promove alguns eventos para envolver a comunidade escolar nestas temáticas.

5. Implementação e acompanhamento:

- As ações são realizadas e monitoradas ao longo do semestre, com ajustes conforme necessário.

6. Reavaliação:

- Após um semestre, a gestão escolar realiza uma nova (Auto)Avaliação.

Considerações finais

As recomendações, ferramentas e estratégias apresentadas neste Guia indicam que, para ter êxito na implementação da Política Nacional Escola das Adolescências, é necessária uma mudança no olhar e nas práticas dos(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as) e de sua equipe, voltando-se para uma educação com equidade.

1

É importante compreender a etapa da adolescência e suas especificidades, potencialidades, principais características e transformações como ponto de partida para a construção da Escola das Adolescências. Além disso, é fundamental reconhecer que o desenvolvimento é caracterizado pela diversidade, promovendo o estabelecimento de relações pautadas no respeito mútuo, garantindo que as diferenças não se convertam em desigualdades ou exclusões.

- A adolescência é uma fase de potencial único para a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos(as) estudantes, que deve ser respeitada e valorizada.
- Os(as) estudantes que iniciam esta etapa ainda estão na transição da infância para a adolescência, sendo necessário acolhê-los(as) nas transformações que experienciam.
- Os(as) adolescentes estão passando por um intenso processo de amadurecimento cerebral, que se torna mais especializado de acordo com a qualidade das experiências e interações vivenciadas.
- Nesta fase da vida, o córtex pré-frontal - área do cérebro responsável por funções como autoconsciência, tomada de decisão, organização, memória e autorregulação - está terminando de se formar, sendo esse um período crucial para a promoção de projetos, situações de aprendizagem e o uso de recursos e propostas pedagógicas que estimulem e orientem o desenvolvimento dessas capacidades. É essencial que os(as) professores(as) trabalhem com intencionalidade as habilidades de funções executivas, aliando-as aos conceitos-chave dos componentes curriculares e ao ensino de estratégias de aprendizagem.
- O conhecimento sobre o cérebro adolescente e seu desenvolvimento contribui para uma melhor organização da escola e das ações pedagógicas, resultando em um ensino mais eficaz por parte dos(as) professores(as) e, conseqüentemente, em uma aprendizagem mais significativa para os(as) estudantes. É importante que

os documentos curriculares, as práticas pedagógicas e os processos avaliativos considerem ao longo dos Anos Finais esse amadurecimento, com progressão adequada de conceitos e habilidades.

- Os(as) estudantes adolescentes vivenciam novos modos de sentir e agir no mundo, definindo, buscando e conhecendo quem são e o que querem. A isso, somam-se as condições, características e marcas que os sujeitos trazem consigo, como raça, etnia, deficiências, condições corpóreas, entre outras.
- Na escola e na adolescência, esses marcadores sociais da diferença se fazem presentes e podem ter diferentes significados e desdobramentos conforme o contexto de cada adolescente.
- É fundamental a responsabilidade dos(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as) na promoção da equidade, por meio da abordagem desta temática sob a perspectiva interseccional, desenvolvendo e incentivando estratégias para combater as discriminações no contexto escolar.
- O panorama sobre a diversidade nas adolescências destaca a urgência de estratégias educacionais focadas nas fases de transição entre as etapas escolares, pois os indicadores de reprovação e abandono escolar aumentam significativamente nos anos de transição entre etapas de ensino.

2

A Política Nacional Escola das Adolescências destaca a aprendizagem de todos(as) os(as) adolescentes e a promoção do desenvolvimento integral de cada um(a), impactando currículos, práticas pedagógicas, processos formativos, entre outras dimensões.

- Os quatro grandes objetivos da Política Nacional Escola das Adolescências estão pautados na articulação, atendimento, acolhimento e aprendizagem, com o intuito de apoiar a qualidade educacional sob a perspectiva da equidade.
- Para alcançar esses objetivos, é necessário que as ações da política garantam: uma transição contínua entre etapas; um clima escolar acolhedor e seguro; a articulação entre escolas, famílias e comunidades; a aprendizagem e o desenvolvimento integral para todos(as); a participação dos(as) adolescentes na vida escolar; a prevenção à violência e a promoção da cultura de paz.

- Destacam-se três dimensões que estruturam a implementação da Política e que devem pautar a atuação do(a) Coordenador(a) Pedagógico(a): currículo e práticas pedagógicas; cultura e clima escolar; gestão, formação e acompanhamento.

3

Os(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as), em parceria com os(as) demais profissionais da equipe gestora e apoiados pelas Equipes Técnicas da Secretaria de Educação, são lideranças educacionais comprometidas com a equidade na implementação das ações da Política Nacional Escola das Adolescências nas unidades escolares.

- Equidade não é o mesmo que igualdade. Apenas garantir condições iguais não resolve ou minimiza as diferenças, pois cada grupo social possui necessidades específicas. A Política Nacional Escola das Adolescências tem um compromisso inegociável com a equidade na educação.
- Os(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as) desempenham um papel estratégico enquanto lideranças educacionais promotoras da equidade: garantem, de modo equânime, a qualidade dos recursos pedagógicos e da formação de educadores(as), com o objetivo de promover a aprendizagem e o desenvolvimento integral de todos(as) os(as) estudantes.
- Ser uma liderança educacional comprometida com a equidade envolve, também, trabalhar para criar ambientes inclusivos, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e valorizadas. Envolve cultivar uma atitude de abertura frente ao novo e a prática da escuta ativa, sendo capaz de incorporar diferentes visões no planejamento e execução da Política Nacional Escola das Adolescências, com flexibilidade e capacidade de se adaptar a imprevistos.
- A Coordenação Pedagógica, em parceria com a equipe de gestão escolar, atua pelo cuidado com o clima escolar, pela promoção de uma cultura de paz e na articulação com familiares e comunidade.
- Elaborar e/ou revisar o PPP da escola à luz dos princípios e diretrizes da Escola das Adolescências é uma ação fundamental para garantir o alinhamento, engajamento e participação dos(as) estudantes e de toda a comunidade escolar com a proposta, de modo democrático e participativo.

4

A atuação do(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) na construção da Escola das Adolescências demanda o planejamento de uma rotina de acompanhamento das aprendizagens e das práticas pedagógicas, além de um plano de formação em serviço para a equipe docente, a fim de garantir alinhamento e desenvolvimento profissional contínuo.

- É papel do(a) Coordenador(a), em parceria com os(as) professores(as) e o(a) Diretor(a), elaborar um plano de formação docente, que contemple reuniões pedagógicas, observação de aulas com devolutivas e momentos formativos estruturados, em diferentes formatos, contando com parcerias internas e externas.
- As ações devem promover espaços e oportunidades de escuta, reflexão, diálogos e compartilhamento sobre o processo de ensino e aprendizagem, partindo dos objetivos e metas estabelecidos pelo PPP e outros documentos e planejamentos institucionais, além de um levantamento contínuo do perfil, das necessidades e dos interesses formativos dos(as) professores(as).
- O monitoramento e a avaliação das ações formativas são fundamentais para o aprimoramento da prática docente, pois possibilitam uma reflexão crítica sobre as estratégias de ensino e aprendizagem implementadas, bem como sobre os resultados e impactos na aprendizagem dos(as) estudantes.

5

As etapas de monitoramento e de avaliação são estratégicas para a implementação das ações planejadas, direcionadas aos seis principais focos de atuação da gestão escolar na Política Nacional Escola das Adolescências. Elas permitem que a equipe de gestão escolar identifique, analise e ajuste continuamente as ações adotadas.

- O uso de ferramentas e estratégias de monitoramento e avaliação contribui para a padronização de processos, a eficiência na coleta de dados, a precisão e a confiabilidade das informações, além de otimizar a tomada de decisões.
- Monitorar e avaliar inclui garantir a todos(as) os(as) estudantes uma educação equitativa e de alta qualidade, que considere as condições socioeconômicas, raciais, étnicas, de gênero, de deficiência e de orientação sexual.

- Cada escola possui autonomia na aplicação dos instrumentos de monitoramento e avaliação da implementação da política no contexto escolar. No entanto, é aconselhável que as orientações da Secretaria de Educação sejam seguidas de perto. Para cada um dos seis principais focos de atuação da gestão escolar na implementação da Escola das Adolescências, recomenda-se a definição de indicadores específicos.
- O planejamento e execução de ações para a implementação da Escola das Adolescências na escola requer da gestão escolar a adoção de processos de melhoria contínua, como o ciclo PDCA e a (Auto)Avaliação Escolar Participativa.

Referências bibliográficas

AÇÃO EDUCATIVA; UNICEF; PNUD; INEP; SEB/MEC. *Indicadores da qualidade na educação: ensino fundamental*. 4. ed. São Paulo: Ação Educativa, 2013. 92 p. ISBN 978-85-86382-27-7.

AÇÃO Educativa. *Indicadores da qualidade na Educação: Relações raciais na escola*. Disponível em: <https://indicadoreseducacao.org.br/indique-relacoes-raciais/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

ANTONELLI-PONTI, M.; FERRAZ, T.; CORDOBA-VIEIRA, J.E. *Adolescências e Transições: Estruturas e currículos voltados para os anos finais do ensino fundamental e transição para o ensino médio*. São Paulo. Lepes e Itaú Social, 2024.

Com base nas informações fornecidas, a referência no formato ABNT ficaria assim:

AUBERT, Adriana; FLECHA, Ainhoa; GARCÍA, Carme; FLECHA, Ramón; RACIONERO, Sandra. *Aprendizagem dialógica na sociedade da informação*. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

AZEVEDO, S. *O acompanhamento das aprendizagens dos estudantes e os bons usos da avaliação: a necessidade de documentar o percurso com instrumentos adequados*. CEDAC, 2016. Disponível em: <https://rodaeducativa.org.br/wp-content/uploads/2021/05/O-acompanhamento-das-aprendizagens-dos-estudantes-e-os-bons-usos-da-avaliac%CC%A7a%CC%83o2.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2024.

AZNAR-FARIAS, M.; SHOEN-FERREIRA, T. H.; SILVARES, E. F. *Adolescência através dos séculos*. *Psic.: Teor. e Pesq.* 26 (2), Jun 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/MxhVZGYbrsWtCsN55nSXszh/>>. Acesso em: 12 nov. 2024.

BLAKEMORE, S. J.; UTA, F. *O cérebro que aprende: lições para a educação*. Lisboa: Gradiva Publicações, 2009.

BRASIL. *Adesão ao PDDE Escola das Adolescências*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6pyYykiTT_w. Acesso em: 15 nov. 2024.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://portalmeec.gov.br/index.php>. Acesso em: 3 set. 2024.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília, DF: Senado Federal, 1990.

BRASIL. *Guia de apoio às transições e alocações de matrícula*. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-das-adolescencias/guia-de-apoio-as-transicoes-e-alocacao-de-matriculas.pdf>. Acesso em: 3 set. 2024.

BRASIL. *Guia de apoio ao desenvolvimento profissional de Diretores(as) Escolares*. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-das-adolescencias/V2GuiadeapoioaodesenvolvementoprofissionaldeDiretoresasEscolares.pdf>. Acesso em 20 dez. 2024.

BRASIL. *Guia para implementação da recomposição das aprendizagens*. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/recomposicao-aprendizagens/GuiaparaImplementaodaRecomposiodeAprendizagens.pdf>. Acesso em 20 dez. 2024.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996.

BRASIL. *Plataforma de Avaliação e Acompanhamento das Aprendizagens*. Disponível em: <https://avaliacaoaprendizagensanos finais.mec.gov.br/#!/pagina-inicial>. Acesso em: 15 nov. 2024.

BRASIL. *Recomendações para Proteção e Segurança no Ambiente Escolar*. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cartilha_recomendacoes_protecao_seguranca_ambiente_escolar.pdf.

BRASIL. *Roteiro de devolutiva para gestores de escola*. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-das-adolescencias/guia-de-apoio-as-transicoes-e-alocacao-de-matriculas.pdf>. Acesso em: 3 set. 2024.

BRASIL. *Semana da Escuta das Adolescências nas Escolas*. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/areas-de-atuacao/eb/escola-das-adolescencias/semana-da-escuta-das-adolescencias>. Acesso em: 3 set. 2024.

BRASIL. *Uso de telas por crianças e adolescentes*. Disponível em: <https://www.gov.br/participamaisbrasil/uso-de-telas-por-criancas-e-adolescentes>.

CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO. *Guia de Grêmios e participação estudantil na escola*. 2023. Disponível em: <https://campanha.org.br/gremios/guia-gremios-e-participacao-estudantil-na-escola/>.

CARDOSO, Beatriz. *Ensinar: tarefa para profissionais*. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

CNV BRASIL. *Círculos Empáticos*. Disponível em: <https://contato.site/69be28e04a/maquina-padrao/metodologia-circulos-empaticos>. Acesso em: 1 set. 2024.

CONVIVA Educação. *Participar e Conviver na Escola das Adolescências*. YouTube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9hZYAe7it1s>. Acesso em: 17 jan. 2025.

CONVIVA Educação. *Escutar e acolher na Escola das Adolescências*. YouTube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KNNNKpKhQZU&t=1s>. Acesso em: 17 jan. 2025.

DIAZ, P.; PEREZ, T. (org.). *Coordenação pedagógica: identidade, saberes e práticas*. São Paulo: Moderna, 2023.

DIVERTIDA Mente 2. Direção: Kelsey Mann. Produção: Mark Nielsen. Roteiro: Meg LeFauve e Dave Holstein. Pixar Animation Studios, 2024.

FUNDAÇÃO ITAÚ. *Acolhimento e clima escolar*. 2023. Disponível em: <https://fundacaoitau.org.br/escola/autoformativos/acolhimento-e-clima-escolar>. Acesso em: 17 jan. 2025.

FURLANETTO, E. C. Formação de formadores: um território a ser explorado. *Revista Psicologia da Educação*, n. 32, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/39190>. Acesso em: 18 jan. 2025.

GARET, M.; PORTER, A.; DESIMONE, L.; BIRMAN, B.; YOON, K. What makes professional development effective? Results from a national sample of teachers. *American Educational Research Journal*, v. 38, n. 4, p. 915-945, 2001.

HAIDT, J. *A Geração Ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

HERCULANO-HOUZEL, S. *O cérebro adolescente: A neurociência da transformação da criança em adulto*. Amazon.com.br: Loja Kindle, 2015.

INEP. *Censo Escolar 2005*. Brasília, DF: INEP, 2023.

ITAÚ Social. *Anos Finais do Ensino Fundamental: desafios e perspectivas*. YouTube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VQkuO-5o8E>. Acesso em: 18 jan. 2025.

LEPES. *Esquecidos! Crise nos Anos Finais do Ensino Fundamental*. YouTube, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xt9bsLzo9dw&t=2378s>. Acesso em: 15 jan 2025.

LUCK, H. *Liderança em gestão escolar: a administração participativa em educação*. Petrópolis: Vozes, 2010.

MARCELO, C. *Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro*. Sísifo. *Revista de Ciências da Educação*. N. 8. Jan/abril, 2009.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Seminário Internacional: Construindo uma escola para as adolescências*. YouTube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iZdARBEN4H4&t=13509s>. Acesso em: 18 jan. 2025.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Uma Escola para as Adolescências*. YouTube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZSRErlopdlI>. Acesso em: 15 jan 2025.

MORAIS, A.; MORO, A.; VINHA, T. (Coord.). *Manual de orientação para a aplicação dos questionários que avaliam o clima escolar*. Campinas: Editora FE-UNICAMP, 2017. Disponível em: <https://www.bibliotecadigital.unicamp.br/bd/index.php/detalhes-material/?code=79559>.

MORICONI, Gabriela Miranda. *Formação continuada de professores: contribuições da literatura baseada em evidências*. São Paulo: FCC, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/textosfcc/issue/view/340/169>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Relatório mundial da saúde*. Genebra: OMS, 1998.

PEREZ, Claudia. *Adolescências e juventudes: trajetórias e vulnerabilidades*. São Paulo: Cortez, 2019.

PEREZ, Tereza (Org.). *Diálogo escola-família*. Comunidade Educativa CEDAC, Fundação Santillana, Editora Moderna, 2019. Disponível em: <https://rodaeducativa.org.br/dialogo-escola-familia/>.

PERRENOUD, P. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; SOUZA, Valéria Oliveira de. *Coordenação pedagógica e formação de professores: o espaço de atuação do coordenador pedagógico*. São Paulo: Loyola, 2012.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; SOUZA, Valéria Oliveira de. O coordenador pedagógico e a formação docente: itinerários de um percurso profissional. In: PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (org.). *O coordenador pedagógico e a formação docente*. São Paulo: Loyola, 2010. p. 13-24.

PRO dia nascer feliz. Direção: João Jardim. Produção: Flávio R. Tambellini. Roteiro: João Jardim. Brasil: 2005.

RED: Crescer é uma Fera. Direção: Domee Shi. Produção: Lindsey Collins. Roteiro: Julia Cho e Domee Shi. Pixar Animation Studios, 2022.

SIEGEL, D. J. *Cérebro Adolescente: o grande potencial, a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos*. São Paulo: nVersos, 2016.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. de M. Adolescência através dos séculos. *Psic.: Teor. e Pesq.* 26 (2). Junho, 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ptp/a/MxhVZGYbrsWtCsN55nSXszh/>. Acesso em 15 jan. 2025.

SOARES, F.; GUIMARÃES, C. R.; FONSECA, I. C. da; ALVES, M. T. G. *A permanência escolar importa: indicador de trajetórias educacionais*. Observatório da Fundação Itaú, 2024. Disponível em: <Indicador-de-trajetórias-educacionais.pdf>. Acesso em: 25 maio 2024.

STEINBERG, L. *Cognitive and affective development in adolescence*. Trends in Cognitive Sciences, fev. 2005.

UBERT, A., FLECHA, A., GARCÍA, C., FLECHA, R., e RACIONERO R, S. *Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información*. Barcelona: Hipatia, 2008.

UNICEF. *Trajетórias de sucesso escolar: recomendações para escolas*. 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1EQcHX9EjZfg5jbXLEbsOkymMYTLqnKI/view>. Acesso em 17 jan. 2025.

UNIVERSIDAD DE BARCELONA. Incluíd-ed: *Estratégias para a inclusão e coesão social na Europa a partir da educação* [versão resumida da pesquisa]. Comunidade de Aprendizagem, 2009. Disponível em: <https://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/material-s/26/2944b1fd4df2988d4fa0a95f796cec1b.pdf>. Acesso em 17 jan. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades. *Glossário da diversidade*. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: https://noticias.ufsc.br/files/2017/10/Gloss%C3%A1rio_vers%C3%A3ointerativa.pdf. Acesso em: 3 set. 2024.

VASCONCELLOS, Celso dos S. *Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula*. São Paulo: Libertad, 2002.

VINHA, T. P.; TOGNETTA, L. R. P. Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. *Rev. Diálogo Educ.* [online]. 2009, vol.09, n.28, pp.525-540. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-416X2009000300009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 3 set. 2024.

Apêndice: rubrica visão das adolescências

Estabelecer uma visão positiva e compartilhada sobre as adolescências é essencial para a equipe escolar construir a Escola das Adolescências, reconhecendo a adolescência como uma fase rica em potencial e fundamentada em conhecimento científico.

1	1-2	2	2-3	3	3-4	4
<p>A equipe escolar tende a ver a adolescência apenas como uma fase de transição e percebe os(as) adolescentes como difíceis, sem considerar o potencial e as experiências que moldam seu desenvolvimento e aprendizagem.</p>	<p>Entre o nível 1 e 2.</p>	<p>A equipe escolar reconhece que experiências influenciam o desenvolvimento e a aprendizagem dos(as) adolescentes, mas tem uma visão limitada das oportunidades positivas dessa fase. Há alguma preocupação com a autonomia dos estudantes, porém sem um planejamento claro para incentivá-la.</p>	<p>Entre o nível 2 e 3.</p>	<p>A equipe escolar valoriza as adolescências e reconhece a importância de um ambiente inclusivo. Compreende o desenvolvimento dos(as) adolescentes considerando aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais e aplica estratégias para promover vivências positivas, autonomia e engajamento dos(as) estudantes.</p>	<p>Entre o nível 3 e 4.</p>	<p>A equipe escolar valoriza a adolescência como uma fase rica em oportunidades de desenvolvimento, com práticas baseadas em conhecimentos sobre as relações e o processo de aprendizagem adolescente. Com foco na educação integral, promove vivências que fortalecem o autoconhecimento, a autonomia e o engajamento, ajustando continuamente suas estratégias para atender às necessidades dos(as) estudantes e assegurar que cada voz seja respeitada e incluída.</p>

Evidências que embasam a resposta:

Apêndice: estratégias que promovem uma boa transição entre etapas

Algumas ações preparam o(a) estudante para que conheça a jornada que virá e, com isso, adquira segurança para enfrentá-la, como:

- **Rodas de conversa sobre a etapa seguinte** – fazer do processo de transição um tema frequente nas discussões com os(as) estudantes, especialmente durante os últimos anos de cada etapa - 5º e 9º anos.
- **Conexões entre estudantes das escolas de origem e de destino** – criar um espaço virtual ou físico que facilite a interação entre turmas das escolas envolvidas na transição, permitindo o compartilhamento de experiências, projetos e aprendizagens; realizar atividades de interação mediadas pela equipe gestora escolar, como trocas de cartas, vídeos ou apresentações entre estudantes novos e veteranos, proporcionando um ambiente para tirar dúvidas, dar dicas e compartilhar vivências; estabelecer projetos colaborativos sobre temas curriculares ou questões sociais relevantes, ou um programa de mentoria, no qual estudantes do 6º ano e da 1ª série do Ensino Médio atuem como mentores(as) para colegas do 5º e 9º ano, respectivamente. Essas iniciativas, mesmo provenientes de escolas diferentes, incentivam o fortalecimento de laços, promovem um ambiente de apoio mútuo e criam vínculos.

Para o acolhimento

Ações de acolhimento promovem um ambiente inclusivo, seguro e acolhedor para todos(as), principalmente para quem está em transição. Elas buscam fortalecer os vínculos, não somente entre estudantes, mas também entre docentes, famílias e comunidade, demonstram respeito à diversidade e atendem às necessidades individuais. Algumas sugestões:

- **Visita guiada** – organizar atividades em que estudantes veteranos(as) apresentam a estrutura física da escola e os(as) profissionais que fazem parte da comunidade escolar, incluindo gestão, docência, cantina, secretaria, manutenção do prédio e no transporte escolar, entre outros. Além disso, propor que estudantes que estão há mais tempo na escola atuem como monitores(as) dos(as) ingressantes, acompanhando-os(as) na hora do lanche, nos intervalos e na ida até o transporte escolar. Essa é uma boa proposta para envolver quem repetiu o ano, valorizando o do conhecimento que têm da escola e contribuindo para cultivar também seu sentimento de pertencimento.

- **Apresentação da escola** – organizar oficinas em que estudantes de todos os anos preparem materiais de apresentação da escola para os(as) ingressantes e para a comunidade. Esses materiais podem incluir cartazes para áreas comuns e vídeos curtos de boas-vindas, com dicas sobre o espaço, a história da instituição, as regras e os eventos culturais e esportivos.
- **Apresentação da equipe docente** – planejar encontros em que professores(as) e expliquem como organizam suas aulas e tragam dicas para quem está chegando ao 6º ano. Para ingressantes no Ensino Médio, vale esclarecer sobre a estrutura da 1ª série e da nova etapa, incluindo os desafios e as oportunidades dos dois anos seguintes. De forma geral, também é válido apresentar atividades extracurriculares, projetos científicos, culturais e esportivos, além das estruturas disponíveis para sua realização.
- **Oficinas misturando estudantes de vários anos** – promover oficinas com inscrição voluntária e por afinidade, em que a coordenação pedagógica e a equipe docente trabalhem temas variados, permitindo que estudantes de diferentes anos se misturem e sugiram novos temas. Grupos de esporte, dança, leitura, matemática, ciências, teatro e música, entre outros, são potentes para acolher e cultivar o desejo de pertencimento, dentro da perspectiva de uma educação integral. O objetivo é proporcionar espaço e tempo para as trocas e o abordar questões que possam dificultar o relacionamento entre adolescentes de todas as turmas, incentivando a formação de vínculos entre aqueles(as) que passam pela transição.
- **Semana de acolhimento** – organizar, na semana inicial do ano letivo, ações focadas no acolhimento, fazendo desse momento um rito de passagem que contribua para um sentimento de crescimento e de conquista – mesmo que acompanhado da ansiedade diante do novo. A programação deve ser organizada e executada de forma participativa pela comunidade escolar, garantindo que o protagonismo esteja com os(as) estudantes, as equipes gestoras, os(as) familiares e os(as) responsáveis. Uma sugestão é integrar escolas de um mesmo território, criando um cardápio de atividades dentro e fora da sala de aula. O papel da gestão escolar, da orientação educacional, da coordenação pedagógica e da equipe docente é fundamental para que as atividades sejam verdadeiramente acolhedoras.

Para fortalecer o senso de pertencimento

O fortalecimento do senso de pertencimento é fundamental para o desenvolvimento socioemocional dos(as) estudantes, especialmente durante os períodos de transição. Sentir-se integrado(a) à comunidade escolar aumenta a confiança e o engajamento, e contribui para um ambiente educativo inclusivo e acolhedor. Para promover esse sentimento, é essencial implementar atividades contínuas de integração, colaboração e valorização das diversidades, além de ouvir e valorizar todos(as) os(as) estudantes.

- **Diálogos e participação** – promover debates e rodas de conversa sobre temas relevantes à transição, oferecendo espaços para reflexão e diálogo sobre a convivência e as mudanças sociais e emocionais durante essa fase; realizar escuta ativa e incentivar a participação das estudantes e dos(as) estudantes, em conjunto com a equipe gestora e docentes, na identificação de opiniões sobre a escola, no que gostariam de ver nela e em sugestões de atividades e estratégias para o ciclo de acolhimento do próximo ano letivo, garantindo que as propostas sejam implementadas. Algumas estratégias de escuta e diálogo estão disponíveis na [página da Semana da Escuta das Adolescências](#).
- **Grupos de acompanhamento de estudantes** – promover um espaço coletivo de reflexão, trocas e aprendizagens ao longo do ano, com moderação de profissionais da escola, da equipe docente, da orientação educacional, do serviço de psicologia ou da assistência social, preferencialmente com experiência na mediação de grupos de adolescentes. A iniciativa deve ser aberta a familiares, abordando temas como os desafios dessa etapa da vida, o percurso escolar, os estranhamentos vividos na nova escola e outros assuntos de interesse do grupo.
- **Desenvolvimento socioemocional em círculos de discussão** – organizar encontros regulares nos quais os(as) estudantes tenham a oportunidade de abordar temas como autoestima, resolução de conflitos e gestão do estresse, em um ambiente seguro para a expressão de sentimentos, promovendo a empatia e fortalecendo os laços.
- **Professor(a) de referência** – oferecer suporte personalizado e próximo aos(as) estudantes, especialmente nos períodos de transição, por meio de professores(as)-referência que atuem como mentores(as). Esses(as) professores(as) serão responsáveis por acompanhar um grupo específico de estudantes, fornecendo orientação acadêmica e apoio emocional; ajudar os(as) estudantes a lidar com as dificuldades escolares e pessoais, oferecendo um ponto de apoio constante; facilitar a adaptação às novas rotinas, expectativas e ambientes; criar um ambiente de acolhimento e segurança, reduzindo a ansiedade e o estresse associados à mudança; atuar como mediadores(as) em situações de conflito; ajudar o grupo a lidar com questões emocionais e sociais; e servir uma ponte entre a escola e as famílias.

Para estimular o protagonismo estudantil

As ações que incentivam o protagonismo dos(as) estudantes oferecem a preparação para que assumam um papel ativo na própria aprendizagem e no próprio desenvolvimento, contribuindo para uma transição segura.

- **Grêmios Estudantis e Clubes** – fomentar a organização de grêmios abertos ao debate de ideias, à proposição de projetos e ao engajamento na vida escolar, além de Clubes que proporcionem a oportunidade de aprofundar conhecimentos, desenvolver habilidades e construir laços de amizade em torno de interesses comuns, como música, dança, teatro, esportes, robótica, jornalismo e culinária.
- **Aprendizagem baseadas em projetos** – planejar projetos que possibilitem uma aprendizagem ativa e significativa, envolvendo a investigação de temas relevantes para a vida e a comunidade. Nessa abordagem, os(as) estudantes assumem a responsabilidade pelo próprio aprendizado, tomando decisões sobre o planejamento, a execução e a avaliação dos projetos.
- **Monitorias e tutorias** – convidar estudantes mais experientes para auxiliar colegas com dificuldades, promovendo o aprendizado entre pares e a empatia. Atuar como monitor(a) ou tutor(a) contribui para o aumento da autoestima e da autoconfiança. Nessas atividades, desenvolvem-se habilidades como comunicação, trabalho em equipe, responsabilidade e resolução de conflitos.
- **Conexão com o território** – ampliar os espaços de aprendizagem e o engajamento social para além da escola, permitindo que os(as) estudantes relacionem o que aprendem com a realidade do território e o mundo do trabalho. Atividades externas e práticas promovem habilidades interpessoais como comunicação, adaptabilidade e trabalho em equipe. Projetos multidisciplinares que se debruçam sobre um problema local ou mapeiam saberes e recursos do lugar onde os(as) estudantes vivem reforçam a percepção de que o que aprendem faz sentido e se conecta com o mundo ao seu redor. Esse vínculo com o território também possibilita a compreensão e a abordagem de questões mais amplas, inclusive globais.
- **Festivais e eventos culturais e esportivos** – celebrar a diversidade cultural, promovendo a inclusão e o respeito às diferenças por meio de eventos nos quais os(as) estudantes desenvolvam a criatividade e se expressem por meio das artes. Jornadas esportivas também podem apoiar contribuir para a valorização de talentos múltiplos e o estímulo à colaboração.

Fortalecimento da relação escola/família

Atividades sugeridas

- **Reuniões de acolhimento** – organizar reuniões no início do ano letivo para apresentar às famílias e responsáveis a nova etapa, incluindo as mudanças curriculares, os(as) professores(as) e a rotina escolar. O ideal é que os encontros sejam presenciais, com a participação da equipe pedagógica, explicando as expectativas e proporcionando tempo para dúvidas e preocupações.
- **Encontros de aproximação (ex.: no café da manhã ou lanche da tarde)** – promover encontros informais para permitir um momento de maior contato, debate e reconhecimento dos familiares e responsáveis com a gestão escolar, a coordenação pedagógica e a equipe docente; esses encontros não devem ser estruturados como reuniões tradicionais, uma vez que o principal objetivo é gerar proximidade e confiança. Vale consultar os(as) convidados(as) sobre o dia e o horário mais adequados, com possibilidade de utilizar, inclusive, os fins de semana. Na pauta, podem constar uma visita aos espaços escolares, diálogos mais reservados com cada família e a interação entre as famílias. A gestão deve prever dois formatos para esses eventos, com e sem a presença dos(as) estudantes, para explorar estratégias específicas nas diferentes composições.
- **Comunicação regular com escuta e diálogo** – estabelecer canais de comunicação contínua entre a escola e as famílias. Além de reuniões periódicas, é sugerido o uso de ferramentas como aplicativos de mensagens, e-mails e plataformas educacionais para manter as famílias informadas sobre o progresso dos(as) filhos(as) e sobre eventos escolares. Incluir visitas domiciliares no caso de pais e responsáveis que não conseguem comparecer à escola, mas precisam de um apoio mais intensivo. O fundamental da comunicação será a frequência e a qualidade da escuta e do diálogo. É importante que pais, mães ou responsáveis sejam chamados pelo nome e sintam-se valorizados como parceiros(as) da escola, sendo convidados(as) a contribuir na identificação de problemas e na construção de soluções.
- **Workshops** – Oferecer *workshops* temáticos sobre as adolescências, as mudanças psicológicas e emocionais, e sobre estratégias para apoiar os(as) estudantes nos estudos. É importante convidar especialistas para ministrar palestras e oficinas, criando um espaço de troca de experiências e orientações práticas.
- **Envolvimento em projetos escolares** – incentivar a participação de familiares em projetos e eventos escolares, como feiras de ciências, apresentações artísticas e eventos esportivos; criar comitês de pais e mães para ajudar na organização dos eventos.

- **Orientação vocacional** – oferecer palestras e sessões de orientação vocacional para estudantes, famílias e responsáveis, explicando a estrutura do Ensino Médio, assim como as diferentes opções de carreira e cursos disponíveis para além dele. Uma sugestão é convidar profissionais de diversas áreas para compartilhar suas experiências e orientar estudantes e famílias sobre as escolhas futuras.
- **Feedback contínuo** – implementar um sistema de *feedback* entre a escola e as famílias, em que as famílias e responsáveis expressem suas preocupações e sugestões; realizar pesquisas de satisfação, caixas de sugestões, rodas de conversa e reuniões individuais para garantir que as considerações das famílias sejam atendidas.

Apoio intersetorial da rede de proteção e busca ativa escolar

Atividades sugeridas

REDES DE APOIO

- **Mapeamento das instituições** – mapear a rede de proteção da criança e do(a) adolescente que atua nas comunidades atendidas pela escola.
- **Visitas** – entrar em contato com as instituições identificadas e agendar visitas a elas, a fim de gerar maior proximidade com os educadores(as), articulando e fortalecendo o trabalho coletivo.
- **Parcerias** – organizar ações conjuntas no espaço escolar e nas comunidades atendidas pela escola para fortalecer as parcerias.
- **Identificação das necessidades** – identificar estudantes que demandam maior atenção e construir, com os parceiros, ações para intensificar cuidados e realizar encaminhamentos.
- **Monitoramento** – acompanhar os casos nos quais a ação da rede se intensificou e registrar os encaminhamentos para consultas futuras.
- **Fluxos** – construir fluxos de encaminhamentos específicos para as diversas violências a que estudantes podem estar sujeitos, de modo que, em caso de sinais de risco, as ações de mitigação sejam endereçadas com a urgência necessária.
- **Formação** – capacitar as equipes escolares para identificar e conhecer os fluxos, as rotinas e os(as) responsáveis por atender a cada situação de violência.

BUSCA ATIVA ESCOLAR

- **Frequência** – monitorar a frequência todos os dias letivos e estabelecer períodos fixos (diário, semanal ou quinzenal) para consolidar os dados sobre as turmas e as escolas, e identificar estudantes com faltas excessivas ou suspeitos de abandono escolar.
- **Campanha de matrícula** – realizar campanha, com o suporte da rede de ensino, para que famílias e estudantes recebam apoio no processo de matrícula de forma mais efetiva, garantindo acesso às informações de maneira integrada.

- **Comunicação** – ao final de cada ano letivo, intensificar a interação com famílias e estudantes do 5º e 9º anos, para que tenham conhecimento sobre a matrícula nas unidades escolares mais próximas de sua residência, caso haja mudança de escola.
- **Avaliação de indicadores sociais** – conhecer dados como renda familiar, condições de moradia e acesso a serviços essenciais, para identificar estudantes em situação de vulnerabilidade.
- **Avaliação de indicadores educacionais** – estabelecer estratégia intensificada ao final de cada ano letivo, organizando informações durante a campanha de matrícula para que as equipes de busca ativa e as unidades escolares estejam cientes do cenário de aprovação, reprovação e abandono, dedicando atenção especial a estudantes com risco de evasão. Isso pode ser observado também por sinais de alerta, como desmotivação, desinteresse pelas aulas, dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento.
- **Plano individual** – criar um plano de ação individualizado para estudantes em situação de risco, com medidas específicas para atender às suas necessidades e aos seus desafios em todas as áreas (educacional, emocional etc.)
- **Acompanhamento** – acompanhar o progresso de cada estudante e ajustar o plano de ação conforme as necessidades individuais.
- **Envolvimento da comunidade** – convidar as famílias, responsáveis e a comunidade para que se envolvam na trajetória escolar dos(as) estudantes e no retorno à escola, quando for o caso.
- **Formação** – formar profissionais da educação para atuarem na busca ativa escolar, com foco na identificação de estudantes em risco, na elaboração de planos de ação individualizados e no trabalho em equipe com outros setores.
- **Monitoramento** – monitorar as ações de busca ativa e avaliar os resultados periodicamente, com o objetivo de aprimorar a estratégia.

Apoio a docentes dos anos de transição

Atividades sugeridas

- **Reuniões bimestrais** – organizar encontros a cada dois meses (ou com outra periodicidade, de acordo com o contexto escolar) que sejam espaços de cuidado destinados aos(as) professores(as) e de corresponsabilização pelo acompanhamento conjunto dos(as) estudantes vivenciando os anos de transição. São momentos para acolher as dificuldades, como o sentimento de impotência que pode surgir diante das vulnerabilidades. É necessário ir além do compartilhamento dos desafios e das dores vividas no exercício cotidiano da profissão e focar na construção coletiva de alternativas diante dos impasses.
- **Convite a especialistas** – convidar pessoas externas à instituição para mediar a discussão de temas específicos ou ajudar em casos de maior complexidade. Quando for necessário articular ações com a rede de proteção à criança e ao adolescente, a mediação pode ser feita por assistente social, profissionais da área de psicologia e da orientação educacional vinculados à rede ou mesmo por alguém da equipe docente.

Apêndice: rubrica acompanhamento das aulas

Promover o acompanhamento das aulas de forma sistemática e construtiva é essencial para garantir a coerência e a qualidade pedagógica na Escola das Adolescências. Esse processo contribui para fortalecer práticas pedagógicas alinhadas à aprendizagem para todos(as) e ao desenvolvimento integral dos(as) estudantes, oferecendo devolutivas aos(as) professores(as) e incentivando a reflexão contínua sobre as metodologias adotadas.

1	1-2	2	2-3	3	3-4	4
Realiza observações pontuais das aulas, sem um planejamento estruturado ou critérios claros. Momentos de devolutivas são esporádicos, gerais e pouco focados no desenvolvimento pedagógico dos(as) professores(as) ou na melhoria das práticas adotadas.	Entre o nível 1 e 2.	Planeja o acompanhamento das aulas com foco em aspectos gerais, como cumprimento do cronograma e aplicação de metodologias básicas. Fornece devolutivas práticas aos(as) professores(as), mas sem priorizar a reflexão conjunta sobre as práticas pedagógicas ou o impacto no aprendizado e desenvolvimento integral dos(as) estudantes.	Entre o nível 2 e 3.	Realiza o acompanhamento das aulas com base em critérios claros e alinhados aos objetivos da Escola das Adolescências. As devolutivas são construtivas, baseadas em evidências observadas, e promovem discussões sobre as metodologias utilizadas, o engajamento estudantil, a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos(as) estudantes.	Entre o nível 3 e 4.	Realiza o acompanhamento das aulas de forma sistemática e integrada ao planejamento pedagógico, utilizando instrumentos e dados para avaliar a eficácia das práticas em sala. Fornece devolutivas personalizadas aos(as) professores(as), incentiva a autoavaliação docente e promove reflexões coletivas que fortalecem práticas colaborativas e inovadoras, com vistas à melhoria da aprendizagem e ao desenvolvimento integral dos(as) estudantes.

Evidências que embasam a resposta:

Apêndice: rubrica acompanhamento das aprendizagens

Acompanhar as aprendizagens de maneira contínua e intencional é fundamental para a construção da Escola das Adolescências. Esse processo permite identificar avanços e desafios no percurso dos(as) estudantes, proporcionando intervenções pedagógicas que respeitem os tempos e as singularidades de cada um(a), enquanto promovem o desenvolvimento integral e equitativo.

1	1-2	2	2-3	3	3-4	4
Realiza o acompanhamento das aprendizagens de forma eventual, com foco em questões gerais, como médias e frequência dos(as) estudantes. As devolutivas aos(as) professores(as) são limitadas e raramente incluem orientações para ajustes pedagógicos.	Entre o nível 1 e 2.	Realiza o acompanhamento das aprendizagens com base em dados simples, como desempenho em avaliações formais, priorizando a identificação de dificuldades. As intervenções pedagógicas propostas ocorrem após os resultados, com foco na recuperação, mas sem um planejamento contínuo ou preventivo.	Entre o nível 2 e 3.	Realiza o acompanhamento das aprendizagens de forma planejada e frequente, utilizando dados variados, como avaliações diagnósticas, registros de participação e observações de aula. Incentiva os(as) professores(as) a refletirem sobre as aprendizagens dos(as) estudantes e a adaptarem suas estratégias pedagógicas de forma colaborativa e baseada em evidências.	Entre o nível 3 e 4.	Conduz o acompanhamento das aprendizagens de maneira sistemática e integrada ao currículo, analisando múltiplos indicadores qualitativos e quantitativos. Promove discussões regulares com os(as) professores(as), articulando planos de ação que fortalecem a personalização do ensino e a equidade no processo de aprendizagem. Atua preventivamente, propondo estratégias para potencializar a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos(as) estudantes.

Evidências que embasam a resposta:

Apêndice: rubrica apoio ao planeamento de aulas

Apoiar e analisar o planeamento de aulas dos(as) docentes é essencial para garantir que os princípios e as práticas pedagógicas propostas para a construção da Escola das Adolescências sejam alinhados às necessidades de aprendizagem e desenvolvimento integral de todos(as) os(as) estudantes e promovam o aprimoramento contínuo da ação docente.

1	1-2	2	2-3	3	3-4	4
Realiza análises de planos de aula de forma esporádica e sem critérios claros, focando apenas no cumprimento formal das habilidades previstas e prazos. O apoio aos(as) professores(as) é reativo e limitado a ajustes imediatos, sem promover reflexões ou melhorias significativas.	Entre o nível 1 e 2.	Realiza análises regulares, observando a organização e a coerência dos planos de aula com o currículo. Oferece orientações que auxiliam os(as) professores(as) a identificar pontos de melhoria, mas ainda sem um aprofundamento em estratégias pedagógicas mais inovadoras ou personalizadas.	Entre o nível 2 e 3.	Realiza análises sistemáticas e criteriosas dos planejamentos de aula, assegurando a coerência entre os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, os meios de avaliação da aprendizagem e as metodologias selecionadas. Atua de forma colaborativa com os(as) professores(as), oferecendo devolutivas detalhadas e sugestões práticas para o aprimoramento dos planos elaborados.	Entre o nível 3 e 4.	Realiza análises aprofundadas e contextualizadas dos planejamentos de aula, assegurando o alinhamento entre os objetivos de aprendizagem, o desenvolvimento integral dos(as) estudantes, os instrumentos de avaliação e as metodologias. Trabalha de forma colaborativa com os(as) professores(as), promovendo reflexões conjuntas, sugerindo adaptações e observando aulas, com o objetivo de fortalecer a qualidade pedagógica e a autonomia docente.

Evidências que embasam a resposta:



**ESCOLA DAS
ADOLESCÊNCIAS**